

**“BRINCA QUEM PODE”: Territorialidade e  
(In)Visibilidade Negra em Laguna -  
Santa Catarina**

**Aloísio Luiz dos Reis**

**Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Como Requisito Parcial à Obtenção do  
Título de Mestre**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ilka Boaventura Leite**

**Setembro, 1996**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, composta pelos seguintes professores:**



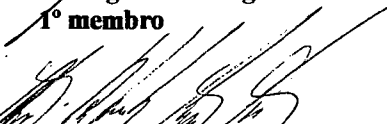
---

**Prof. Dr.ª Ilka Boaventura Leite**  
Presidente



---

**Prof. Dr. Kabengele Munanga**  
1º membro



---

**Prof. Dr. Hélio Raymundo Santos Silva**  
2º membro

**9 de setembro de 1996**

***“Meu enleio vem de que um tapete é feito de  
tantos fios que não posso me resignar a seguir  
um fio só: meu enredamento vem de que uma  
história é feita de muitas histórias.”***

***Clarice Lispector***

***“Dedico esta dissertação a todos os “zumbis” mártires da luta cotidiana;  
a minha mais remota e desconhecida ancestralidade negra;  
aos meus avós que não conheci, aos meus pais, tios e irmãos;  
aos meus primos, sobrinhos e esposa;  
em especial, para o meu filho Akin e para o “Baeta” Paulinho,  
meu tio-padrinho”***

***In memoriam***

***Josiane “Josi” Macedo***

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>06</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>07</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>08</b>
<b>ENTRE PROJETOS E TRAJETOS .....</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>Brincar na “Brinca” Quem Pode? .....</b>	<b>21</b>
<b>I - A (IN)VISIBILIDADE NEGRA EM LAGUNA .....</b>	<b>40</b>
<b>Contexto sócio-histórico - prelúdio da (in)visibilidade .....</b>	<b>44</b>
<b>A ocupação colonial do sul brasileiro .....</b>	<b>49</b>
<b>Apontamentos históricos: o carnaval em “branco” e “preto” .....</b>	<b>52</b>
<b>II - A TERRITORIALIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO .....</b>	<b>63</b>
<b>Espaço religioso - primeira forma de territorialidade negra .....</b>	<b>66</b>
<b>Novos espaços, outros territórios: sociedades musicais e recreativas .....</b>	<b>71</b>
<b>O território de referência: a Roseta .....</b>	<b>77</b>
<b>III - ... DO COTIDIANO AO CARNAVAL .....</b>	<b>87</b>
<b>A Escola: território constituído .....</b>	<b>91</b>
<b>Inserção do grupo na sociedade local .....</b>	<b>103</b>
<b>O calendário e a estrutura organizacional da escola .....</b>	<b>107</b>



<b>IV - “NAS COISAS DE CARNAVAL” .....</b>	<b>118</b>
A categoria nativa “Família” -- usos e sentidos .....	121
A Academia Carnavalesca e o carnaval .....	129
<b>V - O ESPAÇO PÚBLICO TERRITORIALIZADO .....</b>	<b>141</b>
O palco do espetáculo carnavalesco .....	143
O reinado de momo: ...da folia pré-carnavalesca ao carnaval .....	150
Carna-avalizando o cotidiano: a construção simbólica da diferença .....	162
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>171</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>176</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>186</b>

## MAPAS E ILUSTRAÇÕES

<b>i. Correspondência entre territórios interacional e residencial .....</b>	<b>25</b>
<b>ii. Laguna: localização geográfica .....</b>	<b>41</b>
<b>iii. Perímetro urbano de Laguna: os bairros e a “Roseta” .....</b>	<b>43</b>
<b>iv. Expansão urbana de Laguna - (1880) .....</b>	<b>84</b>
<b>v. Expansão urbana de Laguna - (1880-1950) .....</b>	<b>85</b>
<b>vi. Expansão urbana de Laguna - (1850-1983) .....</b>	<b>86</b>
<b>vii. “Brinca Quem Pode” - cronologia dos principais grupos .....</b>	<b>97</b>
<b>viii. “Brinca Quem Pode” - fotos antigas .....</b>	<b>100</b>
<b>ix. “Brinca Quem Pode” - esfera administrativa .....</b>	<b>114</b>
<b>x. “Brinca Quem Pode” - exemplo da representatividade familiar .....</b>	<b>125</b>
<b>xi. “Brinca Quem Pode” - esfera artística .....</b>	<b>134</b>
<b>xii. As ruas do carnaval lagunense .....</b>	<b>147</b>

## RESUMO

A Escola de Samba “Brinca Quem Pode” é, aqui, tratada como uma instância associativa e organizacional de uma parcela da população negra de Laguna. Brincar o carnaval, historicamente proibido e reprimido pelas autoridades policiais, torna-se pouco a pouco um espaço de conquista e de afirmação negra.

Procuro nesse trabalho, reconstituir o processo de formação do Bloco, entendendo-o como inserido na história do grupo e da cidade. O “Brinca”, então, expressa uma dimensão que se estende para além do carnaval, enquanto evento localizado temporalmente; tornando-se um território através do qual outros territórios se articulam, destacadamente o *bairro* onde estabelece sua origem e o *ciclo-carnavalesco* através do qual, a *escola*, busca comunicar-se com toda a sociedade.

Por outro lado, essa estreita relação que se estabelece entre a formação do bairro e da Escola, paralelamente a da cidade; permite o entendimento do espaço conquistado pela população negra em conformidade com as noções de *(in)visibilidade e territorialização*.

## ABSTRACT

The school of Samba “Brinca Quem Pode” is here treated as an associative and organizational institution of part of the black population of Laguna. Playing Carnival, historically prohibited and reprimended by police authorities, becomes little by little a space for conquering and of black affirmation.

I'll try through this work to rebuild the process of the “Bloco” formation, understandable as inserted in the history of the group and of the city, the “Brinca” then, expresses a dimension which extends itself beyond the Carnival as a temporarily localized event; becoming then a territory through which other territories articulate themselves, meanly the *neighbourhood* where it establishes its origin and the *Carnival cicle* through which the *school* searches for communicating with all the society.

On the other hand, this narrow relation which is established between the formation of the neighbourhood and of school paralelly to the one of the town permits the understanding of conquered space by the black population in conformity with the notions of *(in)visibility* and *territorialization*.

## AGRADECIMENTOS

A Ilka, professora orientadora, por sua extrema paciência com o orientando, não por vontade, quase sempre refratário aos prazos. Por suas críticas e sugestões, em meus derradeiros exercícios de “bricolage”;

Aos colegas de curso e de “percurso”: Aglair, Cláudia, Gisela, Alejandro, Lino e Marquito;

Aos professores do PPGAS pela intensa provocação antropológica: Jean Langdon, Lux Vidal, Míriam Grossi, Dennis Werner, Rafael M. Bastos, Sílvio Coelho;

Aos companheiros de “viagem” antropológica: Raquel, Rosana e Jackson;

Aos incentivadores: Prof<sup>a</sup>. Anneliese, Prof. Nelson, Olcimar, Karine, Valeska, Cida, Cláudia, Adiles, Wilson Jr., J. Tadeu, Angela, Ismael, Ivan (amigo e irmão de fé) e a todos os amigos do Movimento Negro;

A Marilise Luiza, pelo esforço e o zelo, na última hora (mesmo!), de revisora;

A Míriam Hartung, por seu inesperado pequeno-grande auxílio;

Aos amigos da secretaria do PPGAS, nessa longa jornada que ora se finda: Carmem, Fátima, Irene, Míriam, Otávio e o colega Ricardo;

Ao pessoal da Livros & Livros pelo apoio “logístico”;

A CAPES, que com sua bolsa me permitiu concluir os créditos com tranquilidade;

Um agradecimento muito especial, aos meus informantes e entrevistados, sem os quais esta dissertação nada seria: Sr. J. Basílio, Sr. J. Salame, Sr. Cacique, Sr. Mário, Sr. Vavá, Sr. Adelaido, D<sup>a</sup> Lina, D<sup>a</sup> Neli, D<sup>a</sup> Rosalina, D<sup>a</sup> Selma, Sr. Nelson, Sr. Bugre, Sr. Verges, Sr. Tidinho, Sr. B. Pascoal (Democratas), Sr. J. Vicente (Vila Izabel, Bem Amados e Democratas), M<sup>a</sup> Emília, Jane, Salete, Chinha, Marlene, Dé, Edson, Filho, Dão (Brinca), Dão (Mocidade), Joel, J. B. Cruz, Bentinho (Mangueira), Zé Luiz (Vila Izabel), Milson (Brinca e Vila Izabel), Cinyria (Brinca e Vila Izabel), D<sup>a</sup> Didi (Fpolis.), Sr. Orlando (Xavantes), Marinho, Marega, D. Bardini (RFFSA), Luci e Neuza (Arquivo Público/Fpolis), Nilton Vale (DER);

E, finalmente, a todos que, por um lapso de memória, não tenha aqui mencionado.

## ENTRE PROJETOS E TRAJETOS ...

Havia chegado em Laguna, local de meu trabalho de campo, no momento em que a cidade e seus habitantes despertavam de seu longo ciclo de hibernação econômica<sup>1</sup>, ao qual a cidade é condenada ao findar o verão. Corria além de seu meado, o mês de outubro de noventa e dois, embora fosse primavera, já se respirava o ar de início da temporada de veraneio. Nesse período, com a intensificação da chegada dos ônibus de turismo a população local começa a prever o movimento de alta temporada e prepara-se boa parte dela (sem distinção social) para obter uma complementação orçamentaria, utilizando-se das mais variadas formas de atividades econômicas, que vão do aluguel de casas a pequenas atividades comerciais, como por exemplo a venda de picolés caseiros (sacolés). Assim a cidade oferece aos olhos do visitante um quadro totalmente diferente dos meses anteriores, adquirindo uma dinâmica e uma expectativa própria da época. Esse foi o cenário de meu trabalho de campo, onde, entre idas e

---

<sup>1</sup> - Utilizo metaforicamente a expressão para caracterizar o período que, anualmente Laguna atravessa, geralmente de abril a setembro, quando o movimento turístico, em relação aos meses de veraneio, cai drasticamente. Sendo o turismo uma das principais fontes de renda da cidade, as atividades comerciais sofrem uma retração, sobretudo as de prestação de serviço e isso traz sérias consequências para população e a economia local. (N. A.)

vindas, entremeadas por longos e curtos intervalos de tempo (aproximados quinze e cinco dias), transitei durante os meses de outubro a abril de noventa e três ...

Num desses dias, entre os finais de janeiro, como quase sempre faço, estando em Laguna, saí de casa com a clara intenção de visitar meu tio. Fazia o trajeto a pé (Magalhães-Centro-Progresso, ou melhor, “Roseta”) absorto em meus pensamentos, havia feito algumas entrevistas, o trabalho tomava um rumo que eu não previra, enfrentava a escassez ou mesmo a inexistência de registros escritos sobre o Brinca, tinha então tomado a decisão de junto aos dados etnográficos, incluir uma análise do discurso que o grupo fazia de si e consequentemente dos outros, relacionando-o a proposição inicial de meus estudos sobre identidade-territorialidade. Os relatos de meus entrevistados, digo informantes!, apontavam elementos discursivos que concorriam para a elaboração de um “nós” em oposição a vários “outros”, localizados no tempo e no espaço, e que compunham um plano, a partir do qual estabelecia-se as noções, isto é as regras de pertencimento, a distintividade, o ser ou não ser do Brinca Quem Pode. Assim sendo, a forma como o grupo narrava-vivenciava seu mito fundador, também, assumia vital importância para o trabalho . O uso que o grupo fazia de sua própria história, incorporava-se ao estudo, integrando-se as proposições iniciais, sobre a forma de memória-tradição, redirecionava minha abordagem no sentido da

territorialidade, da (in)visibilidade, da memória e da identidade. Fazia o trajeto “ruminando” estas idéias; meu olhar perdia-se, entre ruas e avenidas, em direção a lagoa de Santo Antônio, onipresente em quase todo o trajeto<sup>2</sup>. Olhar para a Lagoa, não sei por que razão, trazia-me a cabeça aquele trecho de “Os Argonautas ...” em que Malinowski descreve sua sensação de abandono, de estar só, e segundo ele, ao mesmo tempo tão necessária ao etnógrafo. Embora atormentado por essas mesmas sensações malinowskianas, não as achava tão necessárias assim!, pois ao contrário dos estudos clássicos da antropologia, propunha-me estudar o familiar, mas o fato é que por várias vezes a lembrança desse trecho fantasmagoricamente acercava-se de minha cabeça<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> - Soares (1994, p. 241-2) informa que; “Indagação supõe diálogo, só existe no campo, manifesto ou latente, atual ou virtual, presente ou subjacente, da dialogia: não há interrogação sem participação no mesmo, que inclui os atores como interlocutores, ligando-os nesse jogo, o qual *é mais do que um jogo de linguagem, pois é de troca e enigma*; pois, nesse caso, mais do que um sentido específico, contingente e particular, *o que está em questão é o sentido, a possibilidade do sentido*.” (Grifos meus)

<sup>3</sup> - Sobre observar o familiar, aponto as seguintes questões levantadas por Velho(1978) e pertinentes ao contexto; “O que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento, respectivamente.” ( p. 42)

“Embora familiaridade não seja igual a conhecimento científico, é fora de dúvida que representa certo tipo de apreensão da realidade, fazendo com que as opiniões, vivências, percepções de pessoas sem formação acadêmica ou sem pretensões científicas possam dar valiosas contribuições para o conhecimento da vida social, de uma época, de um grupo.” (Idem, p. 44)

“(…) O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (Idem, p. 45)

O caminho que percorria, era por demais conhecido, cada rua ou atalho que tomava trazia evocações de minha infância, quando, então, o percorríamos, minha irmã caçula e eu, guiados pelas mãos de nossa mãe; como contrapeso, em determinados momentos, minha irmã instalava-se confortável no colo da mãe, sobre protestos do irmão, ávido pelo mesmo tratamento. Ater-me ao trajeto tantas vezes percorrido, desviou-me de minhas preocupações com o trabalho de campo. Agora embalado pelas lembranças, buscava em cada esquina que cruzava, detalhes desapercibidos, no que antes vinha sendo percorrido com certo automatismo. Soava reconfortante naquele momento, recordar quando criança, a satisfação de ver meus primos, de ser por eles recebido, inventar brincadeiras e odiar ser chamado de ‘xavantino’, por residir no bairro de Magalhães, onde o arqui-rival carnavalesco do “Brinca”, o Clube Carnavalesco Xavantes encontrava-se sediado. Ocorria-me, a forma como o trajeto fora por mim memorizado e que, também, me permitia estabelecer a distância até a casa de meu tio, em termos de muito longe, perto e muito perto, questão fundamental tratando-se de um caminho que variava de acordo com a vontade e a disposição de minha mãe em percorre-lo. O que significava com muita ou pouca pressa, um curto ou longo trajeto e as alternativas, saindo do bairro em que residíamos eram muitas, entre a única certeza cruzar a “Paixão”, as alternativas colocadas eram



muitas: passar pela rua de trás da “churrascaria Peralta”, ou pela da frente, tendo diante de si os trilhos e a expectativa de ver passar o trem. Fato que vinha se tornando cada vez mais raro, nos finais da década de sessenta, quando o porto carvoeiro já apresentava os primeiros sinais de desativação. Ficava satisfeito, quando a locomotiva em manobras sem os vagões por nós cruzava. Passávamos o cine “Roma” e seguíamos em dias de pouco vento preferencialmente pela rua da Capitania e Cine Mussi, entre as muitas ruas por onde ir, cruzávamos preferencialmente o Jardim e seguíamos pela rua da Operária, passando em frente ao ensaio da “União”. Passávamos pelo Campo de Fora onde também residia uma de minhas tias, viúva do irmão mais velho de meu pai; encontrá-la era estabelecer uma parada obrigatória, quase sempre interrompida pelos insistentes puxões e pedidos de vamos mãe. Esse era o percurso de minha preferência passando pela “SANDU”, como era conhecido o prédio do Instituto Previdenciário Federal instalado nesse bairro, cruzando em frente ao pátio de manobras da Estação Ferroviária, que naquele tempo não mais era de passageiros, seguindo, então, em direção a Roseta. Perigosamente entre trilhos, atravessávamos o espaço frontal a igreja da localidade, passando por sua lateral, estávamos pertinho da casa de meu tio, ou melhor, exatamente na quadra inicial da rua em que ele residia, de onde sem muito esforço avistava-se a sua casa. Casa

simples de madeira e que em relação ao número de pessoas que nela residiam, transmitia a sensação de muito pequena. Havia, no mesmo terreno, ao lado, uma casa, essa realmente bem pequena, também de madeira, e bastante velha, tal qual a senhora que a habitava; uma velhinha creio que parente de minha tia, não sei em que grau, a quem meus primos carinhosamente chamavam de “vó”<sup>4</sup>. Nunca soube, entretanto, se o tratamento era devido ao grau de parentesco, ou se era dado em virtude de sua quase centenária idade. Interessante é que jamais houve de minha parte curiosidade em perguntar por que meus primos assim a chamavam, antes disso passei, também, a tranquilamente chamá-la de “vó”. Digo tranquilamente porque a figura avó ou avô, era completamente estranha ao meu imaginário infantil, já que não os conhecera, nem maternos, nem paternos, pois, quando nasci, eles há muito haviam falecido. Naquele tempo a Roseta, ao contrário do que hoje é o bairro Progresso, era pouco habitada, havia enormes espaços vazios, onde, contava-se, que num desses terrenos baldios, certa vez um pequeno avião fizera um pouso de emergência, e tal qual um deserto viam-se aos fundos do pequeno morro por onde começara a ocupação do local, um pouco além dos trilhos que por ali passavam, gigantescos cômodos de areia. A existência desses terrenos atraía famílias operárias que ali se estabeleciam, dando origem

---

<sup>4</sup> - “Dindinha” era o tratamento freqüentemente utilizado por meus primos. (N. A.)

aos chamados núcleos habitacionais, que logo se transformariam em Progresso, o bairro. Naquele tempo, minha principal diversão era explorar o terreno dos fundos da casa de meus tios, onde um enorme e assustador matagal escondia a fonte em que minha tia lavava roupa, para mim uma aventura cercada de muitos perigos, dos visíveis (aranhas, cobras e lagartos etc.) aos invisíveis (fantasmas e assombrações) trazidos pelo entardecer, e também, sempre presentes na narrativa dos adultos. O entardecer era também o sinal para as despedidas e de retornar para a casa, o que nem sempre era bem vindo. Ficávamos na torcida, eu e meus primos, para que o meu pai não aparecesse para nos buscar, e quando isso ocorria, para nossa felicidade, meu tio que era motorista da prefeitura, e mesmo nos finais de semana, quase sempre tinha a sua disposição o veículo de trabalho, assim tivesse que nos levar, as vezes de jipe, outras de caminhão. Era uma bagunça só, meus primos e eu, principalmente, quando vínhamos de caminhão, onde havia lugar para todos na carroceria, e o percurso era feito pelo balneário do Mar Grosso, um fecho sempre esperado para uma tarde de divertidas brincadeiras. Essas visitas vespertinas eram sempre realizadas, aos sábados ou preferencialmente aos domingos, e raramente durante a semana, conhecidas como “visita de comadre”, giravam em torno da reciprocidade, pois ao visitar uma comadre essa ficava obrigada a retribuir o mais breve possível a visita recebida, e

as visitas eram tantas, como tantas eram as comadres. Eu sei que a partir da década de setenta, as visitas que minha mãe sempre fazia, foram diminuindo de intensidade até se tornarem raridades, creio que muito contribuiu para essa drástica redução o aparelho de TV comprado nessa época. Sei que, eu, pré-adolescente, não me fiz de rogado, pois, sabia o caminho da casa de meu tio e volta e meia lá chegava, e foi maravilhoso quando ganhei minha bicicleta monareta, como ficou fácil ir até a Roseta, era só pedalar. A partir daí minhas estrepolias e peraltices também aumentaram, e a bem da verdade as surras também !!! Justificava dessa forma o apelido, “Little Monkey”, que meu primo e meu irmão, exercitando o inglês colegial, em mim haviam colocado quando pequeno, e que, frente a minha reação raivosa ao saber o seu significado, acabou colando ...

... De um salto ao passado, caminhando por recordações, cheguei naquela tarde à casa de meu tio, Paulinho ‘Baeta’, ou simplesmente tio Paulo. Ele é esse tipo de pessoa, comum diria, homem de pequena estatura e cabeça tomada em sua quase totalidade pelos cabelos brancos; mas muito rico em sua disposição para vida, cativando a todos com seu carisma, e mesmo diante das maiores adversidades conserva aquele olhar sorridente. Olhar emotivo, que em instantes, abruptamente, pode turvar-se pelas águas, que, espontâneas e generosamente, lhe

escorrem pelo rosto, quando tocado pelas lembranças; então, o riso se transforma em pranto, não de tristeza, mas de saudades do vivido. Conversamos da melhor forma possível, pois com o derrame que sofrera, além de uma paralisia parcial do corpo e fato mais recente a amputação de uma das pernas, que o condenou em definitivo a uma cadeira de rodas. A paralisia também lhe afetara a voz, sendo preciso, às vezes, um grande esforço para compreendê-lo. A situação provocava em mim uma certa incredulidade, pois meu inconsciente recusava a crer que meu tio padrinho, meu anti-herói favorito, assim estivesse. Ele que sempre me impressionara entre todos os seus humanos defeitos, por sua dinâmica, por suas brincadeiras e por sua rebeldia. Mas, ali estava meu velho e querido tio, o assunto daquele dia foi dos mais variados, falamos de futebol e carnaval e sobretudo do “Brinca Quem Pode”, assunto que definitivamente sempre provoca em meu tio a alternância entre riso e choro, a vezes éramos interrompidos por seus netos sempre a sua volta. A casa de meus tios, está sempre aberta a todos, amigos, vizinhos e parentes, o que se percebe de imediato pela presença constante de inúmeras pessoas entrando e saindo, sobretudo em época de carnaval. Naquela mesma tarde, fui convidado por minha prima para assistir os vídeos dos carnavais passados em que o “Brinca” desfilara. Despedi-me de meus tios e segui para a casa de minha prima, distante apenas alguns metros da casa em que estava,

curioso em participar da sessão de vídeo. Estava tão ansioso em assistir ao desfile da escola nos anos anteriores, em busca de elementos etnográficos, que naquele momento não me apercebi da importância daquilo que ocorria a minha volta, dele restou-me apenas o registro e alguns fragmentos de memória. Recordo-me desse dia, o dia em que... assisti a sessão de vídeo, onde exibia-se os desfiles dos anos anteriores da Escola de Samba Academia Carnavalesca, Esportiva e Recreativa “Brinca Quem Pode”; naquela ocasião éramos um pouco mais de uma dezena de pessoas, ocupávamos parte da cozinha, sendo que a maioria havia tomado seus lugares na sala, onde a janela também servia como espaço privilegiado para um dos participantes, que estava do lado de fora. O número de pessoas presentes e o espaço reduzido, reforçava a sensação de grande aglomeração e tornava mais intenso o calor daquele dia de verão. Permanecemos cerca de quatro horas, nesse ritual, as pessoas faziam comentários positivos ou negativos sobre si e sobre as pessoas presentes ou conhecidas, comentários estes que iam desde, a performance no desfile até as mais variadas questões estéticas; ninguém estava, assim, escape de críticas, feitas sempre em tom de brincadeira. Nos intervalos café, chá e biscoitos, eram consumidos avidamente, numa espécie de mini-potlatch, em que todas as reservas de alimento eram gentilmente cedidas pela dona da casa, com muita alegria e sem nenhum sentimento de reprovação.

Posteriormente me foi relatado, que sempre alguns dias antes do desfile oficial de carnaval essas reuniões comemorativas (co-memorar literalmente lembrar junto)<sup>5</sup> são feitas e, mais recentemente, com o auxílio do vídeo servem para visualizar e corrigir os erros cometidos durante os desfiles. Nesse sentido observa-se com bastante interesse o desempenho individual dos componentes, sobretudo passistas, mestre-sala e porta-bandeira; o posicionamento das alas e sua evolução; são feitos alguns comentários de performance e estéticos dos componentes; analisa-se as falhas dos destaques; falhas de alegoria, falhas na decoração dos carros temáticos, enfim são analisados e comparados os mínimos detalhes ocorridos durante os desfiles. Vejo, porém, que há algo mais, ao reunir os cabeças de ala, seus destaques e principais componentes, busca-se indiretamente manter essa base da escola unida. Longe das tentativas de aliciamento dos componentes de alas ou mesmo do próprio cabeça de ala e toda sua ala, uma prática que vem se tornando comum entre as escolas de samba lagunenses, principalmente entre as alas incorporadas sem uma ligação efetiva com os demais

---

<sup>5</sup> - Castro (1994) salienta que; “A palavra comemoração, do latim, *cum-memorare*, lembrar com, está ligada ao termo grego *mnemon*: que lembra, que tem boa memória. Mas *mnemon* vem de *mimneskein*: lembrar-se, pensar. E o prefixo *cum* diz: em união, no todo.” (p. 54)

“Na palavra comemorar encontramos o prefixo *cum-* e o radical *memorar*. O prefixo *cum-* apresenta três significados básicos que remetem para o homem no tempo e no espaço. *Cum-*, é companhia, ou seja, o homem e o outro; é simultaneidade, ou seja, a confluência de tempos diferentes; é reunião, ou seja, localiza num mesmo lugar homens e tempos diferentes. (Idem, p. 93)

componentes da escola. Trazendo-se para dentro de casa todos os cabeças de alas, novos e antigos, busca-se entre eles, estreitar ou estabelecer fortes laços de amizade, traduzidos no sentimento de pertencimento a “Família Brinca Quem Pode”. Isso faz com que esses encontros repitam-se o ano todo, lógico que com outras motivações. Muitos comentários feitos diretamente a determinadas pessoas, fugiam-me. É comum entre os membros da escola o emprego de hipocorísticos e sobretudo apelidos, muito deles restritos aos espaços de convivência, e por isso às vezes as referências feitas a algumas pessoas durante a exibição da fita soavam-me cifradas<sup>6</sup>. Relembrando esses momentos descubro o quão ingênuo fui ao pensar ser um igual, as pessoas com quem convivi nunca deixaram de me ver como um estranho, um diferente, um “outro”; eu ser parente desse ou daquele para o grupo era apenas um mero detalhe, decepção para mim que descobri que para ser do “Brinca Quem Pode” é preciso algo mais ...

---

<sup>6</sup> - Utilizados com frequência pelo grupo esses hipocorísticos (“Dão”, “Chinha”, “Dé”, “Bebé” etc.) ou apelidos (“Sabão”, “Vampiro”, “Cabeça de Tabaco”, “Boca”, “Bugre” etc.), alguns inusitados, exploram uma característica particular de seus possuidores -- transitam do aspecto físico a uma simples característica de personalidade, de comportamento --, assinalam contudo a proximidade que as pessoas mantêm entre si. Observo que muitas vezes eles tornam-se de domínio público e acabam extrapolando os limites do grupo, identificando seu portador na sociedade envolvente. Uma mesma pessoa pode possuir mais de um, ou, versões variantes de um mesmo tratamento. (N. A.)



## INTRODUÇÃO

*“A razão precisa da imaginação e da erótica da interrogação para fecundar a recepção e realizar sua potência comunicativa, mas não pode furtar-se ao reconhecimento permanente de sua precariedade, sob pena de tornar-se vítima de sua própria alienação, cuja figura arquetípica é a autodivinização narcísica, a ilusão de onipotência, a hybris.”*

*(Luiz Eduardo Soares, “O rigor da Indisciplina”)*

### **Brincar na “Brinca” quem pode?**

A Escola de Samba “Brinca Quem Pode”, na atualidade, é formada por uma grande parcela da população negra de Laguna. Sediada no Bairro Progresso, na área correspondente ao que antigamente denominava-se Roseta, a “Brinca” como bloco carnavalesco foi formalmente fundada em 17/02/1947. O nome foi herdado do antigo bloco de salão pertencente ao “Cruz e Souza”, clube negro local, que não mais existe. A adoção do nome mais que uma homenagem, assinala o desejo expresso por seus fundadores, de continuidade histórica, ou melhor, a necessidade de manutenção da “tradição”. Sendo a segunda Escola de Samba a surgir no carnaval de rua lagunense, a “Brinca” desde o seu início, é reconhecida e se reconhece como caracteristicamente negra. A primeira

dissidência de sua história, dá origem, na década de cinquenta, a Escola de “Samba Mangueira”; de onde, numa divisão posterior, surge a Escola de Samba “Vila Izabel”, escolas também de origem negra e que imprimem, cada uma a seu tempo, a marca peculiar ao carnaval de rua da cidade. Uma dissidência interna ocorrida na “Brinca”, nos finais da década de setenta, promove, no primeiro ano da década seguinte, o surgimento da Escola de Samba “Mocidade Independente”. Sendo assim, marcada por esses fatores históricos, a Academia Carnavalesca, Esportiva e Recreativa “Brinca Quem Pode”, durante o ano todo mantém envolvida essa parcela significativa da população negra, mobilizando-a através de múltiplas relações, que estão inscritas no parentesco, na vizinhança, na amizade, no lazer, nas manifestações artísticas e educacionais, enfim, em todas as atividades vividas coletivamente por essa população. A sua vinculação a uma localidade historicamente ocupada por negros e mestiços de origem diversa, aponta aspectos de extrema importância para o entendimento das estratégias visibilizadoras e de territorialização utilizadas por esse contingente populacional de Laguna.

Além das características destacadas acima, a escolha da Escola de Samba “Brinca Quem Pode”, decorreu da necessidade de transformar aspectos por mim vivenciados e percebidos, como membro de uma das famílias que integram a

Escola, em conhecimento antropológico. Buscando com isso, não só fornecer um aporte interpretativo para a trajetória negra num lugar específico do sul brasileiro, mas vinculá-lo a outros lugares do país objetivando elucidar as formas de visibilização e territorialização, as quais a população negra utiliza em diferenciados contextos. O fato da “Escola de Samba” objeto de meu olhar<sup>7</sup> etnográfico, constituir-se num fenômeno iminentemente urbano, acrescenta um aspecto a mais em minha problematização, influenciando decisivamente na definição do referencial teórico. Assim sendo, meu contato com as pessoas que compõe a escola possibilitou compreender a “Brinca” como uma instância associativa, de representação, de história compartilhada, em suma, um locus de vivência e síntese da história da presença negra em Laguna<sup>8</sup>. Por isso, no âmbito desse trabalho a

---

<sup>7</sup> - Barthes (1984, p. 255), observa que, “A ciência interpreta o olhar de três maneiras (combináveis): em termos de informação (o olhar informa), em termos de relação (os olhares trocam-se), em termos de posse (por meio do olhar, eu tacteio, toco, atinjo, agarro, sou agarrado). São três funções: óptica, lingüística, haptica. Mas o olhar *procura* sempre: alguma coisa, alguém. É um signo *inquieta*. Singular dinâmica para um signo: a sua força extravasa-o.

<sup>8</sup> - Por exemplo, Moura (1980, p.143), em seu ensaio “Organizações Negras” assinala que, “O negro brasileiro foi sempre um organizador. Durante o período no qual perdurou o regime escravista, e, posteriormente, quando se iniciou -- após a Abolição -- o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes: quilombos, confrarias religiosas, irmandades, *cantos* na Bahia, grupos religiosos como o candomblé, terreiros de xangô e mesmo de umbanda, mais recentemente.

(...) Em toda a nossa história social vemos o negro se organizando, procurando um reencontro com a suas origens étnicas ou lutando, através dessas organizações, para não ser destruído social, cultural e biologicamente. Já houve, por isto mesmo, que se referisse a um *espírito associativo* do negro brasileiro.”

Escola de Samba Academia Carnavalesca, Esportiva e Recreativa “Brinca Quem Pode” assume a perspectiva de um território de conquista. Lembrando que, segundo Da Matta (1983, p.98), a origem da palavra “brincar”, “vem de “brinco”, do latim vinculu: elo, relação”; e que mais adiante observa,

“(…) o verbo brincar, está cheio de possibilidades metafóricas no Brasil. Assim, brincar significa também relacionar-se, procurando romper as fronteiras entre posições sociais, criar um clima não-verdadeiro, superimposto à realidade.” (Da Matta, 1983, p.112)

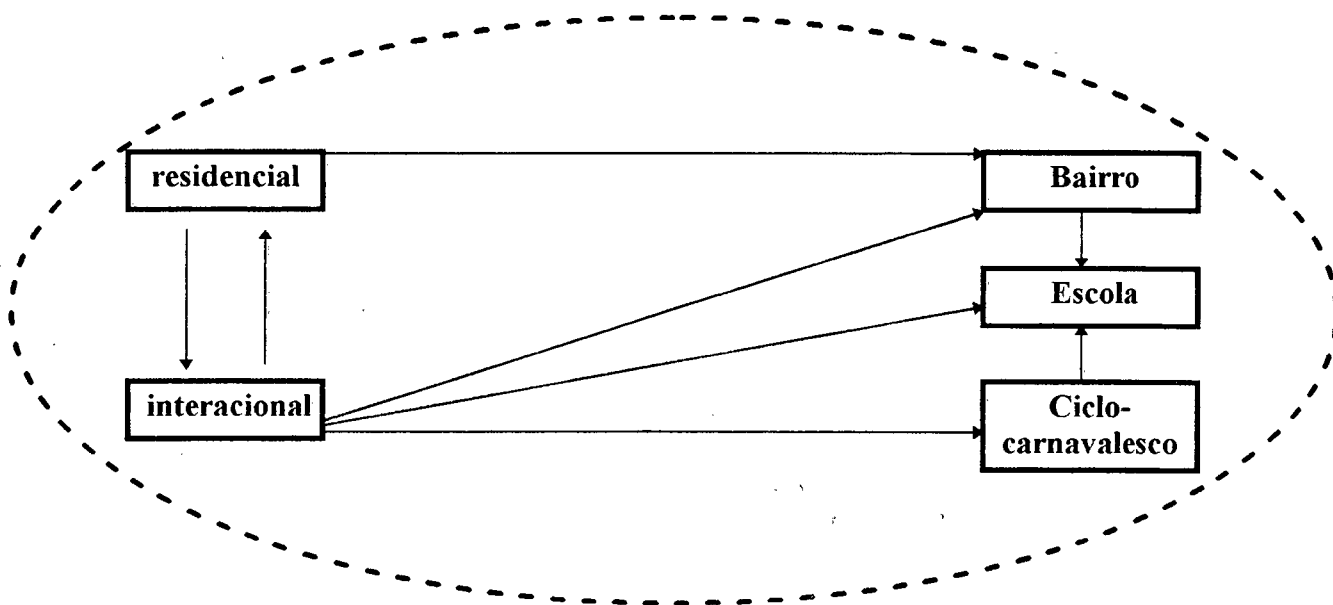
A contextualização sócio-histórica torna-se pertinente, pois permite situar e dimensionar os limites dessa territorialização, compreendida a partir das múltiplas faces, vinculadas ou não, que o território, residencial ou interacional, assume ou pode assumir: de identificação, de pertencimento, de referência, de ação e outras, como veremos no decorrer do trabalho. É importante salientar, que esta divisão do território em interacional e residencial, permite que didaticamente se distinga, os tipos de apropriação simbólica e os vínculos por eles estabelecidos. Como sugere Leite (1990, p.42),

“Existem, a meu ver, dois tipos de ocupação: uma, para habitar, fixa, material, demarcada geograficamente pela fronteira de ocupação territorial, que eu chamarei RESIDENCIAL. Pode servir para habitar e produzir (caso aplicado mais ao rural) ou apenas para habitar (caso aplicado mais ao urbano). A outra, apesar de também ser demarcada geograficamente pela fronteira de ocupação territorial, não é utilizada para morar, mas apenas em determinadas circunstâncias, nem sempre é fixa

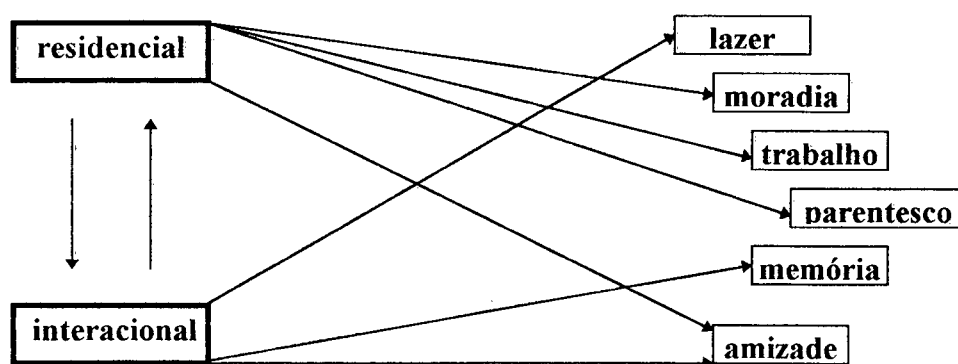
e ocorre principalmente na área urbana. Vou denominá-la INTERACIONAL.”

Esse tipos de ocupação territorial ou instâncias, se entrecortam e se inter-relacionam indicando uma multiplicidade de correspondências, como podemos visualizar nas figuras abaixo:

a) Correspondência entre instâncias e territórios



b) Instâncias territoriais e suas principais correspondências



Proponho, então, analisar a presença e a trajetória histórica negra em Laguna como um processo constante, mas gradual, de territorialização; nessa acepção território torna-se uma noção ampla, com um sentido próximo do que lhe atribui Guattari (1986, p.323);

“O território pode ser relativo tanto a um *espaço vivido*, quanto a um *sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”*. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é *o conjunto dos projetos e representações* nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, *nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos*. (Grifos meus)

Paralelamente a essa conceituação guattariana, e ratificando o já exposto, considero as formas associativas negras (irmandades, sociedades musicais, sociedades recreativas e escolas de samba) encontradas em Laguna como territórios.

Leite (1990) em seu ensaio “Terra, Território e territorialidade: três dimensões necessária ao entendimento da cidadania do negro” observa, a propósito dos espaço ocupados e compartilhados por população predominantemente negra que,

“O território inscreve limites, indica a presença de fronteira concreta, simbólica ou ambas. Torna visível o grupo na dimensão espaço/tempo. Indica a unidade na diversidade.”

Nesse sentido, ao definir limites e traçar fronteiras, operar aspectos inclusivos/exclusivos e ao permitir a identificação dos que nele estão inscritos o território surge como um elemento diferenciador. A autora acrescenta mais adiante, referindo-se a territorialidade que esta,

“pode ser vista como uma relação , um jogo, um tipo de experiência que constrói subjetividade, porque baseada numa linguagem, num conhecimento, num tipo de vivência coletiva que constrói um ou vários tipos de poder. Sua possibilidade de concretização plena se dá através da ação, de dimensão quase sempre política.” (Idem)

Sendo assim, nesse trabalho, o sentido que atribuo ao processo de territorialização, esta diretamente relacionado às múltiplas formas com que o grupo apropria-se do espaço, no qual se inscreve e ao qual, simultaneamente, esta circunscrito; apropriação, simbólica e/ou material, dimensionada política e afetivamente. Muniz Sodré, referindo-se à territorialização, também ressalta o aspecto apropriação, segundo ele,

“Territorialização, ... , “não se define como mero decalque da territorialidade animal, mas como força de *apropriação exclusiva do espaço* ..., capaz de engendrar regimes de relacionamento, relações de proximidade e de distância”. (Sodré, 1988, p. 13) (Grifo meu)

Portanto, tendo em vista esses aspectos, em que a Escola, o Bairro e o Ciclo-carnavalesco estão inseridos, tratarei, a “Brinca”<sup>9</sup>, no decorrer desse trabalho como um território. Concomitantemente, a considero como o ponto de articulação de outros territórios negros, destacadamente o *bairro* em que ela está sediada e onde residem as famílias que a compõe, e o *ciclo-carnavalesco* que a define enquanto Escola de Samba. Territórios construídos nas múltiplas dimensões em que a luta dos negros está historicamente colocada (pelo trabalho, pela casa, pela terra, pela valorização de seus símbolos culturais etc.); refletidas aqui, principalmente nas instâncias residencial (o Bairro) e interacional (a Escola enquanto agremiação esportiva, recreativa e carnavalesca).

O território interacional, que aqui denomino de *ciclo-carnavalesco*, onde a *Escola* constitui o ponto principal, conjuga todas as relações tecidas durante o período de um ano, toda movimentação expressa pela dinâmica da passagem do

---

<sup>9</sup> - Observo que no decorrer do trabalho, referindo-me a escola; ora ela poderá aparecer como *o Brinca*, e ora aparecer como *a Brinca*; por uma questão vivencial trato a escola no *masculino singular*, aliás, como comumente as pessoas a ela se referem, e não no vernacularmente correto *feminino singular*. Embora a veja como *masculina singular*, sempre que possível a tratarei como *feminino singular*, creditando o momento em que ela surgir como *masculina singular* a um ato falho e inconsciente do escritor; se houver algum impasse sugiro, leia-se como: *o território “Brinca Quem Pode”*. Por outro lado, essa ambigüidade colocada e que lhe é inerente enquanto *Bloco* no surgimento e *Escola* na atualidade, também sugere o/a “Brinca” como a fusão de passado e presente (memória/tradição-modernidade) que se projeta no futuro. Segundo Velho, “O *projeto* e a *memória* associam-se e articulam-se ao dar *significado* à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria *identidade*.” (1994, p. 101). (N. A.)



cotidiano carnavalesco ao desfile propriamente dito (considerando-se o pré-carnaval e o carnaval), ou seja, as relações definidas em torno dos compromissos carnavalescos, assinaladas temporalmente por um antes, um durante e um depois do carnaval. Isso quer dizer, mais que um evento datado como muitos o julgam, o carnaval para os que o vivenciam, preenche, marca e delimita um calendário, em todos os seus dias, semanas e meses, onde o “desfile é o apogeu desse ciclo anual” (Cavalcanti, 1994, p.211), dito de outro modo, terminado um carnaval vive-se sempre um outro carnaval. A *Escola*, por sua vez, ao por-se em movimento, ao deslocar-se para a rua, avenida, praça ou passarela demonstra sua vinculação ao *bairro*, através das pessoas e principalmente das famílias que ali residem e a compõe.

Busco seguir um caminho diferente, norteado pelas abordagens, nas quais o Carnaval, o Samba e as Escolas de Samba, tem sido objeto das mais diversas interpretações: marxista, histórica, culturalista, estruturalista etc. Nesse sentido, busco dialogar com autoras e autores, que debruçaram-se sobre a temática, lançando sobre ela diferentes “olhares”, entre os quais destaco, Goldwasser (1975); Da Matta (1977 e 1979); Leopoldi (1978); Rodrigues (1984); Britto (1986); Moraes (1987); Meyer (1993); Silva (1993); Cavalcanti (1994); Tramonte (1995). Em seus respectivos enfoques predominam questões ligadas à resistência

cultural, à dominação ideológica pela inserção do grupo dominante nas escolas de samba, à aculturação, ao tradicionalismo, à integração social etc. Destaco a seguir, os autores e autoras cujo enfoque dado à temática pauta-se por uma leitura sociológica e/ou antropológica.

O Palácio do Samba, estudo antropológico realizado, por Maria Júlia Goldwasser, na Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, procura mostrar uma escola em seus bastidores investigando o seu cotidiano. Ao enfatizar a dimensão cotidiana a autora busca demonstrar de que modo se constrói o sistema de relações internas numa escola de samba, apontando seus significados e suas bases de sustentação social (políticas internas, princípios ideológicos e suas bases sociais).

O ensaio "O carnaval como um rito de passagem" e o livro "Carnavais, Malandros e Heróis" ilustram a abordagem estrutural que Roberto Da Matta faz do carnaval brasileiro. O aspecto central de sua análise está no entendimento do evento carnavalesco pela ótica de um ritual de passagem, presente em toda a sociedade brasileira; que dramatiza e inverte toda a estrutura social. Para o autor o carnaval constitui-se em um espaço de integração social, onde temporariamente são apagadas as diferenças e desigualdades sociais, um momento informal gerador de *communitas* ( no sentido que V. Turner lhe atribui). Traça um paralelo, entre

o carnaval e outras formas ritualizadas da sociedade brasileira (paradas militares e procissões religiosas) e compara o carnaval carioca com o de Nova Orleans. Utiliza como categorias explicativas as oposições binárias entre casa e rua, público e privado.

O propósito contido em Escola de samba, ritual e sociedade, de José Sávio Leopoldi, é o de investigar os fundamentos básicos das agremiações carnavalescas, e sociologicamente apreender e apontar as “dimensões reais” do fenômeno. O autor tem por objetivo a interpretação dos desfiles de escola de samba como manifestações ritualísticas, isto é, um discurso simbólico onde se visualiza aspectos fundamentais da sociedade brasileira.

Samba negro, espoliação branca, trabalho de Ana Maria Rodrigues, parte de uma perspectiva sociológica e procura analisar as relações entre brancos e negros nas escolas de samba cariocas. Inicialmente, em seu trabalho Ana Rodrigues tenta mostrar como os aspectos originais (culturais) ligados às escolas de samba foram rejeitados e como posteriormente esses mesmos aspectos são apropriados pelos grupos dominantes que os recriam dentro de uma ótica mercantilista. Esta dominação ideológica é complementada pela infiltração de componentes da sociedade branca dominante nessas agremiações, gerando no entender da autora um processo de espoliação.

Samba na cidade de São Paulo (1900 - 1930): um exercício de resistência cultural, de Iêda M. Britto, onde a autora procura enfocar em sua análise o samba paulista, caracterizando-o como um exercício de resistência cultural dos negros migrantes das áreas rurais são paulinas para os bairros periféricos da capital paulista: frente a opressão política e cultural dos grupos dominantes. O período escolhido por ela (1900-1930), assinala o momento de formação do mercado capitalista na cidade de São Paulo, nesse momento histórico, as manifestações carnavalescas são vistas, como formas de resistência da população negra e marginal, frente aos valores burgueses cultuados pelas elites paulistas.

O livro “Carnaval carioca - dos bastidores ao desfile”, de Maria Laura V. C. Cavalcanti, é uma etnografia feita junto a escola de samba “Mocidade Independente de Padre Miguel” do Rio de Janeiro. Nele a autora procura descrever o cotidiano da escola, através das várias etapas necessárias para que uma escola possa desfilar no carnaval. Partindo de uma visão geral do carnaval carioca e mais específica do desfile das escolas de samba, a autora analisa as redes de relações que cruzam a sociedade, e com isso viabilizam a realização do desfile, e os variados atores sociais nele envolvido. Detendo-se em especial na figura do carnavalesco e seu papel no interior da escola. Expondo, ainda, a

complexidade da ligação do carnaval (particularmente a escola etnografada) com o esfera da contravenção do jogo do bicho.

Resistência cultural, espoliação, integração social etc. ..., como já assinaei, são questões privilegiadas nas análises feitas sobre carnaval, samba e escolas de samba; algumas dessas abordagens, foram resumidamente, exemplificadas acima.

Partindo desses estudos e tomando-os como parâmetros na consideração dos vários aspectos mencionados, busco contribuir com uma descrição sobre o campo relacional, que se dá na criação da Escola, na história da população negra e da cidade de Laguna e que configura o lugar de um “jogo” marcado, o território.

“A idéia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir-se à demarcação de um espaço na diferença com outros. Conhecer a exclusividade ou a pertinência das ações relativas a um determinado grupo implica também localizá-lo territorialmente. (...)”

Território é, assim, o lugar marcado de um *jogo*, que se entende em sentido amplo como a protoforma de toda e qualquer cultura: sistemas de regras de movimentação humana de um grupo, horizonte de relacionamento com o real. (Sodré, 1988, p.23)

Assim sendo, este jogo de identidades e alteridades, não se esgota nas circunstâncias da Escola de Samba, do samba ou do carnaval, as interpenetra indicando o espaço/tempo em que os negros constróem sua existência étnica e

delimitam sua identidade em relação aos outros na cidade<sup>10</sup>. Observo, ainda, uma estreita relação entre a formação do bairro e da escola, paralelamente, a da cidade. Esta inscrição permite que eu entenda o espaço conquistado pelos negros em conformidade com as noções de (in)visibilidade e territorialização. Em recente trabalho, intitulado *Arte-Educação e Etnicidade: elementos para uma interpretação da experiência do Grupo Olodum*, Carvalho (1994), procura demonstrar a importância de uma localidade, de um bairro, para a afirmação negra, para sua organização. A autora chama atenção para os aspectos de transmissão da memória e dos valores, reaproveitados no contexto da formação do grupo Cultural Olodum em Salvador.

Nesse processo, atualmente, a afirmação de uma identidade positiva para o grupo nas relações sociais é fundamental. Essa relação vem sendo estabelecida em vários trabalhos recentes, incluindo-se o já citado de Muniz Sodré.

Sobre a constituição do carnaval de Laguna, existem variadas versões, algumas citam brevemente os entrudos; outras atribuem essa origem aos "Zé Pereiras"; algumas o situam nos primeiros anos da década de vinte, destacando a

---

<sup>10</sup> - "A priori, a noção de etnicidade não apresenta nenhum conteúdo em si. É um significante disponível, receptáculo apenas definível negativamente: ela designa um universo de práticas, instituições e representações, que não é aquele das classes sociais, nem o das raças, nem somente o universo da cultura. Sendo assim, a formação da sua substância remete logo aos universos conexos do racismo, da cultura, da organização social. Mas ela acrescenta algo que os outros não tem ... É que a etnicidade aponta para a idéia de totalidade - ou uma busca de totalidade - integrando o ser individual com um sujeito coletivo." (Agier, 1991, p. 6-7)

criação dos primeiros blocos improvisados, que contavam com a participação de marinheiros cariocas. A versão oficializada, resume tudo isso, numa fórmula muito simples, a somatória de etapas -- entrudos, "Zé Pereiras", blocos improvisados, blocos de salão, blocos de rua e escolas de samba -- teria sido a trajetória do que, atualmente, denomina-se "carnaval lagunense".

" Assim o Carnaval de Laguna apresentou fases diversas, pois houve época em que as grandes atrações foram os carros alegóricos e de mutação, bem como, posteriormente foram os cordões carnavalescos "Bola Branca" e "Bola Preta".

Hoje, o Carnaval de Laguna é um somatório de todas essas fases, enriquecido, no entanto, por uma participação popular das mais contagiantes." (LAGUNA - 315 Anos de História ...)

Sendo assim, essa perspectiva "somatória" com a qual se descreve o carnaval lagunense, deixa de lado certos fatores fundamentais em sua constituição e extremamente relevantes para a compreensão desse evento. Entre os quais, destaco a existência de dois carnavais, ou formas diferenciadas de vivenciá-lo, operando basicamente pela imposição de barreiras sócio-econômicas e étnicas. Outro aspecto importante, é o pré-carnaval, que com o passar dos anos tem se tornado a manifestação mais característica do carnaval (de rua) lagunense, nele, podemos apreciar aspectos originais da constituição desse espaço sócio-lúdico na cidade. No afã de se estabelecer paralelos com o carnaval carioca, pouca atenção,

também, tem sido dada as influências regionais, geralmente não mencionadas, como as do carnaval porto-alegrense e florianopolitano, em suas várias intercambialidades com o carnaval de Laguna. Esses aspectos são fundamentais para que possamos compreender as especificidades do carnaval de Laguna. Além disso, precisamos ter em mente que a sociedade lagunense forjou suas bases em práticas discriminatórias econômicas e sociais, tornando-se assim dividida entre pobres e ricos; brancos e negros, (o que basicamente, não a difere de outras cidades brasileiras), entretanto, estas práticas proporcionaram uma clara divisão nas formas de brincar e viver o carnaval entre seus habitantes. Anacronicamente, estas práticas segregacionistas, sobretudo nos espaços lúdicos, permaneceram explicitamente até o início da década de setenta. Essa década representa um marco decisivo no carnaval lagunense, ela assinala o encontro-fusão de duas formas distintas de se vivenciar o carnaval em Laguna, a dos “ricos” (a elite local formada por profissionais liberais, altos funcionários públicos, comerciantes e famílias tradicionais) e a dos “pobres” (negros e brancos, em menor número) assalariados e não assalariados, ou seja, a população de baixa renda. É o momento em que o carnaval popular assume grande importância não só turística, como econômica. Embora o modelo de organização adotado (ou desejado) seja o do carnaval carioca; vários fatores contribuem para a diferenciação do carnaval



lagunense em relação a este, entre eles: dependência crônica das verbas públicas, resistência por parte do comércio local em investir diretamente nas escolas, a estruturação familiar das escolas de samba e a pouca profissionalização das mesmas e a inexistência do patronato. Concluindo, insisto, considero nesse trabalho, a Escola de Samba Academia Carnavalesca, Esportiva e Recreativa “Brinca Quem Pode”, como um *tipo de organização* social característica de significativa parcela da população negra lagunense<sup>11</sup>. Organização no sentido que lhe atribui Barth(1976), quando definindo os grupos étnicos, na medida em que se passa a entender e a descrever o fenômeno é importante olhar a fronteira, o dentro e o fora, o conjunto das relações que a definem. E perseguindo esse objetivo, busquei estruturar meu trabalho localizando historicamente a presença dos grupos negros até focalizar especificamente o grupo composto pelos associados e integrantes do “Brinca” e assinalar os critérios de pertencimento definidos ao longo do processo constitutivo da Escola e do Bairro.

No capítulo um, através do conceito de (in)visibilidade, de um jogo semântico-visual incorporado a própria palavra-palavras, procuro demonstrar o paradoxo negro na cidade de Laguna, a que Ellison(1990), se refere o de ser “*visto como não existente*”, o de estar simultaneamente (in/out) “dentro” e “fora”

---

<sup>11</sup> - Ver Cohen (1974), Barth (1976)

do contexto sócio-histórico transformado no visível invisível. No capítulo dois, trato do processo de apropriação negra do espaço urbano lagunense, através de estratégias criadas historicamente, para a conquista e a consolidação dos territórios residencial e interacional. A partir do capítulo três, a ênfase recai sobre a Escola “Brinca Quem Pode”, sua formação histórica, a vinculação ao bairro, os aspectos ligados a memória/tradição, a inserção da Escola na sociedade local, o calendário carnavalesco que esta cumpre anualmente e sua estrutura organizacional. Procuro aqui assinalar os pontos de articulação *Escola--Bairro--Ciclo-carnavalesco--Escola*. No capítulo quatro, exponho a importância das relações de parentesco no interior da Escola, e como elas concorrem na categorização de “família”. Sobre esse aspecto, “Família” desdobra-se em dois sentidos, no primeiro indica aquelas pessoas ligadas por consangüinidade e/ou afinidade; no outro “família” está relacionada aos laços de afetividade (amizade, compadrio etc.), simbolicamente caracterizados na expressão “família Brinca Quem Pode”. Nesse capítulo faço também uma rápida descrição do carnaval da Escola em noventa e três, dando destaque à importância que a esfera artística assume nesse evento e finalizo descrevendo a apresentação da Escola na passarela do samba. No capítulo cinco, considero o carnaval uma forma, embora efêmera, de territorialização do espaço público. Descrevo, ainda, o palco

carnavalesco assinalando a participação do público e o modo de ocupação do espaço, os dois momentos distintos do evento carnavalesco o *Pré-Carnaval* e o *Carnaval* e finalizo relacionando os símbolos, que associados à Escola de Samba no período carnavalesco, proporcionam ao seus componentes sinais de distintividade, sobretudo, no plano discursivo.

Esses cinco capítulos, resultados de minha busca e intitulados: *A (In)Visibilidade Negra em Laguna, A territorialização do Espaço Urbano, Do Cotidiano ao Carnaval, "Nas Coisas de Carnaval" e O Espaço Público Territorializado*; compuseram o meu cenário interpretativo. No entanto, lembrando-me daquela história indiana, narrada por Geertz (1978), eles são só, mais uma tartaruga entre as tantas em que se apoia o elefante, que por sua vez sustenta em suas costas a plataforma sobre a qual repousa o mundo. E que haja mais tartarugas ...

# I

## A (IN)VISIBILIDADE NEGRA EM LAGUNA

*"eu estou fora da  
história. quisera  
ter uns amendoins. ela  
parece famélica em  
sua jaula.*

*eu estou dentro  
da história. ela é  
mais esfomeada do que eu  
imaginava."*

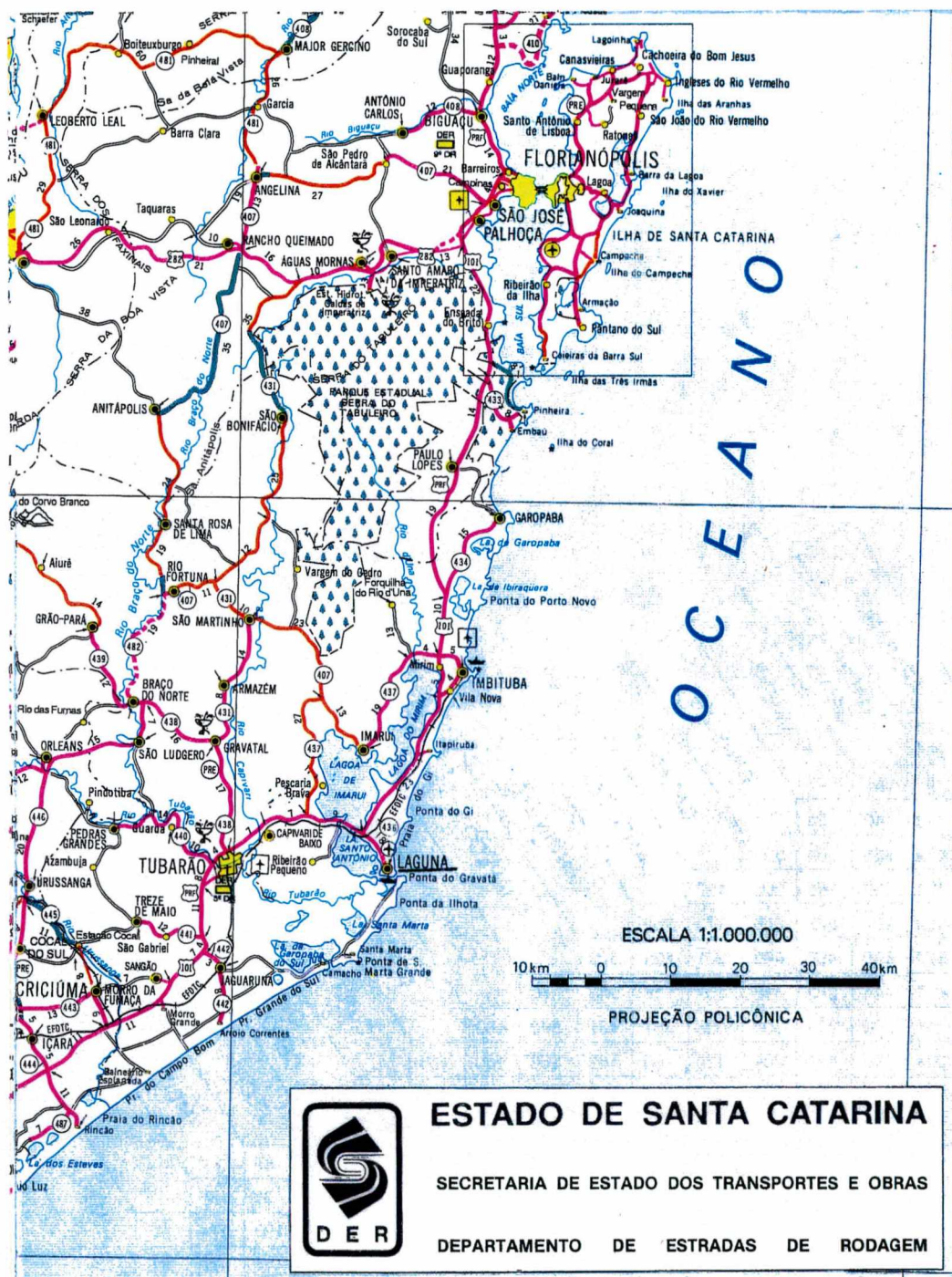
*(Ishmael Reed, "Dualism: in Ralph Ellison's invisible man")*

Laguna foi fundada no século XVII, através do empreendimento colonizador levado a efeito pelo bandeirante vicentino Domingos de Brito Peixoto e seu grupo constituído por familiares, agregados, escravos negros e indígenas, e homens de armas. O ano de sua fundação foi estabelecido, não sem controvérsias, como sendo o de 1676. Laguna<sup>12</sup> é a terceira cidade mais antiga de Santa Catarina, localizada no sul do estado, distando da capital (Florianópolis), cerca de 110 quilômetros (vide mapa p. 41). A perda de importância e a conseqüente desativação da estrutura portuária existente em Laguna, condicionam um longo processo de reordenação de suas atividades econômicas, onde a pesca e o turismo passam a ocupar vital posição. A cidade possui, hoje, uma área aproximada de 20

---

<sup>12</sup> - O município, segundo dados recentes do IBGE (censo de 1991), possui uma população de 44.813 habitantes, sendo 34.137 distribuídos na área urbana e 10.676 na rural; sendo sua área municipal (superfície), na atualidade, calculada em 445,9 km<sup>2</sup>, o que implica em uma densidade de 100,50 hab./km<sup>2</sup>.

# MAPA 1 - LAGUNA: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

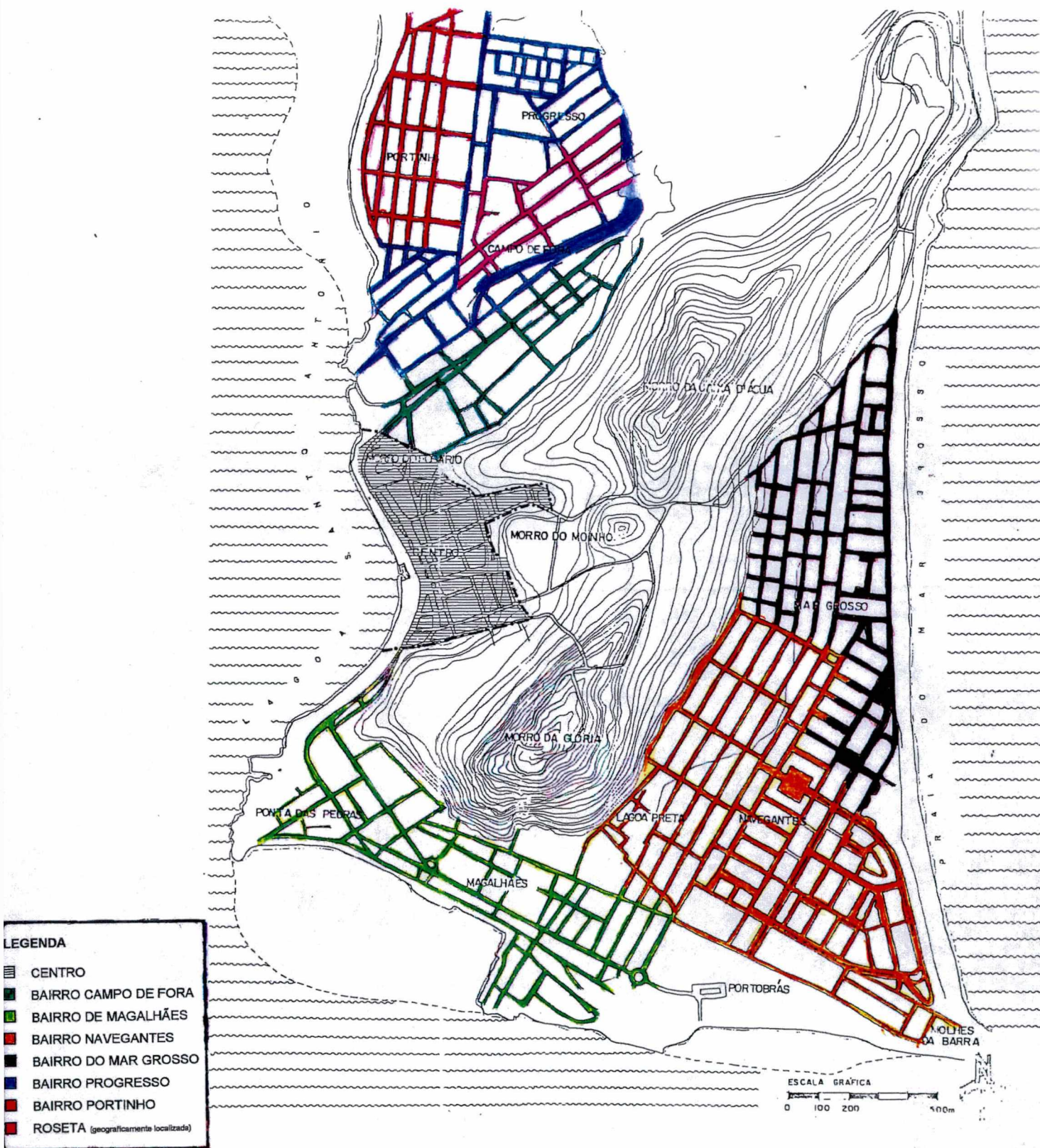




km<sup>2</sup> (cálculo meu), que corresponde a 4,5% da área total do município, e está localizada no extremo-sul do istmo peninsular que assinala a divisa dos municípios Imbituba/Laguna; percorre-se do trevo da Br-101 até o centro (direção sul) 8 (oito) quilômetros. O centro da cidade encravado entre morros e voltado para a lagoa denominada de “Santo Antônio”, tem assim seus limites definidos pelo relevo entrecortado. Os bairros mais antigos, Campo de Fora e Magalhães, surgiram contíguos ao centro; marginando as encostas dos morros em direções opostas, respectivamente o primeiro para norte-nordeste e o segundo sudeste da cidade. A cidade é entrecortada por uma cadeia de pequenos morros (eixo NE—SO), 9(nove) ao todo (oito deles interligados), que a divide longitudinalmente, em lados ocidental e oriental (vide mapa p. 43); mais que uma simples divisão físico-geográfica, hoje, imprimem a cidade dupla face, respectivamente, lado histórico e lado novo. No lado histórico, localiza-se o centro da cidade, tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em virtude de seu acervo (arquitetônico, histórico e cultural); as atividades comerciais; financeiras e os principais órgãos administrativos do município. No lado novo, localiza-se, o hoje, bairro (antigo balneário) do Mar-Grosso, onde efetivamente ocorre o maior crescimento comercial e imobiliário da cidade. Além de demarcar geograficamente a cidade, esses dois lados em



## MAPA 2 - PERÍMETRO URBANO DE LAGUNA : os bairros e a “Roseta”



Fonte: Valorização do Sítio Histórico da Laguna - UFSC/FAU (1983)

Obs: com alterações feitas pelo autor

contraponto permitem histórica, social, econômica e culturalmente situar a população negra nela estabelecida.

### **Contexto sócio-histórico - prelúdio da (in)visibilidade**

Para marcar a forma como a figura do negro vai aos poucos sendo riscada em sua contribuição social e histórica no processo de consolidação e formação do Estado catarinense, utilizo-me da noção de invisibilidade. E assim o descreve Leite (1996, p. 41),

“A noção de invisibilidade, utilizada por vários autores para caracterizar a situação do negro, foi utilizada pela primeira vez na literatura ficcional americana por Ellison (1990) para descrever o mecanismo de manifestação do racismo nos Estados Unidos, sobretudo na entrada dos ex-escravos e seus descendentes no mercado de trabalho assalariado e as relações sociais decorrentes de sua nova condição e *status*. Ellison procura demonstrar que o mecanismo da invisibilidade se processa pela produção de um certo olhar que nega sua existência como forma de resolver a impossibilidade de bani-lo totalmente da sociedade. Ou seja, não é que o negro não seja visto, mas sim que *ele é visto como não existente*. É interessante observar que este mecanismo, posteriormente percebido no Brasil, ocorre em diferentes regiões e contextos, revelando-se como uma das principais formas de o racismo se manifestar. Como *um dispositivo de negação* do Outro, muitas vezes inconsciente, é produtor e reproduzidor do racismo. *A invisibilidade pode ocorrer no âmbito individual, coletivo, nas*



*ações institucionais, oficiais e nos textos científicos.” (Grifo meu)*

Procedimento, que aqui procuro ilustrar ao analisar a presença negra em Laguna, bem como a trajetória histórica dessa população a partir de sua fundação. O relato da fundação de Laguna, cidade que historicamente delineou os limites do litoral sul catarinense, está registrado no requerimento, datado de 1714, feito por Francisco de Brito Peixoto, filho e companheiro de empreendimento de Domingos de Brito Peixoto, citado por Oswaldo R. Cabral e que transcrevemos parcialmente abaixo:

“... a descobrir novas terras que não fossem de pessoa alguma habitadas, e com efeito, no ano de 1676 saíram da Vila de Santos, donde eram moradores, levando consigo cinquenta escravos seus, com os quais bem feitorizavam as suas fazendas... e todo o mantimento necessário para a dita gente, e para dez homens brancos, que com ela iam, ... e nesta viagem lhe morreram mais de vinte e cinco escravos... e assim chegou ao dito sítio da Laguna, fez por em terra os mantimentos e ferramentas que pelo mar tinha mandado na fragata, fundando povoação...” (Cabral, 1976, p.58) (grifos meus)

Além da grande proporção de escravos integrantes, observa-se a que a expressão “de pessoa alguma habitada” atribuída “às novas terras” a ser “descobertas”, desconsidera o contingente populacional indígena ali existente.

Oliven (1996, p. 21), salienta, em seu ensaio sobre “A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul” que,

“A presença do índio também é esmaecida na construção social do Rio Grande do Sul. É comum a historiografia tradicional se referir ao território rio-grandense nos primórdios da colonização ibérica como “terra de ninguém”. Nessa operação, os indígenas eram desconsiderados já que eram vistos como “sem fé, sem rei e sem lei”. As pesquisas arqueológicas assinalam, entretanto, que o Rio Grande do Sul já era habitado há mais de 12.000 anos.”

É importante observar, como se verá mais adiante, que o avanço para o território que iria se transformar no Rio Grande do Sul teve seu início a partir de Laguna, através da população ali residente entre lagunenses e lagunistas<sup>13</sup>.

“Quando do início da ocupação lusitana do Sul, o escravismo havia penetrado profundamente em quase todos os poros da sociedade colonial. Na produção açucareira, na mineração, nas atividades urbanas, enfim, nos mais variados aspectos da vida da Colônia, o negro era o principal pilar. Dificilmente esta realidade não terminaria influenciando o avanço em direção as terras além-Laguna. Negros escravizados devem ter participado destas primeiras expedições. Do Séquito de João de Magalhães, que partiu de Laguna, em 1725, em demanda do Sul, composto de 31 pessoas, ficamos sabendo que era formado, em maior parte, de “homens pardos escravos”. (Maestri Filho, 1984, p. 30)

---

<sup>13</sup> - *Lagunista* é o adjetivo utilizado em certos relatos historiográficos para referir-se a pessoa não nascida em Laguna, mas há muito ali estabelecida. (N. A)

Escrevendo em 1884, Manoel Nascimento da Fonseca Galvão, fiel ao pensamento corrente de sua época, presta um inestimável testemunho, acerca da composição étnica da população lagunense.

"A população composta de índios, mestiços destes, mulatos e negros, faltava o cultivo intelectual e a energia da raça branca, por isso contenta-se com a satisfação das primeiras necessidades..."(Galvão, 1884, p.25)

ou ainda,

"A população primitiva, composta de índios, negros e mestiços, tinha recebido novos subsídios; portugueses e paulistas, ..."

(Idem, p.31)

Fonseca Galvão, omite a presença minoritária branca em relação a população escrava, mascarando assim, os 'poucos e iletrados' (Cabral, 1976) representantes ilustres da 'raça branca' (Galvão, 1884), atribuindo ao contingente populacional escravo as razões do atraso social da povoação. Procurando contrapor-se as afirmativas de Fonseca Galvão, Oswaldo R. Cabral (escrevendo quase um século depois), destaca a presença minoritária de "homens bons", leia-se o eufemismo, como homens brancos.

“Antes mesmo da chegada de Francisco de Brito Peixoto, de volta à Laguna para capitaneá-la, foi instalada a Câmara da Villa, sinal de que a população não possuía aquelas características descritas por Galvão de maneira tão deprimente. É óbvio que uma boa parte dela, quiçá a sua maioria, fosse constituída daqueles elementos citados -- mas à sua frente, evidentemente; sobravam alguns “homens bons”, poucos e iletrados, também é possível, mesmo assim, elementos responsáveis, com liderança na comunidade.” (Cabral, 1976, p.114)

... e, ainda, acrescenta;

“ Em janeiro de 1715, eram Juizes e Oficiais da Câmara da Laguna, Domingos de Oliveira Camacho, João de Magalhães e Manoel Gonçalves Ribeiro ... -- nenhum deles mulato, mestiço de bugre, nem negro ou aborígene, capaz de mexer com os preconceitos acentuadamente racistas de Fonseca Galvão ...” (Cabral, 1976, p.114)

entretanto, Cabral, em sua tentativa de contraposição, emenda, por vias transversas, o soneto inicialmente composto por Galvão. Como se lê, a presença negra e até mesmo indígena é salientada para justificar a falta “de energia” e mesmo de “intelecto”, o atraso e a estagnação do povoado, Galvão (1884. Cabral (1976) ao contrário minimiza a presença de negros, indígenas e mestiços, maioria talvez!, assim o diz, destacando, entretanto, os que estão a frente do povoamento, esses seguramente não pertencentes aos grupos mencionados.

## A ocupação colonial do sul brasileiro

Através de Laguna inicia-se o processo de conquista e incorporação do território rio-grandense à coroa portuguesa. Em 1724, Francisco de Brito Peixoto foi incumbido de fundar uma povoação em terras rio-grandenses; incumbência esta transferida por ele a seu genro João de Magalhães, que com uma frota composta por 30 homens deu início ao empreendimento. Frota esta, como observa e destaca Bento (1976, p. 57) integrada em '*SUA MAIORIA (por) PRETOS E MESTIÇOS DESTA RAÇA*'(sic)<sup>14</sup>. A fundação de Laguna também cumpria objetivos estratégicos, ditados pela coroa portuguesa, ou seja, a criação de um posto avançado, que tornasse possível o apoio militar à Colônia de Sacramento (território que, hoje, corresponde ao Rio Grande do Sul) e que

---

<sup>14</sup> - E que deveria cumprir os seguintes objetivos:

-- Proteger o sangradouro da Lagoa dos Patos da ação dos espanhóis e índios tapes dirigidos pelos jesuítas.

-- Melhorar as condições de travessia do sangradouro, construindo e explorando jangadas e canoas.

-- Estabelecer aliança com os índios minuanos que habitavam a região litorânea, sobre o eixo Laguna - Colônia.

-- Transferir gado alçado existente ao sul do sangradouro para o norte do mesmo.

-- Estabelecer ligação terrestre com Colônia.

-- Estabelecer um registro para cobrança de taxas sobre o gado destinado a Laguna.

-- Impedir a fuga de escravos pretos de Laguna para os domínios de Espanha, ou para junto dos selvagens.

(...) É possível que negros e mulatos da Frota de João de Magalhães figurassem entre os primeiros estancieiros gaúchos estabelecidos, a partir de 1733, com suas estâncias no Rio Grande do Sul, nos vales dos rios Capivari, Gravataí, Sinos, Cai e Jacuí. (Bento, 1976, p. 59)

possibilitasse a conquista efetiva desse território. Esses objetivos, entretanto, conferem a formação inicial (histórica, social e econômica) do território catarinense certa especificidade<sup>15</sup> no cenário colonial brasileiro. Esta especificidade, entretanto, tem permitido a muitos autores definirem a participação do escravo nesse processo, como pouco significativa<sup>16</sup>, entretanto, em seus próprios escritos muitos se contradizem.

Em seu livro, "O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635 - 1975)", Cláudio Moreira Bento, faz a seguinte observação:

---

<sup>15</sup> - Leite (1996, p. 42), observa que: "As terras que vieram a pertencer ao Estado de Santa Catarina encontravam-se em *área estratégica no processo colonial de penetração e ocupação do sul do país*. Mas esta região enfrentou, desde o início, o descaso do governo central, interessado, primordialmente, nas áreas e atividades econômicas voltadas para a exportação. Desequilíbrios demográficos, ausência de uma economia forte voltada para o mercado externo, de investimento de grandes somas de capitais são algumas das explicações mais correntes sobre as consequências desta política. *O território aparece como "vazio" de "gente" e de impulsos econômicos capazes de projetá-lo no cenário nacional*. A importância de Santa Catarina, num primeiro momento, esteve ligada à defesa da costa, como ponto de apoio da navegação marítima para o Prata, e no interior, como rota obrigatória do comércio do charque do Rio Grande do Sul para o abastecimento das minas e centros urbanos emergentes. *A região, portanto, foi considerada, durante o século XVIII, terras de passagem, com pouca fixação, e uma pequena produção voltada para o abastecimento local*." Posicionando-se criticamente, a autora assinala, que essas evidências tem permitido a maioria dos autores atribuírem ao escravo uma participação "muito reduzida" no processo de formação histórica e de composição étnica da população catarinense. Concluindo que, "Descartando qualquer possibilidade de ter havido aí uma atividade econômica que exigisse um expressivo investimento em escravos, ou que tivesse uma dependência irrestrita destes, procuram pôr um ponto final sobre o assunto." (Leite, 1996, p. 42)

<sup>16</sup> - "(...) na literatura científica o negro é invisibilizado, seja porque não intencionam revelar a efetiva contribuição destes, seja porque os textos vão se deter na sua ausência, na reafirmação de uma suposta inexpressividade." (Leite, 1996, p. 40)

“ Domingos Brito Peixoto organizou sua expedição colonizadora em duas frações.

... que teve a seguinte composição:

-- Domingos Brito Peixoto e seus filhos, Cap. de Ordenanças em Santos Sebastião de Brito Guerra e Francisco de Brito Peixoto.

-- 10 (dez) homens brancos.

-- 50 (cinquenta) “ESCRAVOS” PARDOS ...

Alcântara Machado define estes escravos pardos como *Negros e Mulatos*, evidenciando com sua afirmação que Laguna, núcleo irradiador da penetração, desbravamento e conquista do Rio Grande do Sul, foi fundada por uma expedição integrada por cerca de 80% de escravos negros e mulatos da bandeira de Brito Peixoto.” (Bento, 1976, p. 56)

Em seguida, o autor, acrescenta;

“Durante o período 1684-1725, ou sejam, 41 anos, estes negros, mulatos e outros seriam a massa principal para a penetração dos lagunenses no território do Rio Grande do Sul atual.” (Idem, p. 56)

Piazza (1975, p. 37), por exemplo, assinala que, transcorrida a fase de assentamento populacional, inicia-se entre 1789 e 1799 de modo “mais intenso” a entrada de escravos negros em Santa Catarina; provenientes, principalmente, de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; e desembarcados respectivamente em Desterro (Florianópolis), São Francisco e Laguna. Certamente, esse incremento populacional negro, vindo do Rio de Janeiro, agrega-se aos grupos negros escravizados existentes em Laguna, assim como os

que chegaram em data posterior (segundo indica o inventário histórico do autor supra citado); que a meu ver, assinala um maior grau de dependência (ou necessidade) do trabalho escravo na sociedade local.

### **Apontamentos históricos: o carnaval em “branco” e “preto”**

O carnaval de Laguna tem sido descrito como resultante de uma somatória das diversas fases históricas que teria atravessado. Essa descrição, já oficial do carnaval de rua, produz um certo nivelamento, eliminando os conflitos e obscurecendo a contribuição dos grupos envolvidos nesse grande evento, em que, na atualidade, transformou-se o carnaval lagunense. Entretanto as raízes do carnaval de rua lagunense, do carnaval popular, são historicamente bem mais profundas do que as versões dão conta. Nesse sentido, é pouco mencionada a contribuição dos grupos negros na constituição desse espaço carnavalesco. A exemplo de outras cidades brasileiras, há evidências históricas, que comprovam em Laguna no período escravocrata, a existência de formações sonoras negras de



onde, o samba<sup>17</sup>, teria se originado. Como as registradas abaixo, ocorridas em Laguna no século passado, a primeira em 03/02/1865;

"Pagodes -- a poucos dias houve no lugar -- Mar-grosso -- uma *reunião de escravos, onde passarão todo o dia em papança e folgança, assistidos por Bacho*. A polícia faz que não vê e nem ouve, para não estorvar os innocentes entretenimentos dessa boa gente." (Piazza, 1975, p. 91)

e a segunda em 1880;

"Pretos da Costa chamavam aos escravos africanos que naquela época existiam, ainda em boa quantidade, alguns já velhos.

Juntamente com esses pretos, os nativos e mulatos executavam dansas africanas.

Um desses pretos da Costa, conhecido por "Capitão", organizava seguidamente uns bailados à moda africana.

O único instrumento era um tubo de mais ou menos um metro de altura por uns 25 de diametro, com a parte de baixo mais estreita, tendo na abertura superior, uma pele curtida, untada de sebo.

O "Capitão" de pé, encostado a uma cerca, com o instrumento seguro pelas pernas, batia com as mãos no couro, com certo ritmo e cantava. Os pretos formavam círculo, um homem ao lado de uma mulher. Dansavam e se requebravam, ora para um lado, ora para outro. Em certas ocasiões batiam palmas, acompanhando o batuque e a música.

O "Capitão" entusiasmava-se, sorria satisfeito, evocando talvez a sua África distante.

---

<sup>17</sup> - A esse respeito, Britto (1986, p. 43) em seu livro "Samba na cidade de São Paulo", faz o seguinte comentário; "Os registros existentes de forma sistematizada destas antigas ocorrências culturais negras foram realizados por intelectuais brancos, cidadãos ilustres, que embora interessados nos fatos de sua terra, não escondiam sua aversão ante a explosão de uma manifestação cultural que lhes escapava."

Para uma análise mais detalhada dos sons negros no Brasil ver abordagens de Sodré (1979); Risério (1981); Tinhorão (1988); Lopes (1992).

Havia um estribilho iniciado pelo "Capitão" e cantado em côro:

San Bento

Barica min dóe

e

Campo do manejo

Não vou lá

Tandorá " (sic) (Ulysséa, 1943, p. 72)

Destacando a data 03/02/1865, a referência explícita feita a Baco, registra-se no primeiro exemplo, uma verdadeira comemoração carnavalesca a beira mar, posto que realizada na atual praia balneário do Mar Grosso. O segundo registro sem dúvida descreve caracteristicamente um batuque de terreiro<sup>18</sup>. Isso faz com

---

<sup>18</sup> - Comparar com a descrição feita por Freitas (apud Britto, 1986, p. 43):

"... A pomba vuô, vuô, sentô,

Arrebente o samba qu'eu já vô,

Eh! Pomba! Eh!

entoava no "samba" de há uns quarenta anos passados o ébano figurante, ao som ritmado dos "tambques", "adufes" e "chocalhos", num saracoteio infrene, em contorções grotescas, sem arte e sem estética, lúbrico, torpemente lascivo no rebulir de quadris, que era o momento calmo da dança, o "sereno da pomba", enquanto os parceiros, pretos e pretas que o cercavam em círculo, agitados em permanente peneirar de nádegas, repetiam na mesma toada e estribilho:

Eh! Pomba! Eh!"

A qual segue-se o seguinte comentário da autora;

"A partir da descrição da dança fica evidenciado tratar-se de um batuque de terreiro que o autor designa de samba, já que estão presentes os instrumentos característicos, como o tambu e o urucungo, embora ausentes as umbigadas." (Britto, idem)

que se perceba uma efetiva participação, a influência destes grupos na construção e constituição do espaço carnavalesco lagunense<sup>19</sup>.

Observo que, o período carnavalesco (do pré ao carnaval), cujo final assinala o início da quaresma<sup>20</sup>, está inserido, isto é, ocorre em um espaço de tempo que, considerando-se o calendário litúrgico católico, corresponde ao grande ciclo natalino-pascal, período associado ao nascimento-morte-ressurreição de Cristo, ritualisticamente seguido pela maioria católica da população lagunense (hoje, de forma menos rígida que antigamente). Período esse, em que se acentua a contraposição entre o tempo cíclico e cósmico, do calendário festivo e religioso<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> - Convém lembrar que, “batucada” era o termo utilizado para referir-se a seção instrumental dos blocos lagunenses, com a transformação destes em escolas de samba, caiu em desuso, sendo substituído pelo termo “bateria”. (N. A.)

<sup>20</sup> - Observa Ewbank (apud Sebe, 1986, p. 58) que; “A época do carnaval estende-se desde o dia primeiro de janeiro (da passagem do ano) até o princípio da Quaresma, ao passo que o entrudo se realiza na parte final de fevereiro e dura apenas três dias, principiando invariavelmente no domingo que precede a quarta-feira de cinzas.” Falando, também, da vinculação entre carnaval e o calendário litúrgico católico, Moraes (1987, p. 14) salienta que; “Inicialmente as festas carnavalescas começavam em 25 de dezembro, envolviam as comemorações de Natal, Ano Novo e Epifania. Depois seu período foi marcado pela Páscoa dos católicos. Sabemos que o domingo de Páscoa deve cair sempre entre 22 de março e 25 de abril; então o domingo de carnaval é sete domingos antes do domingo de Páscoa.”

<sup>21</sup> - Meyer (1993, pp. 180-1) distribui esse calendário (que denomino de festivo-religioso), em termos de Brasil, em quatro grandes momentos;

“ \* *Ciclo Natalino*, da véspera de Natal aos Santos Reis, atravessando Bom Jesus (1º de janeiro, e, em algumas regiões, espichando até 20 de janeiro, dia de São Sebastião;

\* *Carnaval*, que pode começar a 31 de dezembro, ou com os “santos de fevereiro”, estender pela Mi-Careta, até Sábado de Aleluia, “este carnaval do meio do ano”;

\* *Festas do Divino Espírito Santo* já foram e continuam sendo em algumas localidades em setembro/outubro, mas tendem hoje a se fixar na data oficial que é Pentecostes, o que permite

e o tempo histórico e linear do calendário cotidiano e laico. Essa contraposição temporal, plenamente vivenciada pelo grupo, reflete-se num ciclo anual, onde opera-se a passagem do cotidiano ao carnaval, e que por falta de um termo que melhor a caracterize tenho denominado de *ciclo-carnavalesco*.

O atual carnaval de rua de Laguna, está marcadamente inscrito no período de pós-(segunda)guerra, até esse momento o carnaval para a população pobre lagunense resumia-se, praticamente, em ver os blocos de salão, ou melhor, os cordões das duas sociedades da “elite”<sup>22</sup> local, e em organizar marginalmente blocos improvisados. Sendo assim, enquanto “Bola Branca” e “Bola Preta” executavam os seus “footings” carnavalescos em torno da praça, isso é, “o jardim” como preferencialmente a chamam os lagunenses, exibindo o luxo de suas fantasias, a população (leia-se a pobreza local) aproximava-se na tentativa de

---

reassocia-las às antigas comemorações de maio, das grandes comilanças comunitárias, mastros etc.;

\* *Festas Juninas* e seus festejos de cunho arcaico, fogueiras, sortes, outra vez mastros etc.

Acrescentam-se as festas de orago. As dos santos negros, São Benedito, muitas vezes a 13 de maio, Nossa Senhora do Rosário, geralmente na data oficial, em outubro. Mas ambas, como todas as outras, aliás, podendo se deslocar tanto no tempo como no espaço ...”

<sup>22</sup> - Utilizo o termo “elite” na forma com que é empregado por meus informantes; nesse sentido refere-se “aos ricos” da cidade, seu emprego, em determinadas situações, restringe-se aos moradores do centro, mais especificamente, aos sócios dos clubes locais “Blondin” e “Congresso”, em suas origens freqüentados exclusivamente pela classe média alta e pelas chamadas famílias “tradicionais” de Laguna; seu emprego implicitamente estabelece contrastividade, situa um “nós” perante um “eles”, isto é, oposições do tipo “bairro” versus “centro”, “pobres” versus “ricos” etc. (N. A.)

tocar as fantasias<sup>23</sup>. Segundo um dos informantes, para evitar essa incomoda aproximação, surgiu a necessidade de se criar um grupo “abre alas” (stricto sensu). É desse modo que surge o “Xavantes” em 1946, como “abre alas” do “Bola Preta”; posteriormente, não se sabe o motivo, o “Xavantes” torna-se “abre alas” do “Bola Branca” e então o “Brinca Quem Pode”, passa a exercer a função de “abre alas” para o “Bola Preta”. Anos mais tarde, novamente, a situação inverteria-se o “Brinca” passaria a trazer o “Bola Branca” e o “Xavantes” o “Bola Preta”, o que a partir de então tornaria-se definitivo. Na década de cinquenta, já como blocos-rancho independentes “Xavantes” e “Brinca” passam a desfilar sozinhos durante o sábado de carnaval e no dia seguinte (domingo) desfilam trazendo atrás de si, os cordões da “elite” local. O declínio dos cordões carnavalescos “Bola Preta” e “Bola Branca”, segundo algumas afirmações, pela impossibilidade de se manter o luxo das fantasias cada vez mais caras; coincide com as transformações econômicas sofridas pela cidade. “Bola Preta” e “Bola Branca” deixam de desfilar como “rivais” carnavalescos por volta de 1970-1971, mas no entanto, impulsionados por saudosistas, não deixam de alternadamente, ora um, ora outro, por alguns anos de fazer suas aparições, mas já sem o brilho

---

<sup>23</sup> - “Bola Branca” e “Bola Preta”, eram, respectivamente, os principais blocos de salão das sociedades recreativas “Congresso Lagunense” e “Blondin”, sociedades freqüentadas, até então, pela “elite” local. (N. A.)

dos carnavais passados. Quanto ao “Brinca” e “Xavantes” esses reinariam absoluto, naquilo que se transformaria no carnaval de rua lagunense, por quase três décadas, com a supremacia levemente ameaçadas pelo “Mangueira”(1955) e posteriormente pela “Vila Izabel”(1958), o primeiro uma dissidência do “Brinca”, e o segundo por sua vez formado por um grupo dissidente da própria “Mangueira”, esse grupo que se completaria com a “Portela”(1961), bloco de rápida passagem pelo carnaval, mas porém marcante. Período em que as escolas encontram-se plenamente vinculadas aos locais, aos quais atribuem-se suas origens, na realidade a partir de suas vinculações ao bairros e localidades, estas conquistam realmente sua independência no carnaval de rua. Constrói-se uma territorialidade carnavalesca, o “Brinca Quem Pode” da “Roseta”, o “Xavantes” do “Magalhães” (com uma dissidência posterior, de curtíssima duração, formando o “Acadêmicos do Samba”), o “Vila Izabel” do “Morro do Cemitério”; o “Mangueira” do “Morro do Hospital” e o “Portela” do “Portinho”. Poderíamos afirmar que nesse momento temos um carnaval etnicamente sustentado, de um lado um bloco de “pretos” e sua torcida, do outro um bloco de “brancos” e sua torcida; torcida espacialmente localizada. Esse período se encerraria em 1973, aliás com a última vitória do “Brinca Quem Pode”, fato que até hoje não mais se repetiu, no Carnaval de rua lagunense; que a partir de 1974 realmente transforma-

se no “Carnaval de Laguna”. A partir de 1946-1949, com o “Xavantes” e o “Brinca” desfilando como “abre alas” das agremiações de salão da “elite” local, ocorre um processo de visibilização, que melhor expressa a segregação social e a coincidência entre classe e etnia. Pois, a existência de blocos improvisados formados pela população pobre (“pretos” e “brancos”) de Laguna, registra-se desde a década de 20, portanto o que se conquista no período 46-49, é direito à visibilidade que não se tinha anteriormente, mesmo que a sombra dos “Bolas”.

“ Também é novo o já bastante conhecido “Brinca quem Pode”. Quando em 1949 o Bola Preta deu novo impulso ao Carnaval de Rua em Laguna, convidamos alguns rapazes, do futuro “Brinca Quem Pode”, para nos ajudarem na secção de batucada. Eles vieram e até hoje ai continuam. No ano posterior resolveram organizar-se independentemente, no que se saíram muito bem. E daí para cá vem o “Brinca Quem Pode” se revelando um dos expoentes máximos do carnaval popular de Laguna. Composta pela turma “colored” de Laguna, o “Brinca Quem Pode” é “liga” com o Bola Preta, e sempre que um precisa do outro, o companheiro está as ordens. Da cooperação nasce a força e de braços dados “Bola Preta” e “Brinca Quem Pode” viram de cabeça para baixo a cidade, nos três dias de Momo.” (sic) (Revista “Bola Preta”, Dezembro de 1952) (Grifos meus)

Observa-se que a data (1949) e em seguida a expressão (*futuro “Brinca Quem Pode”*), sugerem algo que passa a existir daquela data em diante, já que se

desconsidera a existência do grupo desde 1947<sup>24</sup>. Fundamentalmente esse período assinala o momento em que o carnaval de rua adquire nova força em relação ao carnaval de salão. Formas distintas de se fazer carnaval, salão e rua, tipificam e produzem relações diferenciadas de ocupação do espaço carnavalesco. Assim legitimados socialmente, os blocos populares adquirem visibilidade, como exemplo ilustrativo dessa visibilidade o jornal “O Albor”, menciona pela primeira vez o Xavantes em 1948(07/02 - nº 2.216) e o Brinca em 1949(05/03 - nº 2.270). Atente-se para o fato de que a expressão “resolveram organizar-se”, implicaria menos uma concessão e mais uma conquista, a do direito de organizarem-se “independentemente”, uma recusa ao papel de coadjuvante. Por outro lado o uso do anglicismo “colored”<sup>25</sup>, esconde eufemisticamente uma segregação sócio-

---

<sup>24</sup> - Embora os registros de ata relacionem as fantasias e enredos a partir de 1948; um de nossos informantes afirmou que a primeira fantasia temática do “Brinca” foi o “Casamento da Maria”, com a qual desfilou em 1947. (N. A.)

<sup>25</sup> - Encontrei a expressão “colored” ou “turma ‘colored’ ”, coloured, colored a. - palavra inglesa que significa - colorido; de cor, negro (substantivado);...(Webster’s Dicionário/Inglês-Português) - em referência aos grupos negros de Laguna. O “anglicismo” como subterfúgio ao referir-se aos negros de Laguna, identifica o autor, que também escreve no jornal Correio do Sul, entre as décadas de 40-50, como o trecho abaixo, curiosamente intitulado “... *Salve os ‘coloreds’*” “:

“ Também entre os “coloreds” espera-se grandes novidades na próxima semana. Eles fazem questão fechada de homenagear Momo condignamente.

Os freqüentadores e sócios da “União Operária”, do “Cruz e Souza”, “Carlos Gomes” e “União dos Artistas” já comentam o sucesso que esperam alcançar neste carnaval.

A turma “coloreds”, que é a do batente, já vá fazendo economia, afim de que a as fantasias sejam do abafa. (...)” (extraído da coluna “Aproxima-se o reinado de Momo - O carnaval na Laguna este ano promete.” - Correio do Sul, nº 774, 18/01/48, p. 03) (N. A.)



étnica das mais escancaradas amplamente praticada em Laguna; isso se torna mais claro na fala de um dos informantes:

“... E naquela época ... até no pré carnaval já eram usados os cordões de isolamento, porque as escolas de samba, principalmente o Xavantes e o Brinca Quem Pode, que atraíam uma grande massa de aficionados, que torciam igual num campo de futebol, e o Brinca Quem Pode ainda continua assim, embora em menos proporção do que naquela época, naquela época existia mais paixão, mais amor, existia a disputa, no pré-carnaval já de torcida, a torcida do Xavantes ficava de um lado, a do Brinca Quem Pode de outra, e eles, tanto o Xavantes, como o Brinca Quem Pode, e depois as demais, tomaram por norma no pré-carnaval fazer apresentações coreográficas defronte as emissoras de rádio, então era justamente ali onde se concentravam o maior número de assistentes, mas na verdade ... participavam do carnaval pretos (e brancos) pobres, pobríssimos!, do Magalhães, do Campo-de-Fora, da Roseta e do Morro, uma mocinha que freqüentasse três de maio e Anita, não tinha coragem de sair numa escola de samba, porque naquela época as sociedades eram mais fechadas, mais duras, mais rigorosas, então uma mocinha que se aventurasse a sair numa escola de samba, no outro dia, tava cortada a entrada dela no Blondin, no Congresso, no Três de Maio, no Anita, que era as quatro principais sociedades da Laguna.....

Os Bem Amados veio transformar totalmente o carnaval de rua da laguna ... porque como eu disse anteriormente só participavam de escola de samba pessoa de cor ou pobres, porque quem freqüentasse Anita Garibaldi, Três de Maio e Blondin e Congresso, tinha medo de sair numa escola de samba, ... então ficou assentado que no Os Bem Amados só sairiam pessoas que freqüentassem o Blondin e Congresso e Três de Maio e Anita, que era justamente para soltar a cidade, a sociedade na rua, misturar e inclusive que não aceitaria preto, seria uma escola só de branco, tanto é esta característica dela, é

que embora existindo aquela charanguinha, mas ainda não tinha o traquejo de bateria de escola de samba, que é totalmente diferente o ritmo de uma charanga pra uma bateria, então naquela época eu contratei o Bentinho e o Chimbica... pra eles ir ensaiar os branquinhos, lá nos fundos do Blondin que era uma quadra de barro, mas eles só iam ensaiar, nem nos dias do pré-carnaval, que a escola desfilava, eles por serem pretos não poderiam participar, então aí quem assumia o comando, era geralmente o Cacaio, mas lá no ensaio quem ia ensaiar era o Bentinho e o Chimbica, foram pagos para ensinar os branquinhos a bater, você vê não era uma questão de discriminação, era uma questão que não se queria criar mais uma escola como já existia na Laguna, se queria justamente jogar a sociedade no meio das demais escolas, era esse o objetivo ...“ (JMV, 1993:trans.)

Embora ocupem o mesmo espaço, a partir de 1946, encontramos duas formas distintas de se vivenciar o carnaval em Laguna, o carnaval das “grandes sociedades” locais, caracteristicamente de salão e o carnaval popular<sup>26</sup>, basicamente de rua. Sendo que nessa mesma data inicia-se a inversão de papéis, se até então cabia a população pobre o papel de espectador, este papel será gradualmente assumido pela “elite” e a classe média local.

---

<sup>26</sup> - Convém destacar o importante papel das emissoras de rádio (Difusora e Garibaldi) na consolidação do espaço que o carnaval de rua passaria a ocupar, principalmente a rádio Difusora, cuja data de criação significativamente é 1946. (N. A.)

## II

### A TERRITORIALIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

*“O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço concreto ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço.”*

*(Claude Raffestin, “Por uma geografia do poder”)*

Observa-se em Laguna, em relação aos grupos de origem negra, uma dinâmica *des-re-territorializante*, ocasionada pelas condições sociais e históricas a que foram submetidos - primeiro, enquanto escravos, e posteriormente, como socialmente marginalizados. Esses aspectos são fundamentais para que se possa compreender o processo e as formas específicas de apropriação-territorialização utilizadas pela população negra frente as situações, histórica e socialmente, apresentadas. Busquei no capítulo anterior situar historicamente a presença negra em Laguna, salientando a forma de como essa população aparece referenciada nos textos historiográficos. A pouca visibilidade (histórica e social) que lhe é imputada liga-se, intrinsecamente, às formas de segregação e por outro lado, informa sobre o tipo de apropriação e territorialização que foram produzidas nas relações interétnicas em Laguna. Apropriar, territorializar, é significar o espaço

imprimindo-lhe marcas diferenciadora. Magnani (1984, p.139) ao expor sua noção de “pedaço” observa que,

“...a periferia dos grandes centros urbanos não configura uma realidade contínua e indiferenciada. Ao contrário, está repartida em espaços territorial e socialmente definidos por meio de regras, marcas e acontecimentos que o tornam densos de significação, porque constitutivos de relações.”

Mesmo sendo uma cidade de pequeno porte, Laguna, tem seu espaço urbano bem delimitado e diferenciado. O bairro do Mar-Grosso de ocupação recente, é caracteristicamente de veraneio; devido a proximidade com as praias do Mar-Grosso (que lhe empresta o nome), do Iró e do Gí, é um bairro de população flutuante e de alta valorização imobiliária. A maior parte de seus moradores constitui-se de veranistas que nele possuem residências utilizadas, quase que exclusivamente, nas temporadas de veraneio; ou de moradores da própria cidade e/ou de cidades vizinhas que possuem imóveis comerciais ou residenciais para locação durante a temporada; e um número muito reduzido de moradores fixos e locatários de imóveis residenciais vagos no período de baixa temporada (abril-setembro), prolongando-se até novembro. Esses fatores fazem do Mar-Grosso um bairro atípico em relação aos demais: Campo-de-Fora, Magalhães, Navegantes, Progresso, Portinho, e Cabeçudas, bairros tipicamente residenciais. Os bairros de

Campo-de-Fora e de Magalhães, concentram moradores de classe média (médios e pequenos) e de baixa renda; bairros como Progresso e Navegantes formados basicamente por populações de baixa renda, começam a assumir, com seu crescente processo de urbanização perfil de classe média. As populações de baixa renda (constituídas em sua maioria por negros) vêm sendo deslocadas sistematicamente para os bairros periféricos como Portinho e Cabeçadas, ou para locais de menor valor imobiliário onde se concentram. Podemos assim dizer, que a remoção das populações pobres das proximidades das áreas centrais de Laguna, ocorre indiretamente pela valorização imobiliária do espaço que estas ocupam; processo este gradual, por isso mesmo pouco perceptível. Assim sendo, devido a sua peculiar topografia, em Laguna, o processo de ocupação/apropriação de terras pela população de baixa renda, sobretudo negra, ocorre como subproduto da exclusão social, é ditado, entre outros aspectos, pela dinâmica da expansão urbana (vide mapas, pp. 84-6).

## **Espaço religioso - primeira forma de territorialidade negra**

As irmandades religiosas negras criadas como formas de controle senhorial sobre os escravos negros, acabariam se transformando através de um processo de apropriação do espaço religioso, em territórios negros, no sentido que, hoje, identificamos o “Brinca Quem Pode”. Práticas proibidas aos escravos, re-simbolizadas, são introduzidas dando nova configuração aos ritos católicos. Além disso, as irmandades convertem-se em espaços privilegiados para a prática de ações de solidariedade entre seus membros, entre elas o empréstimo de dinheiro para a compra da alforria<sup>27</sup>. Acerca das irmandades afro-católicas, especificamente a de Nossa Senhora do Rosário, e as cerimônias de coroação dos “Reis do Congo” realizadas no Brasil desde 1674, assim observa Nei Lopes;

“Embora fosse quase impossível controlar o enorme contingente de escravos urbanos que viviam nas ruas trabalhando de ganho ou de aluguel, *essa instituição e essa cerimônia* verificadas também em Portugal, *tinham a obvia intenção de manter os negros sobre controle.*” (Lopes, 1988, p.150) (Grifos meus)

Por outro lado, um aspecto importante assinalado por Scarano (1975), em seu livro “Devoção e Escravidão”, onde analisa a Irmandade de N<sup>a</sup>

---

<sup>27</sup> - Para o aprofundamento do tema da solidariedade entre grupos negros ver Cunha (1985) e Scarano (1994).

Sr.<sup>a</sup> do Rosário no Distrito Diamantino no século XVIII; é o da impossibilidade de se determinar a quem pertencia a manutenção efetiva desse controle, se ao branco ou se a uma parcela da população negra.

“Além do local de reunião, a irmandade significará um controle sobre o grupo negro. É difícil determinar quem mantinha esse controle, talvez o branco em parte, talvez os elementos mais conspícuos da população de cor. A confraria, sem dúvida, exercia poderosa ação sobre seus membros, estabelecendo as regras de bem viver.” (Scarano, 1975, p.146)

A autora embora reconheça a irmandade como uma forma de controle, levanta a questão de como esse controle era mantido e exercido, se indireta ou diretamente, sugerindo existir no interior dessa organização, mais do que controle, um embate, motivado pelas resistências, reapropriações e resignificações, que os negros elaboraram no cotidiano, muitos aproveitando-se para romper a ordem estabelecida e impor a sua.

Em Laguna, registra-se a adoção de estratégia semelhante,

“-- Povoada a Laguna por Domingos de Brito Peixoto... se levantou um templo a Santo Antônio... Com o título de Santo Antônio das Areias foi tratada pela *Provisão de 4 de outubro de 1745, que confirmou os capítulos do Compromisso da Irmandade dos Pretos*, aí creada;...” (Cabral, 1976, p.106) (Grifo meu)

Após o provimento de criação da irmandade, surge um hiato histórico de aproximados 90 anos, em que não há ou tenha sido encontrado registros que assinalem as suas atividades ou extinção.

"Sabemos, porém, ter havido a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1835, que era formada de *pretos da África*, a maior parte escravos e poucos libertos. Monsenhor Pizarro de Araújo, em "Memórias Históricas do Rio de Janeiro", diz que em 1745 foram confirmados os capítulos do Compromisso da Irmandade dos Pretos, desta paróquia, pela provisão de 4 de outubro daquele ano. Dessa Irmandade, nada podemos apurar, *mas naturalmente não se trata da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*, fundada em 1835. (Ulysséa, 1976, p.182) (grifos meus)

O que não impede a autora de concluir “naturalmente” pela inexistência de ligação entre uma e outra; e assim prossegue ...

“Foi esta irmandade que construiu a capela do morro do Rosário, *começada em 1845*, com muitos sacrifícios dos pretos, e demolida em 1933, por estar em ruínas e sem ter sido definitivamente terminada. Nessa época, a Irmandade de há muito estava desaparecida.

Veneravam na capela do morro, nem sempre aberta, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, *que hoje se encontra na capela do arrabalde de Roseta*, e é venerada sob a invocação de *Nossa Senhora Auxiliadora*. E, na Matriz, tinha a Irmandade a seu cuidado a imagem e o altar do Rosário, ainda hoje existente.

Entretanto, esta Irmandade teve a sua época áurea no tempo da escravidão. Fazia a festa da Padroeira, de grande fama, em cuja festa se podia sentir em todo o ritual, o sabor das coisas africanas.



*Nela figurava um rei e uma rainha, com os respectivos vassallos, todos escravos, vestidos de cores espalhafatosas. O rei, vestido a caráter, com coroa à cabeça e a rainha de cabeça enfeitada com extravagância e tudo em cores berrantes. Com estas vestimentas grotescas, vinham a igreja, assistiam a missa e a procissão. Acabada a parte religiosa, entregavam-se a danças trazidas da África, que duravam até altas horas da noite. O rei da primeira festa realizada em 1836, foi o preto forro Francisco Vaga e a primeira rainha foi Josefa, escrava de José Lourenço. (4) (Idem) (grifos meus)*

A autora também assinala a existência de duas outras irmandades negras a Irmandade de Nossa Senhora do Parto, formada por “pretos libertos” e a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição por “mulatos”. E a propósito, observa;

“ É de se notar os preconceitos raciais então existentes. Aos brancos, numa geração habituada, a escravidão dos pretos, ainda se podia compreender. Mas o interessante é o preconceito existente entre os próprios da raça negra, que se *categorizavam em três posições: pretos da costa, pretos e mulatos. Até nas irmandades, em que cada categoria não admitia as outras. E havia entre as três irmandades uma certa rivalidade*, um certo partidarismo e disputavam, ou “torciam”, como se diria hoje, por qual fazia a melhor festa pela “sua santa”, como se elas não fossem a mesma Virgem Maria.” (Idem, p.185)

Entretanto, vistas por outro ângulo, estas “categorizações” apontadas por Ulysséa (1976), parecem indicar formas diferenciadas com as quais os grupos (“pretos da costa” (africanos); “pretos” (libertos) e “mulatos”) apropriam-se do espaço

religioso, possibilitando a distintividade dos grupos entre si e a defesa de interesses comuns. Inspirada em Barth, Cunha (1986, p. 89), nos lembra que,

“... grupos étnicos são vistos como formas de organização novas e adaptadas ao “agora e aqui”, e que compartilham uma identidade *porque* também compartilham interesses econômicos ou políticos. Organizam-se em grupos que possam disputar com grupos rivais o acesso às fontes de recursos.”

Alguns autores destacam, que muitas das manifestações organizadas no interior das irmandades, sobretudo, as chamadas embaixadas dos reis do congo, influenciariam ou transformar-se-iam em eventos independentes; remanescentes diretos das embaixadas, encontram-se em terras catarinenses, os cacumbis. Em seu livro "A música em Santa Catarina no século XIX", Oswaldo R. Cabral, assinala como decorrentes desses festejos a dança dos paus-de-fita e as congadas. Em termos de Brasil e de forma mais específica em relação ao Rio de Janeiro, Nei Lopes, também observa que, assim como nas Congadas e Cucumbis estão presentes aspectos ligados às embaixadas dos “Reis do Congo”, esses também exercendo influência na forma como se estruturaram os ranchos e as escolas de samba<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> - “... assim como as Congadas, os Cucumbis (...) com seus reis, rainhas, príncipes, embaixadores e damas, desfilando ao som de tambores, chocalhos e gonguês, *são reminiscências das solenidades de coroação dos “Reis do Congo”* abolidas no Brasil por volta de 1830.

O surgimento de novos espaços, implicaria para os grupos negros em novas formas de organização, e em novos territórios; em Laguna esses territórios surgiriam, ainda, em pleno século XIX, inicialmente com as sociedades musicais e, posteriormente, com a criação das sociedades recreativas, nas duas primeiras décadas do século XX.

### **Novos espaços, outros territórios: sociedades musicais e recreativas**

O surgimento das sociedades musicais em Santa Catarina<sup>29</sup>, abriria o primeiro espaço institucional, não religioso, à participação de escravos negros. A propósito, um jornal editado em Desterro (Florianópolis), assim se manifestava:

"Contravenção das posturas municipaes; estabeleceu-se nesta Capital uma sociedade musical de homens de côr, e nela são admitidos escravos, e alguns sem prévio conhecimento e permissão dos seus respectivos senhores. Esta associação assim organizada, presta-se a tocar em bailes, theatro &&, e ahi

---

*Da mesma forma, no Rio de Janeiro, os Ranchos Carnavalescos e depois as Escolas de Samba -- frutos híbridos das tradições africanas como as procissões católicas do Brasil colonial -- por suas apresentações em cortejo, por seu primitivo sentido de "embaixadas", pelas figuras de balisa ou mestre-sala e da porta-estandarte ou porta-bandeira, nos remetem também aos séquitos dos reis bantos na África." (Lopes, 1988, p.155) (grifos meus)*

<sup>29</sup> - Cabral (1951, p.31) localiza o surgimento das sociedades musicais civis em Santa Catarina na segunda metade do séc. XIX e assim o descreve: "... se na primeira metade do século (dezenove) foi preciso trazê-las de fora para a recepção do Imperador, já na segunda vamos encontrá-las abrilhantando as festividades religiosas, as festas do Senhor dos Passos, de São Sebastião, de Nossa Senhora dos Navegantes, de Corpus Christi e do Espírito Santo."

permanece até a madrugada do dia seguinte." (Piazza, 1975, p.91)

Em Laguna, as sociedades musicais também propiciaram esse espaço; em 1860 (03/05), assinala Oswaldo R. Cabral, funda-se a banda musical “União dos Artistas” (v. anexo II, foto 9) que;

"... de início, contou entre os seus elementos com regular número de escravos que, quando a banda se dirigia para alguma tocata em lugar remoto e longínquo, ou quando havia ensaio à noite, eram acompanhados pelos seus senhores ou por alguém da confiança deles. *Não fossem o pretos aproveitar a oportunidade e colocar o pé no mundo, fugindo ao cativeiro.*" (Cabral, 1951, p. 32) (grifo meu)

Como se lê, a preocupação com as fugas era uma constante, prova de que o escravo não exercia apenas um papel passivo, surgissem as "oportunidades" essas eram imediatamente aproveitadas.

Entre várias bandas criadas e logo desaparecidas, das que ainda sobrevivem, além da “União dos Artistas”, relacionamos a banda “Carlos Gomes”, fundada em 1881 (05/12) com a denominação de “Santa Cecília”, e posteriormente “13 de maio”; até assumir em definitivo o nome que conserva até hoje. Após o processo abolicionista, estas sociedades musicais transformam-se nos primeiros espaços recreativos, “oficialmente” frequentados pelos grupos

negros; e que, assim permaneceriam até o surgimento das sociedades recreativas, propriamente ditas. Essas, ao contrário das sociedades musicais, serão fundadas e administradas exclusivamente pelos grupos negros que as criaram.

Na primeira década do século XX, em Laguna, surge a primeira sociedade recreativa formada exclusivamente por "mulatos" e denominada "União Operária", cuja a data de fundação é 09/02/1903. Em 1908 n'O Albor (31/05-nº 291), noticia-se a constituição de uma diretoria, visando a fundação de uma sociedade formada exclusivamente por "pretos", fato este que ocorreria seis anos mais tarde, em 15/02/1914; sendo esta denominada "Cruz e Sousa". Aqui devo abrir um parêntese, a denominação é uma clara homenagem ao maior poeta catarinense, João da Cruz e Sousa. Curiosamente, trinta anos antes, em 1884, o poeta havia sido nomeado para assumir a promotoria de Laguna pelo presidente da província; que recuou, não efetivando a indicação, devido as fortes pressões políticas que sofrera pelo fato do indicado ser um negro. Infelizmente, não podemos afirmar que os fundadores do "Sousa" tivessem conhecimento do ocorrido, mas, também, não podemos descartar, totalmente, essa possibilidade. Pode-se cogitar, porém, que reconhecimento do valor literário da obra do poeta, conferia à sociedade, assim denominada, uma imagem altamente positivada. Assim sendo, o nome do poeta Cruz e Sousa, falecido em 1898, contribui para o

processo de construção da auto-estima do grupo. O surgimento no século XX, desses clubes de "pretos" e "mulatos", respectivamente "Cruz e Sousa" e "União Operária", demonstra em Laguna a persistência de aspectos distintivos já assinalados anteriormente entre os grupos negros. Agora consolidado em uma forma binária "pretos" e "mulatos", diferentemente do século XIX, citado anteriormente, onde o termo negro genericamente incluía as categorias: "pretos da costa"(africanos); "pretos"(crioulos) e "mulatos"(mestiços); incluindo-se aqui também os cafuzos. A primeira categorização perde sua validade, com o cessamento do tráfico e com a vitória institucional do projeto abolicionista, fazendo com que, possivelmente, os remanescentes africanos fossem incorporados à categoria "pretos". O fato para o qual desejo chamar a atenção é que esse processo de estratificação interno aos grupos negros, foi amplamente, de forma velada ou não, incentivado pela "elite" local e pela população considerada "branca", persistindo por quase cinquenta anos. Esta divisão visível, começa a ser abalada com a extinção do "Cruz e Sousa", por volta dos anos 57-58 de nosso século, e a incorporação gradual de seus antigos sócios ao quadro social da "União Operária", embora ainda permaneçam as categorias atributivas ou auto-atributivas "preto" e "mulato" sendo usadas, principalmente pelos mais velhos. Sobre este aspecto é curiosa a observação feita por um de nossos informantes;

quando questionado sobre a existência, em uma determinada época, de separação entre negros e brancos dentro da escola;

“Ah! Isso aí eu não me lembro não! também *não sou branco, sou mulato claro, tenho um irmão bem queimado, tenho uma irmã mais clara* que já foi rainha da escola de samba do Brinca, hoje, mora em Brasília; nós morávamos no campo de fora mas aí não, eu não me lembro do Brinca racista” (VDS, 1993:trans.) (Grifo meu)

É fundamental entendermos esse processo, a partir do qual constitui-se um novo conceito de “negro”, descolado da condição de ex-escravo, de africano, e que passa a englobar todos os que se consideram do grupo. Constitui-se, porque não é a cor da pele que o determina, ser negro passa pelo sentido de pertencimento ao grupo, de afinidade, de simpatia. A referência da cor é o diacrítico maior para produzir exclusão, mas, também, propicia adesão. O (in)visível é, portanto, justamente esse contorno identitário onde a cor é uma referência importante, mas não é absoluta, nem exclusiva. É o parâmetro de significativa importância na consolidação da resistência.

A fundação, diria a re-fundação do “Brinca Quem Pode” na década de quarenta, enquanto academia carnavalesca, ou melhor, bloco carnavalesco, estabelece uma linha de continuidade com o então bloco de salão, que existira no Clube “Cruz e Sousa”, criado na década de trinta, o “Brinca Quem Pode”; e que,

também, percorria as principais ruas da cidade. A origem do nome “Brinca Quem Pode” no discurso de nosso informante surge em duas versões, poderíamos afirmar até certo ponto complementares: a primeira aponta para o surgimento da denominação “Brinca Quem Pode”, espontaneamente, dada pela condição de seus componentes e o desejo de “brincar como se pode”.

“Porque não tinha nome, então um, inclusive um deles disse assim olha não tem nome, ai surgiu na hora, olha rapazes vamos brincar fazer a cerca, vamos fazer uma batucada e vamos sair na rua, (ai um deles disse assim) brincando e coisa, ai um deles disse assim mas qualé, que'é que nós vamos botar, qualé o nome, como e que vão dá um nome que eu vou ... olha o negócio é o seguinte 'Brinca Quem Pode' quer dizer noutro sentido, *brinca como pode com dinheiro ou sem dinheiro ou ... entende!;* o nome é esse 'Brinca Quem Pode'<sup>30</sup> (...)” (JJM, 1993:trans.)

A segunda versão, estabelece uma ligação com a sociedade e o bloco carnavalesco de igual nome, existente em Florianópolis. Devemos recordar que no plano nacional, o início dos anos trinta assinala o momento em que as populações de origem africana, conseguem desfilar nos centros urbanos, mesmo com a repressão policial.

---

<sup>30</sup> - É curioso notar que a considerada primeira escola de samba carioca, surgiu em 1929, denominava-se “Deixa falar” (Estácio de Sá) - (“deixa falar” no sentido de se fazer o que se considera certo, sem se preocupar com o que os outros dizem ou vão dizer); e que formada em 1932, “Vai como pode” foi o nome inicialmente dado a escola, que posteriormente transformar-se-ia em Portela.



“ Por volta de 1930, negros e mulatos haviam conquistado o direito de desfilar no centro das cidades durante o Reinado de Momo; sua contribuição às criações artísticas do país eram reconhecidas como válidas e consideradas muito importantes, o que fizera subir na escala dos valores culturais nacionais.” (Queiroz, 1992, p.172)

Devo frisar; que essa conquista, ou seja, o direito de desfilar no centro da cidade, traz embutida como consequência, a incorporação dessa manifestação e sua conseqüente diluição no caldeirão ideológico da cultura nacional. Semelhante processo, pode ter ocorrido em Laguna, embora se registre, anteriormente, a existência de blocos organizados pela população pobre da cidade, sobretudo negra, esses grupos só obtêm o reconhecimento oficial, tardiamente, em finais da década de 40; a partir de sua associação aos blocos de salão da elite local (leia-se “Bola Branca” e “Bola Preta”); esboça-se a partir daí a forma primeira do que viria a ser o carnaval popular (de rua) lagunense.

### **O território de referência: a Roseta**

A área, onde se assentou do núcleo residencial Roseta, surgiu em parte como consequência do recuo e do rápido assoreamento da Lagoa de Santo

Antônio, ocasionado pelos fortes ventos movimentando os cômodos de areia das margens para o seu interior; gradualmente cobrindo os manguezais nas proximidades, constituído um solo, irregular e arenoso, onde veio a se constituir o núcleo. A esse aterramento natural, seguiram-se os sucessivos aterros mecânicos e manuais de terraplanagem, acelerando assim, o processo. Muito embora, seu reconhecimento por parte do poder público como Núcleo Residencial, só tenha ocorrido por volta de 1950. O início da ocupação massiva do local data desde 1929, quando as primeiras famílias estabeleceram-se no chamado Morro da Roseta, assim denominado por nele existir abundantemente a gramínea espinhenta capim-roseta (*cenchrus echinatus*) e que passaria a denominar toda a área a sua volta: o Núcleo Residencial da Roseta, ou simplesmente, Roseta.

Os primeiros moradores beneficiaram-se, também, dos antigos aterros feitos para a implantação dos trilhos da rede ferroviária -- Estrada de Ferro Dona Thereza Christina (inaugurada em agosto de 1884) -- e do estabelecimento em definitivo nas proximidades (bairro do Campo-de-Fora) da estação ferroviária<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> - Zumblick (1987) reproduz na íntegra o relatório de EFDTC datado de 24/01/1888, onde há uma pequena descrição do ramal ferroviário lagunense, assim escrito: "Na bifurcação entronca-se o ramal para a cidade da Laguna com a extensão de 5 quilômetros e 240 metros, *em terrenos arenosos, cheios de comoros e lagôas*; é neste ramal que existem os dois túneis-abrigos. A *estação da Laguna* é fora da cidade, fica no lugar denominado "*Campo de Fora*" ... do Almirante Lamego." (p.180); em páginas anteriores (p. 38-51) onde relaciona as terras cortadas pela Estrada de Ferro e seus proprietários, esse mesmo autor assinala que os primeiros cinco quilômetros e cinquenta e cinco metros são "*Sem títulos. Terrenos municipais*" (N. A) (Grifos meus)

Assim sendo, a origem do núcleo habitacional roseta está ligada preponderantemente a ocupação um pouco mais ordenada, possibilitada pela implantação da malha ferroviária; e sua consolidação deve-se em grande parte à religiosidade das famílias que ali passaram a residir. Segundo documento coletado, até a segunda década desse século, no local denominado morro da roseta residiam apenas duas famílias. A ocupação efetiva só ocorreria no final da década de vinte e, segundo informações, fortes motivações religiosas teriam concorrido para a definitiva ocupação do local. A área tradicionalmente ocupada e conhecida por roseta, restringia-se aos atuais traçados das ruas Cmdte. Moreira, Cel. Fernandes Martins e Leoberto Leal e ruas transversais (vide mapa p. 41); podendo ser apontados como marcos delimitativos, a pequena elevação conhecida por morro da Roseta e a igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Os espaços desabitados nas proximidades quando ocupados passam a ser conhecidos, também, pela denominação Roseta, que corresponde a área destacada no mapa (vide mapa, p. 43) . A ocupação iniciada por famílias pobres, teve o seu prosseguimento com a chegada e estabelecimento de famílias proletárias, pequenos trabalhadores do serviço público municipal, portuários e ferroviários; só nos finais da década de sessenta, início da de setenta as primeiras famílias de classes média começariam a se estabelecer no local. Assim sendo, por um longo

período, a principal característica do núcleo residencial roseta, era o de ser um local majoritariamente habitado por negros e mestiços desses. Sendo assim;

“Territorio fue y sigue siendo un espacio donde habitamos con los nuestros, donde el recuerdo del antepasado y la evocación del futuro permiten referenciarlo como un lugar que aquél nombró con ciertos límites geográficos y simbólicos. Nombrar el territorio es asumirlo en una extensión lingüística e imaginaria; en tanto que recorrerlo, pisándolo, marcándolo en una u otra forma, es darle entidad física que se conjuga, por supuesto, con el acto denominativo.” (Téllez, 1992, p. 48)

Segundo dados de um de meus informantes, registra-se, por volta de 1936, residindo no local vinte e cinco famílias. Por iniciativa de uma senhora católica, residente na localidade, dá-se início a catequização das crianças; construindo-se, posteriormente, nas proximidades do morro da Roseta um oratório, que demarcaria a área onde futuramente seria erguida uma pequena capela no ano de 1938, e para onde seria transferida a imagem de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário, que pertencera a irmandade negra do mesmo nome; assumindo, no entanto, a denominação de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> Auxiliadora (dos pobres!), mudança simbolizada pela substituição do rosário que esta possuía nas mãos por um cetro. Ironicamente, a comunidade, constituída em sua maioria por famílias negras, herda os despojos sacros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (dos pretos). Assim sendo, na década de sessenta, o Brinca em sua sede (1967) e a santa em sua capela recém construída (1969),

promovem, poderíamos dizer, a junção num mesmo território, das esferas do sagrado e do profano, aproximando a herança cultural dos 'Reis do Congo' e a material da Irmandade do Rosário, interligando-as<sup>32</sup>. Praticamente todos os integrantes do Brinca, residentes no bairro Progresso, catolicamente, apresentam-se como devotos da santa auxiliadora<sup>33</sup>.

Por volta de 1968-9, a área correspondente ao antigo núcleo da Roseta, começa a receber os primeiros investimentos em infra-estrutura, iluminação pública, água encanada e o calçamento parcial da avenida de acesso à rodovia (Br-101). Atraindo para ela, famílias de classe média, que recém chegadas à Laguna instalam suas residências ao longo dessa avenida. Paulatinamente inicia-se a crescente valorização imobiliária do local, e já no final da década de setenta

---

<sup>32</sup> - Enfocando a construção nacional do samba e da capoeira, Reis, salienta que “Na cultura musical negra, os atabaques fazem dançar ao mesmo tempo os deuses e os homens, quer dizer, *há uma indissociação entre danças profanas e sagradas*. Isso, no entanto, provocará protestos por parte das autoridades católicas que reclamarão da “profanação” de suas festas religiosas (...). Devido às queixas, *os festejos negros foram deslocados para o período do Carnaval*.” (1993, p. 11) (Grifos meus)

<sup>33</sup> - Roberto Lobato Corrêa, em seu ensaio, “Territorialidade e corporação: um exemplo”, assinala, que a palavra território deriva do latim *terra* e *torium*, denotando terra pertencente a alguém, assinalando que pertencente, “não se vincula necessariamente à propriedade da terra, mas a sua apropriação”. Para o autor em questão, apropriação apresenta um duplo significado; “De um lado associa-se ao controle de fato, efetivo e por vezes legitimado, por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço. (...) por outro lado, pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, sexo, idade e outros atributos.” (Corrêa, 1994, p. 251) -- concluindo, salienta a possibilidade destes dois significados combinarem-se, possibilitando o surgimento de territórios plenamente apropriados.

acelera-se a urbanização do bairro. Diante da crescente valorização de seus imóveis as famílias mais pobres acabam por vendê-los, transferindo-se para terrenos das imediações de menor valor, e até mesmo para bairros mais distantes do centro da cidade. Isso ocasiona, de certo modo, um *processo dispersivo* entre os integrantes do “Brinca Quem Pode” e que, juntamente com as transformações do carnaval de Laguna, força uma re-elaboração da prática discursiva do grupo, centrada anteriormente no aspecto local de residência: *A ROSETA*.

No mapa (p. 43), procurei assinalar a partir de orientações dadas por meus informantes a área por eles considerada como sendo o núcleo da Roseta, baseando-me também nas leis de criação dos bairros as quais definem seus limites de desmembramento. Assim com pequenas variações, seguindo o método de exclusão-aproximação, cheguei a esse traçado; já que minhas buscas no setor de cadastro da prefeitura se mostraram infrutíferas quanto a existência de limites oficiais atribuídos ao núcleo residencial da Roseta. As atividades da escola, com raras exceções, estão circunscritas a esta área. No carnaval de noventa e três, apenas uma ala de fantasias foi confeccionada em outro bairro, e esse fato foi alardeado e insistentemente utilizado por meus informantes para assinalar que a escola não se restringia apenas ao bairro Progresso (ou Roseta).

O bairro ainda mantém sinais da ocupação desordenada e gradual com que teve seu início. Ao percorrermos suas principais ruas, notamos casas mais antigas, simples construções em madeira, pequenas casas de alvenaria, terrenos baldios, casas sendo construídas e outras já construídas fugindo do padrão habitual, assinalam mudanças profundas no perfil característico do bairro

Aqui devo, novamente, observar que, em Laguna (cidade pequena), não houve oficialmente uma política de remoção das populações pobres, sobretudo negras, do perímetro central. Diferente das grandes cidades brasileiras<sup>34</sup>, a expansão urbana lagunense faz-se, indiretamente, através de um sutil e gradual processo de expulsão, ditado pelo crescimento demográfico e pela conseqüente valorização imobiliária do espaço, ocupado anteriormente por esses grupos. A urbanização desses locais tem efeito desagregador, pois dificilmente os antigos moradores das áreas assim valorizadas resistem a proposta de compra de seus terrenos. Optando por vendê-los, passam a ocupar (ou compram) áreas de terras de menor valor na periferia da cidade (vide mapas pp. 84-6).

---

<sup>34</sup> - Ver Rolnik (1981), Bacelar (1991), Costa (1991), Carvalho (1994)



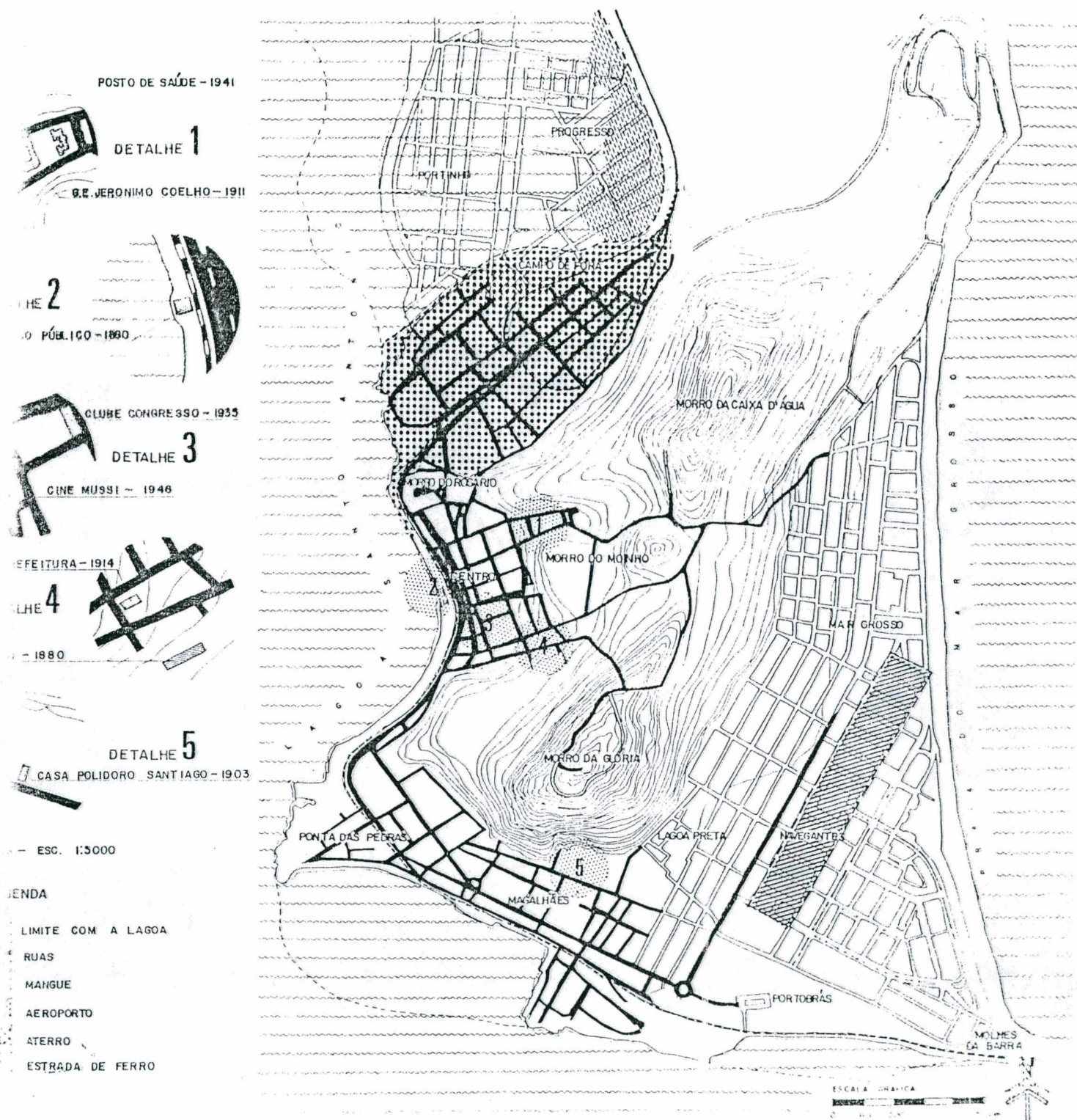
# MAPA 3.(a) - EXPANSÃO URBANA DE LAGUNA - (1880)



Fonte: Valorização do Sítio Histórico da Laguna - UFSC/FAU (1983)



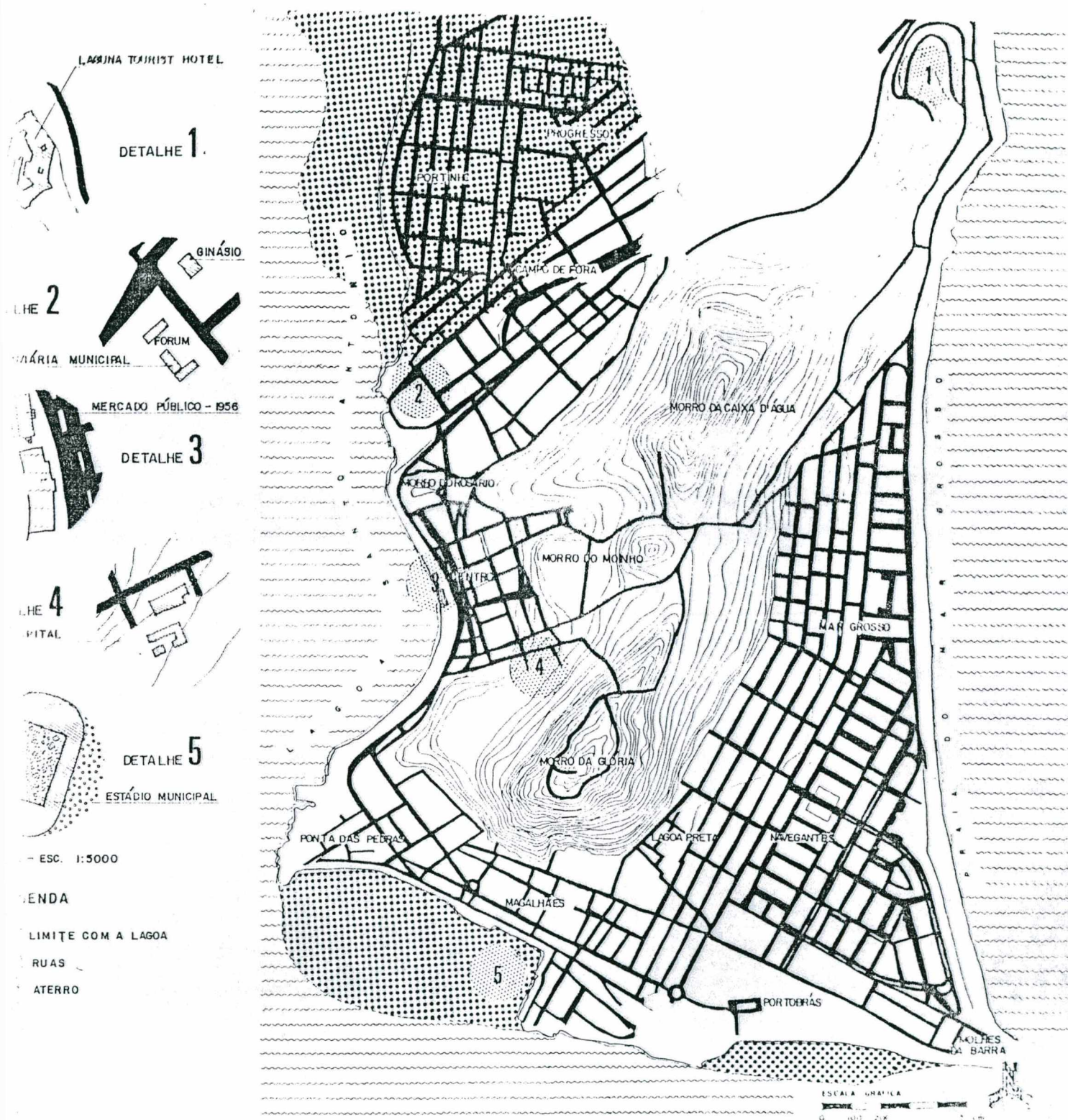
# MAPA 3.(b) - EXPANSÃO URBANA DE LAGUNA - (1880-1950)



Fonte: Valorização do Sítio Histórico da Laguna - UFSC/FAU (1983)



# MAPA 3.(c) - EXPANSÃO URBANA DE LAGUNA - (1950-1983)



### III

#### ... DO COTIDIANO AO CARNAVAL

*“A espacialidade é o tempo em retardo, é o tempo que tentamos frear, e daí a importância da ritualização na vida do dia-a-dia que, pela repetição, representa e mimetiza o imutável. A cidade ou a casa, como sedimentação das histórias passadas, do tempo passado, serve assim de pólo de atração, constituindo sólidas fortalezas nessa luta permanente que é o afrontamento do destino. É aí que deve ser buscado o fundamento do apego afetivo ou passionai que liga o indivíduo ou o grupo ao território, qualquer que seja.”*

*(Michel Maffesoli, “A conquista do presente”)*

Destaco que, na “Brinca quem pode”, durante um período aproximado de 8 (oito) meses (abril a novembro), as pessoas<sup>35</sup> diretamente envolvidas nas atividades carnavalescas executam suas rotinas diárias, o trabalho, o lazer e outros tipos de atividades comunitárias. Paralelamente, no entanto, aspectos ligados ao carnaval passado são administrados, tais como saldar as dívidas contraídas pela escola, dando-se, também, início de forma menos intensa, à programação do próximo carnaval. Programação, que se inicia com as primeiras discussões em torno da escolha do tema enredo, a partir do qual desenvolve-se, posteriormente, o samba enredo. Esse período marcado por reuniões esporádicas,

---

<sup>35</sup> - Distingo identidade pessoal de identidade social, esta última envolvendo também a noção de grupo, enquanto grupo social. Para um aprofundamento do tema ver Cardoso de Oliveira (1976).

geralmente mensais, cuja duração não ultrapassa a duas horas, realizadas em um horário que permita a participação de todos, isso é, fora do horário de trabalho dos participantes, que geralmente nessas primeiras reuniões do ano<sup>36</sup>, envolvem, principalmente, os membros de diretoria. Com pequenas variações, estas observações, também se aplicam as demais escolas de samba de Laguna. Este calendário com pequenas alterações é anualmente cumprido pela escola. Posso dizer que nesses meses as pessoas que compõe o grupo, dedicam-se mais intensamente às suas atividades regulares e profissionais<sup>37</sup>, de certo modo secundarizadas durante o período carnavalesco<sup>38</sup>. Paralelamente, nesses meses entre-carnavais, uma série de eventos são organizados, motivados quase sempre pela necessidade de arrecadar fundos para escola, e indiretamente para evitar uma

---

<sup>36</sup> - Extra-oficialmente, para o grupo a contagem de ano tem seu início após o carnaval, quando se retoma as atividades normais. Sendo que de dois em dois anos, a primeira reunião do ano propriamente dita é marcada pela eleição de nova diretoria, isto é, elege-se o presidente e este escolhe os demais componentes da diretoria. (N. A.)

<sup>37</sup> - Considerando-se este aspecto, o grupo apresenta um quadro bem variado, relaciono aqui, a título de ilustração, algumas delas: aposentados, biscateiros, carpinteiros, comerciários, costureiras, “donas de casa”, empregadas domésticas, estudantes, funcionários públicos, garçons, pedreiros, policiais civis e militares, professores, pequenos comerciantes, serventes, vigilantes etc. (N. A.)

<sup>38</sup> - Como observa, Cavalcanti (1994, p. 21); “O carnaval é uma época especial, de conteúdo social claramente definido. Nela, o tempo como que interrompe seu fluxo rotineiro por alguns dias - nos quais todo mundo brinca, se fantasia, pula na rua ou nos bailes, compete e se exhibe num desfile, simplesmente descansa ou trabalha para o carnaval - e retorna renovado. Só então parecemos estar efetivamente prontos para um novo ano cujo término trará consigo um outro carnaval.”

dispersão maior por parte dos componentes da escola. Verifica-se a intensificação desses encontros festivos, a partir da criação no bairro da escola Mocidade Independente, principal rival “carnavalesca” da escola “Brinca Quem Pode”, já que é uma prática comum a tentativa de cooptação de componentes entre ambas, e de modo menos restrito, entre as escolas. Pragmaticamente, a festa da padroeira local, Nossa Senhora Auxiliadora, também concorre como “auxiliar” na manutenção das redes de relações<sup>39</sup>, onde geralmente os festeiros ligados a uma ou a outra escola, apontam para o próximo ano festeiros a eles ligados, isso é, de sua própria escola, convocando-os também como “mordomos” das novenas realizadas durante o período da festa. Os *nós* dessas *redes* muitas vezes se cruzam, pois os grupos partilham o mesmo território, o bairro, porém, buscam diferenciar-se através da forma como dele se apropriam; isto é, pelo estabelecimento de fronteiras simbólicas<sup>40</sup>. Como nos assegura Raffestin (1993,

---

<sup>39</sup> - Utilizo de livremente a conceituação de Mitchel (apud Cavalcanti, 1994, p. 26); “Um conjunto específico de vínculos entre um conjunto definido de pessoas, com a propriedade adicional de que as características desses vínculos como um todo podem ser usadas para interpretar o comportamento social das pessoas envolvidas”.

<sup>40</sup> - Segundo Raffestin (1993) “Toda prática espacial, mesmo embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamento se traduz por uma “produção territorial” que faz intervir tessitura, nó e rede”. (...) A estrutura tessituras--nós--redes é exteriorizada por um grupo. É a encenação de uma outra estrutura interiorizada.”(p. 150-1); o autor ainda observa que, “Tessituras, nodosidades e redes criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos que os indivíduos e os grupos devem assumir”(p. 161). Tessituras, nós e redes são definidos pelo autor como sistemas de objetivos e de ações, conhecimentos e práticas (econômicos, políticos, sociais e culturais) relacionados espacialmente pelos elementos superfícies (tessituras), pontos (nós) e linhas (redes). (N. A.)

p. 165), “o limite é um sinal ou, mais exatamente, um sistema sêmico utilizado pelas coletividades para marcar o território: da ação imediata ou o da ação diferenciada”.

O que é possível durante o carnaval, torna-se impossível no dia-a-dia. Pude observar que no “Brinca Quem Pode”, o fator chave na definição de quem é ou não do “Brinca” é o da proximidade, da vizinhança, enfim a solidariedade ditada pela convivência diária. Assim sendo, os limites/fronteiras do grupo são altamente flexíveis, o que os torna conseqüentemente mais porosos e intercambiáveis. Entretanto a dinâmica dessa intercambialidade e dessa porosidade, que define os critérios de inclusão e exclusão, é dada pelos integrantes efetivos, atingindo seu grau máximo de inclusividade no período carnavalesco. Percebe-se nesse momento, principalmente, na prática discursiva, o esboço de um discurso que se quer amplo, globalizado e inclusivo, que procura posicionar o pertencimento ao grupo, enquanto “escola de samba”, a nível municipal, regional e até mesmo nacional:

“Eu acho que o Brinca, eu acho assim com a proporção que ‘tá tomando, *ele só está localizado no bairro*, mas já tomou assim rumos mais amplos, entende!, já é uma escola de Laguna, pra Laguna e para os turistas,(...) como a gente tem várias *pessoas de outras cidades* que já vem assim especialmente pra sair no Brinca e se não for no Brinca muitas pessoas, muitos turistas, melhor dizendo, deixam de sair. A gente tem de Porto Alegre,

temos de Curitiba, temos até do Rio, esse ano desfilou gente conosco, de Brasília,(...) (CDR, 1993:trans.)

Mas que ao mesmo tempo, delimita e estabelece a diferença entre um “nós” e um “eles”;

“(...) independente de ser parente ou não, mas sempre tem *peessoas assim de fora querendo sair no Brinca*, certo!, pessoas até de Tubarão (...) vinham todas as noites o ensaio. (...) Então eu acho assim, que o Brinca ele só está localizado no bairro, *mas ele já se estendeu*, já saiu até do mapa de Laguna, ‘tá além, *além fronteiras*.” (Idem)

Conforme o exemplo supra mencionado, o “além fronteiras”, presente no discurso de minha informante, comporta múltiplas dimensões ao mesmo tempo que estabelece os limites do grupo ao permitir que se distinga os “de dentro” e os “de fora”.

### **A Escola: território constituído**

O bairro Progresso, é onde encontra-se sediado o “Brinca Quem Pode”, grupo sobre o qual lanço meu olhar etnográfico. Como já mencionei anteriormente, a Escola de Samba ACADEMIA CARNAVALESCA, ESPORTIVA E RECREATIVA BRINCA QUEM PODE, foi fundada em 17 de



fevereiro de 1947, como bloco carnavalesco, por músicos integrantes da Sociedade Musical 'União dos Artistas', sócios e/ou frequentadores do clube negro 'Cruz e Souza'. A adoção do nome "Brinca Quem Pode" é justificada pela necessidade de se 'guardar a tradição' (expressão utilizada por um dos entrevistados durante a pesquisa), era o nome do antigo bloco de salão existente no 'Souza'.

A respeito desse primeiro "Brinca Quem Pode", um dos informantes assim se reporta:

“O primeiro 'Brinca Quem Pode' foi fundado na rua nova na casa do falecido João Ramos ... o falecido Ênio, o falecido Carlos, o *Valdemar da Tomásia Macaca*, ééé que'ra mais, eu ééé e mais alguns que eu não me lembro, esses eu me lembro bem, certo! Foi fundado na rua nova na casa do João Ramos, do falecido João Ramos ... era um bloco de carnaval, (...)” (JJM, 1993:trans.) (Grifo meu)

O qual por sua vez , segundo alguns de meus informantes, adotara o nome de uma sociedade recreativa, exclusivamente negra, então existente em Florianópolis<sup>41</sup>, e frequentada em determinadas ocasiões por alguns de seus componentes fundadores e que chamava-se “Brinca Quem Pode”. Outra versão nos dá conta

---

<sup>41</sup> - Tramonte (1996, p.76), registra a existência em Florianópolis: “Brinca Quem Pode (nascido na Conselheiro Mafra, depois Sociedade Carnavalesca, formado só por negros)”. (N. A.)



do surgimento espontâneo do nome, a partir da improvisação para desfilarmos durante o carnaval, quando a regra geral era 'brincar como pode'.

“(...) esse (“Brinca Quem Pode”) foi desmanchado, aí foi saindo um, saindo outro, foi desanimando que era coisa sem compromisso, certo! quando queria ir ia, quando não queria, não ia, quando não tinha ensaio não tinha nada; chegava o carnaval reunia aquela turma saía batendo, desfilava, ainda me lembro, que um dia nós desfilamos pela (rua da) Operária, batemos ali um pouco, tinha baile; passou pela praça da bandeira e desmanchou aqui no jardim. Era uma turma sem compromisso, óh! vamo sair esse ano, vamos! então vamos, (...) era a vontade, quer dizer que o uniforme era a vontade depois terminou; veio o segundo Brinca Quem Pode, fundado não lembro mais ... e o Paulinho tomou conta, como está guentando até hoje. Esse então é a Brinca Quem Pode, ééé um dos primeiros blocos, talvez o primeiro (...)” (Idem)

A propósito da recriação do bloco, um de seus antigos integrantes assim a descreve:

“Naquele tempo não tinha nada o que fazer, então nós inventamos uma brincadeira, já existia o Xavante, então achava que o Xavante ia ficar sozinho, aí criamos um, não foi um ... foi um bloco, aí o negócio do bloco, aí o nome, tinha de surgir um nome, aí um tal de *Valdemar*, chamava-se *Valdemar da Macaca*, então ele sugeriu botar esse nome, já tinha no Souza esse bloco Brinca Quem Pode, então aí surgiu esse nome Brinca Quem Pode, foi do *Valdemar da Macaca*, *Valdemar Matos* o sobrenome dele, então aí foi aprovado, aí então saímos com o bloco uma brincadeira, a idéia, antes foi uma

brincadeira, aí saímo como um casamento na roça, aí começou a brincadeira do Brinca Quem Pode, com o casamento na roça, aí no ano depois do ano começou a inventar fantasia. (ADR, 1993:trans.) (Grifos meus)

É importante observar, que a sugestão do nome partiu de um dos fundadores do “primeiro” “Brinca Quem Pode”, fundador também do “Brinca” em 1947, chamado Valdemar da (Tomásia) Macaca. Mais adiante, em sua entrevista o informante retoma o assunto “Brinca Quem Pode”, o bloco antigo, fazendo alguns acréscimos em relação a nomeação do bloco e destaca:

“( Brinca Quem Pode) Era o bloco do Souza (Clube Cruz e Souza), porque no Souza, ... tinha dois clubes, tinha o Souza e tinha a operária (Clube União Operária), então a Operária tinha o Bronze, e o Cruz e Souza adaptou esse nome Brinca Quem Pode). Tinha dois blocos entende? mas eles saíam na rua, tinha (fantasia) fantasiado, tudo igual, era um bloco, fantasia tudo igual, tanto o Bronze como o Brinca Quem Pode; é mas o Blondin também tinha o bloco, tinha o Sapeca, ... tinha o Bambo, eram blocos competitivos, e o Souza tinha o B.Q.P., e na Operária existia o Bronze, que era de mulato, na Operária era de mulato e no Souza era de negro, é que tinha separação, existia separação ... (o Brinca Quem Pode) começou de Florianópolis, (depois criou) no Souza com o mesmo nome, aí criou o Brinca Quem Pode *pra guardar a tradição*, não então já que existiu um Brinca Quem Pode então vamos fazer ... vamos dá o nome de Brinca Quem Pode. (houve uma votação?) Não, não, a gente teve uma aclamação ... que seria Brinca Quem Pode ... (Idem)

Como acima mencionamos, destaca-se na fala do entrevistado, o sentido atribuído a expressão “pra guardar<sup>42</sup> a tradição”, a escolha do nome como forma de estabelecer uma *linha de continuidade* com o antigo bloco de salão. Nesse sentido faz-se pertinente a observação de Halbwachs (1990, p. 86-7) em relação aos grupos;

“Eles se transformam, segmentam-se, se bem que mesmo que permaneçamos no lugar, que não saíamos de um grupo, acontece que *pela renovação lenta ou rápida de seus membros, torna-se realmente um outro grupo* que tem senão poucas tradições comuns com aqueles que o constituíam no início.”

De que forma se dá a renovação do grupo e como uma formação distingue-se da outra, para isso precisamos analisar os aspectos ligados ao grupo em sua continuidade-descontinuidade, atentando para os aspectos que caracterizam sua (re)fundação e operam a passagem do campo interacional para o residencial.

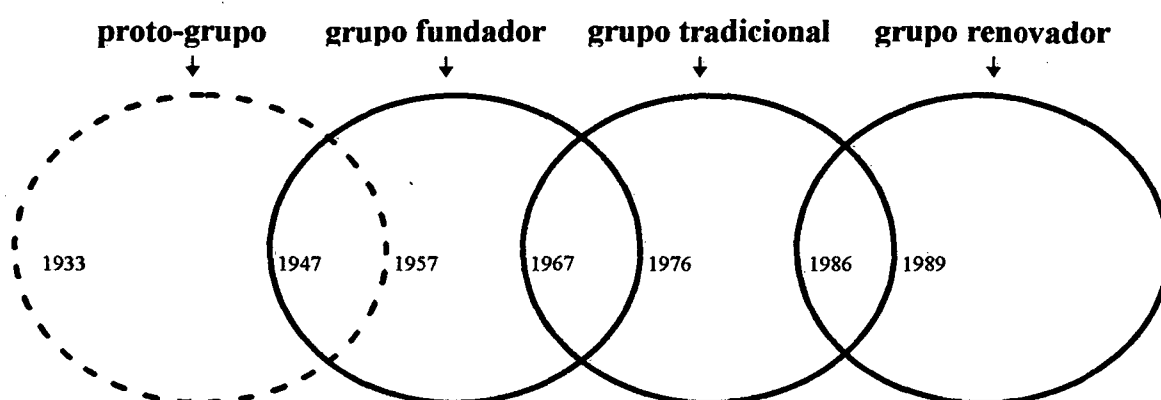
#### **a) Continuidade e descontinuidade - “Pra guardar a tradição”**

Sugiro que se interprete o processo de transformações históricas do “Brinca Quem Pode”, a partir da renovação de seus membros e das mudanças conjunturais

---

<sup>42</sup> - O Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio B. H. Ferreira, registra para o vocábulo guardar (V. t. d.) inúmeras acepções; o uso que dele faz meu informante aponta para as seguintes:” 3. Tomar conta de, zelar por; conduzir vigiando. 7. Ter a seu cuidado; proteger, resguardar. 8. Continuar a ter, não perder. 9. Observar, cumprir, praticar 12. Conservar, manter 13. Conservar, manter, gravar, na memória.”. (N. A.)

demarcadoras. Para isso estabeleço a partir da linha de continuidade expressa por informantes, a ligação com o primeiro “Brinca” (criado em 1933 como bloco improvisado/bloco de salão) que denomino de **proto-grupo**, do qual é o depositário, o que se “guarda a tradição”, também concretizada pela presença de seu antigo componente (Valdemar da Tomásia Macaca) entre os (re)fundadores de 1947, abrange o período de 1933-1947∩57; o segundo grupo que eu denomino de **grupo fundador**, seria formado pelos membros fundadores abrangendo o período 1947∩57-1967∩76, que se caracteriza pela identificação da escola com a localidade onde a maioria de seus membros reside; o terceiro, que denomino **grupo tradicional** seria a fase em que a Escola é composta basicamente por famílias residentes na Roseta ligadas pelo parentesco, pela amizade e pela convivência diária (vizinhança) ao grupo dos fundadores, abrange o período de 1967∩1976-1986 ∩1989,; o **grupo renovador** corresponde ao quarto período, que se inicia em 1986, e é o momento em que o “Brinca” estrutura-se definitivamente como escola de samba. A figura da página seguinte, ilustra minha periodização:



**Figura (c)**

Destaco que as intersecções assinalam períodos de transição, que ocorrem no processo de renovação que o grupo vivência. Essas datas foram destacadas por mim, baseado nos seguintes critérios; primeiramente, a forma recorrente com que foram mencionadas pelos informantes (fatos ocorridos entre 1933-1967), e em segundo lugar, seguindo as informações registradas em atas dando destaque a fatos ocorridos nas datas assinaladas (de 1967 até 1993...). De certo modo essa periodização esquematizada acima permeará todo a discussão que desenvolvo a seguir e nos próximos capítulos. Como informação preliminar relaciono as datas destacadas aos acontecimentos que assinalam: (I) 1933 - ano da criação do primeiro “Brinca Quem Pode” ligado ao clube negro “Cruz e Souza; (II) 1947 - assinala a nova formação do “Brinca Quem Pode”; (III) 1957 - o “Brinca” deixa

de ser formado exclusivamente por negros; (IV) 1967 - Completa-se o processo de ligação do, ainda, bloco à localidade - a maioria das famílias que o compõe residem na Roseta e proximidades, entre essas famílias, mesmo as consideradas “brancas”, todas apresentam-se como co-fundadoras do bloco; (V) 1976 - Assume a presidência do bloco um componente da ala jovem, que passa a promover mudanças na forma de organização do “Brinca”, ao deixar a presidência, é substituído por pessoas ligadas a linha mais tradicional; (VI) 1986 - O presidente eleito reforma parcialmente os estatutos da escola e a organiza nos moldes de uma escola de samba, abandona o cargo por pressão das famílias que não concordam com a reforma promovida nos estatutos e (VII) 1989 - Assume a direção da escola pessoas do bairro, ligado por parentesco as famílias “tradicionais”, dando continuidade as mudanças implementadas anteriormente a nível de organização da escola - período em que a escola volta a ocupar lugar de destaque no carnaval lagunense.

Nota-se que a cada período a Escola assume uma configuração diferenciada da anterior, quer seja, pela modificação da composição de seus integrantes através do estabelecimento de novas alianças, ou até mesmo, pela transformação da sua forma organizacional.

## **b) A formação da escola e sua vinculação ao bairro**

A formação inicial do bloco (re)fundado, compunha-se basicamente de oito famílias e um número de componentes que variava entre trinta/quarenta pessoas; formado em sua maioria por homens e um pequeno grupo de mulheres e crianças, todos negros; essa formação permaneceria por quase dez anos (primeira foto p. 100). A partir de 1954, quando algumas das famílias que então integravam o bloco passam a residir na localidade conhecida por Roseta, outras famílias residentes no local passam a integrar o “Brinca Quem Pode”. M. Certeau (1994, p. 161) observa que;

“A memória mediatiza transformações espaciais. Segundo o modo do “momento oportuno” (*kairós*), ela produz uma ruptura instauradora. Sua estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar. Saindo de seus insondáveis e móveis segredos, um “golpe” modifica a ordem local.”

Mudança significativa ocorreria em 1957, quando o bloco, vencendo resistência de ambos os lados, passaria a ser integrado por pessoas consideradas (e/ou que se consideravam) “brancas”, embora, em pequeno número (segunda foto p.100). Inicialmente esses novos integrantes incorporavam-se a escola só nos dias de carnaval, posteriormente com a construção da sede na localidade passam a ter uma participação mais direta ocupando cargos de diretoria. Essa participação



**“Brinca Quem Pode” - “Malandros ao Luar” (1948/1949?)**



**“Brinca Quem Pode” - “Piratas Mouriscos” (1957)**



direta, entretanto, impõe de início uma separação entre “negros” e “brancos”, que se confirma através da existência do “Grêmio das Rosas” e o (redundante) “Grêmio das Margaridas Brancas”, formados respectivamente por mulheres “negras” e “brancas”. Segregação que, curiosamente, reflete-se no cronograma dos bailes organizados alternadamente pelos “Grêmios” e exclusivamente freqüentados por “negros” os promovidos pelo “Rosa” e por “Brancos” as promoções do “Margaridas”. Sobre esse assunto os informantes quando questionados evitavam de todas as formas entrar em detalhes, era tratado quase como tabu. É oportuno salientar que os critérios de classificação, negro/branco e possíveis variações, seguem padrões estéticos e fenotípicos tais como cor da pele, cabelo, boca e nariz. Isso, num processo de forte mestiçagem, paralelo ao de segregação de cunho étnico e sócio-econômico, ocorrido em Laguna, e que, ainda, sutilmente ocorre, reforça a ambigüidade das categorizações étnicas em termos de atribuição e auto-atribuição<sup>43</sup>. Essas categorias dispostas na escala prismática do

---

<sup>43</sup> - Soares (1981, p. 46), analisando o grupo de descendentes de escravos na comunidade de Bom Jesus (MA), ressalta que “A autodefinição “negros”, “pretos”, “morenos”, que sublinha a presença e, em função de sua recorrência, o peso da identidade *étnica*, *designa todo aquele que se define ou é definido pelo que lhe atribui o índice étnico como membro do grupo*, como integrante da rede social formada pelos descendentes dos escravos beneficiados pela doação de terras de Bom Jesus, ou, mais diretamente, como herdeiro legítimo dos “direitos”. *Sua cor de pele não tem necessariamente de ser negra.*” (Grifos meus)

“branqueamento”<sup>44</sup>, acabam por gerar um espectro de variadas cores num continuum entre “preta” e “branca”<sup>45</sup>. Relembro a propósito, que um dos informantes assim se posiciona: “não sou branco, sou mulato claro, tenho um irmão bem queimado, tenho uma irmã mais clara, ...” (VDS, 1993:trans.)

Nesse período, 1957, o bloco não possuía sede própria, o local dos ensaios, em época de carnaval, mudava constantemente. Sendo assim, por vinte anos, o Brinca, como grupo, perambulou por variados locais, principalmente no “Campo-de-Fora”, bairro contíguo à Roseta. O “Brinca” receberia no final nos anos finais da década de cinquenta (1957/1958!), através de doação, feita pela Prefeitura Municipal (Gestão do Pref. Walmor de Oliveira<sup>46</sup>), uma área de terras no recém criado Núcleo Residencial da Roseta. A doação apenas oficializava a posse definitiva da área de terra, onde em 1967, em regime de mutirão seria construída a

---

<sup>44</sup> - Schwarcs (apud Reis, 1993), observa que “Embora a “teoria do branqueamento”, ao que tudo indica uma criação brasileira, não tenha tido maiores repercussões na comunidade científica internacional e nem mesmo nacional, ao nível da representação ela foi vitoriosa no país.”

<sup>45</sup> - Em artigo publicado na Folha de São Paulo (caderno especial, 25/06/95, p.5), a demógrafa Valéria Motta Leite, detectou na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) feita em 1976, 135 termos diferentes utilizados para classificar a cor da população brasileira. (N. A.)

<sup>46</sup> - Prefeito da cidade no período compreendido entre 1956 e 1959 e posteriormente eleito deputado estadual, cumprindo duas legislaturas 1959-1962 e 1963-1966. As doações provavelmente já constituíssem peças de campanha, pois, segundo um dos informantes, na época, em igual período o rival carnavalesco do “Brinca”, o “Xavantes” também recebeu em doação um terreno no bairro de Magalhães, ambos terrenos de propriedade municipal. (N. A.)

primeira sede, de madeira. O bloco ligava-se, assim, definitivamente à localidade. Nesse mesmo ano através de lei municipal seria criado o bairro PROGRESSO<sup>47</sup>, que incorporava os, então, núcleos residenciais: Roseta, Areal, Pêra e Parque Industrial (posteriormente Portinho); sendo a Roseta o núcleo de maior concentração populacional e seus moradores historicamente ligados ao "Brinca"<sup>48</sup>.

### **Inserção do grupo na sociedade local**

Devo considerar um ponto importante, ao se dizer “eu sou do Brinca”, ou “ele é do Brinca”, aciona-se um mecanismo de identificação que permite localizar a pessoa que fala ou de quem se fala, em termos de espaço e/ou

---

<sup>47</sup> - É interessante frisar que a denominação de bairro progresso, dada aos núcleos residenciais (Lei nº 8/67) tem por data 16/05/1967; mesmo assim tal denominação só se tornaria corriqueira cerca de doze anos mais tarde, por volta de 1979/1980, persistindo nesse período as antigas denominações. Sendo que, em certas ocasiões continuam sendo acionadas, falar em “Brinca Quem Pode”, é falar basicamente de Roseta, mesmo que este, hoje, esteja localizado no espaço denominado de bairro progresso; há pessoas, entretanto, que rejeitam a denominação roseta, preferindo a de progresso, mas estas, também, não negam a identificação da escola com o local denominado Roseta. (N. A.)

<sup>48</sup> - A título ilustrativo, dados do IBGE, dos censos de 1980 e 1991, respectivamente relativos ao setor 9(nove) e ao setor 13(treze), setores que aproximadamente correspondem aos limites do que se conhece por *Roseta*, indicam para a área uma renda média de 2,4 salários mínimos (censo de 1980) e de 2 salários mínimos (censo de 1991), para um número correspondente a 1.102 moradores em 1980 e 1.495 moradores em 1991, dados relativos aos domicílios permanentes. (N. A.)

tempo. O uso dessa identidade lúdica, precedida e aliada à identificação pela cor da pele ultrapassa plenamente os limites temporais do período carnavalesco, nesse caso, compondo intrinsecamente a dimensão da etnicidade, tal como Barth (1976) a caracterizou em seus primeiros estudos:

“ (...) las distinciones étnicas categoriales no dependen de una ausencia de movilidad, contacto o información; ante bien, implican procesos sociales de exclusion e incorporación por los cuales son conservadas categorías discretas *a pesar* de los cambios de participación y afiliación en el curso de las historias individuales. (...) las distinciones étnicas no dependen de una ausencia de interacción y aceptación sociales; por el contrario, generalmente son el, fundamento mismo sobre el cual están contruidos los sistemas sociales que las contienen.”(p. 10)

Diria que, por pregnância, o lúdico, o parentesco e o predomínio de uma noção específica de família nas várias instâncias de poder, faz com que o “Brinca” seja identificado como uma escola caracteristicamente negra.

Observo que, do ponto de vista das auto-representações, durante toda a trajetória da escola nos carnavais de Laguna, a temática diretamente ligada ou referenciando aspectos da cultura negra, raramente foi abordada. Considerando-se o período das fantasias temáticas, marcadamente compreendido entre 1948-1976, onde o “Brinca” apresenta-se como bloco carnavalesco; essas poucas abordagens ocorreram de forma mais direta nos carnavais de 1977 (Lendas e mistérios do

negro no Brasil) e em 1983 (Festa colorida e a dança da Deusa Vodun), ambas composições de Ivaldo Roque, músico e compositor lagunense. Segundo um dos informantes, esse músico, era conhecido com relativo sucesso em Porto Alegre(RS), onde residiu por muito tempo, e lá, também, integrava a Escola de Samba “Praiana”. Devo fazer uma pequena observação, “Lendas e mistérios do negro no Brasil”, que ficou conhecida como “Milongueiro”, foi feita em parceria, o que talvez explique a inconstância, entre os primeiros e últimos versos da composição (vide anexo I).

Para a sociedade lagunense, a escola de samba “Brinca Quem Pode”, muito mais por sua origem e embasamento em famílias negras, é considerada uma escola tipicamente negra. Como me reporta um dos informantes integrante da Escola de Samba Mocidade Independente, hoje, a principal rival carnavalesca da “Brinca Quem Pode”:

“(…) Eu não quero levar por esse lado, mas a verdade é que o B.Q.P.. é formado, mesmo que haja uma mistura de raça, no B.Q.P.. e na Mocidade, mas o B.Q.P.. caracteriza mais pela raça negra e a Mocidade até caracteriza mais pela raça branca, não tem?, existe isso aí, queira ou não queira, mas existe, até porque a família que caracteriza o B.Q.P., é a família Baeta, família negra, e a família que caracteriza a mocidade, é a família Dedinho, que é a minha família, então é uma raça branca; quer dizer, isso aí não quer dizer que, não exista, exista não, que exista tanto racismo no B.Q.P.. como na Mocidade, não tem nada disso, as duas escolas tem componentes de todas as raças, só que há uma característica em tudo isso aí, queira ou

não queira sempre há. Até o pessoal do B.Q.P.. ééé! o bloco de branco, é o pessoal (da M.I.) ééé! escola de negrão aquele negócio ta-ra-ra-po-ro-ró (...) mas tu vê só que o nosso mestre de bateria é negrão, o filho do Pelé, o Pelé foi sempre mestre de bateria da Mocidade, hoje, é o filho dele né!, não tem nada a ver. O B.Q.P.. hoje tem um presidente que é da é da raça branca é o Domingos: mas caracteriza assim pela ..., até pela, sei lá porque, mas é porque ficou assim mesmo (...) é pela predominância, é claro, é isso aí.(...)” (JSJ, 1993:trans.)

A fala do informante é entrecortada por uma série de ressalvas discursivas, deixando claro, que esta abordagem o deixava bastante constrangido. Embora o trecho em certos pontos pareça bastante confuso, fica evidente o uso do termo “raça”, como um fator iminentemente distintivo e a caracterização das escolas a partir de sua origem “familiar”. Nesse sentido a visão de “dentro para fora” está centrada na idéia de grupo, nas alianças que se realizam através do parentesco, da sociabilidade, da condição social, do espaço que ocupam, enfim, expressa a forma como esse se organiza e os vínculos que estabelece, sua territorialidade.

“ (...) a territorialidade (...) reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo

algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele.” (Raffestin, 1993, pp. 158-9)

A cor surge, aqui, mais como um diacrítico, ou seja, assinala uma distintividade nas relações que se estabelecem, e portanto, estende-se por toda a sociedade, que, assim, de “fora para dentro” os identifica.

### **O calendário e a estrutura organizacional da escola**

A princípio não existe um calendário rigorosamente estabelecido das atividades do grupo relacionadas ao carnaval, porém, ao analisar as atas notei uma certa constância, geralmente as primeiras referências ao próximo carnaval ocorrem timidamente no mês de abril. Nos meses de maio a novembro, o grupo realiza reuniões ordinárias. Nesse momento, a temática do “próximo carnaval” é tratada com grande distância e surgem as primeiras idéias. Há no entanto, como aconteceu quando iniciei em 1992 o trabalho de campo, uma grande preocupação em saldar as dívidas contraídas do carnaval passado, chegando muitas vezes essa preocupação até o momento em que a verba do carnaval seguinte é liberada (mês de janeiro); com ela saldavam-se as antigas dívidas; e recuperado o crédito, contraem-se novas. Dessa forma se estabelece uma certa continuidade temporal,

em que as atividades do grupo dividem-se entre os encargos assumidos do carnaval anterior e os planos para o próximo carnaval.

As dívidas da escola são assumidas pelo grupo, saldá-las é dever de todos, que encaram a tarefa como um compromisso de honra, onde está em jogo o nome da escola e muitas vezes o patrimônio que ela possui.

O período carnavalesco é vivido intensamente por cerca de dois meses e meio, geralmente a movimentação inicia-se, ainda, em dezembro após as festas natalinas, quando já se tem definido o tema enredo da escola e consequentemente os figurinos das fantasias. A confecção das fantasias, inicia-se com a liberação da verba destinadas pela prefeitura à escola, sendo ditada quase sempre pela rapidez e a forma com que essa é liberada, se em parcelas ou totalmente, dela depende o início dessa atividade. Muitas vezes, tal liberação só acontece poucas semanas antes do carnaval, o que decreta uma grande corrida contra o tempo. Isso ocorreu no carnaval de 1993, que teve seu início bastante prejudicado, contribuindo também para isso a polêmica criada em torno do pré-carnaval; envolvendo a prefeitura/secretaria de turismo, as escolas e demais agremiações. Essa propunha a realização do pré-carnaval em um espaço fechado, que possibilitaria a cobrança de ingressos do público presente as apresentações das escolas e de outras agremiações carnavalescas, proposta prontamente recusada pelos representantes



das entidades do carnaval de Laguna e com isso gerando um certo impasse. A liberação total das verbas permitiu no entanto que, em tempo recorde (cerca de trinta dias), as escolas pudessem dar continuidade ao trabalho carnavalesco.

Descartada a idéia de um pré-carnaval num espaço fechado, em reunião realizada no dia 08/02; esse em sua forma tradicional iniciou tardiamente (10/02), quase duas semanas antes do carnaval propriamente dito. Consequentemente, a intensificação dos trabalhos que geralmente ocorre entre a primeira e segunda semana de janeiro, começou a desenvolver-se em ritmo, ainda, lento na última semana de janeiro. Com a resolução do impasse com a prefeitura (secretaria de turismo) em relação ao pré-carnaval e ao seu início, os trabalhos assumiram um ritmo mais febril. Acompanhei boa parte dos trabalhos da “Academia Carnavalesca, Esportiva e Recreativa “Brinca Quem Pode” , principalmente os realizados no galpão, onde eram montados os adereços e alegorias, além dos carros alegóricos e dos destaques da escola. Esse processo de dar forma ao que vem sendo gestado por quase um ano, desde a escolha do tema e criação do samba-enredo ao início dos trabalhos, é vivido intensamente pelos componentes da Escola.

É importante frisar que, esse período de carnaval a que nos referimos, um espaço de tempo que dura de dois a três meses, é o momento em que a esfera

administrativa (a diretoria) torna-se secundarizada em relação à esfera artística (comissões de carnaval e seus diretores). Cada um deles coordenando suas equipes, supervisionados pelo presidente da escola, que gerencia e administra o uso dos materiais procurando racionalizar os gastos excessivos, estabelecendo o elo de ligação entre os diversos grupos de trabalho, esse gerenciamento é de suma importância, ele impede que algum grupo deixe de trabalhar por falta de material ou outro tipo de coisa, como a alimentação por exemplo. Nesse período em que acompanhei os trabalhos de galpão, fui informado que o grupo de trabalho era constituído de quinze pessoas, vinte considerando-se os cinco voluntários, desses cerca de 7 a 8 vinham trabalhando quase que ininterruptamente, isso é, virando as noites, muitas vezes chegando a dormir no galpão, sendo a alimentação feita ali mesmo, de um simples lanche (geralmente) a um churrasco improvisado; seguidas logicamente das imprescindíveis garrafas de café e algumas doses de bebida (do refrigerante às alcóolicas). Na maioria das vezes a equipe do galpão é formada basicamente por homens, entretanto quando o tempo torna-se curto as mulheres também acabam auxiliando. Os trabalhos são coordenados diretores das comissões (alegoria, fantasia, adereços) e pelos diretores de ala, supervisionados e administrados pelo presidente da escola juntamente com os vice-presidentes. As tarefas são distribuídas de acordo com as habilidades de cada um dos integrantes

dos grupos de trabalho (soldadores, marceneiros, carpinteiros, pintores, decoradores); exceção feita aos trabalhos em que se necessita de uma técnica mais apurada, quando isso ocorre busca-se contratar um profissional, geralmente um artista plástico local ou da região, que passa a assessorar a escola, por vezes assumindo, até mesmo, a posição de carnavalesco. Participar de um ambiente desses é respirar um ar de expectativa com o desfile oficial que se aproxima, é curtir as brincadeiras, é repassar o samba enredo, olhar para o material confeccionado apreensivo quanto a possibilidade desse resistir a uma chuva inesperada. Reina um clima muito salutar de união, apesar das diferenças que sabemos existir entre alguns, mas tudo nivela-se no efeito mágico de poder e querer viver o carnaval, que comprovadamente não é só um dia.

Para que possamos entender a estrutura organizacional da escola “Brinca Quem Pode”, eu a dividi, como referenciei acima, em esfera administrativa e esfera artística<sup>49</sup>.

#### Esfera Administrativa

Presidente de Honra (\*)  
 Presidente Benemérito (\*)  
 Presidente Honorário (\*)

-----  
 Presidente

#### Esfera Artística

Diretor de Melodia  
 Diretor de Harmonia  
 Diretor de Bateria  
 Diretor de Fantasias  
 Diretores de Alas (\*\*)

<sup>49</sup> - Utilizo a divisão proposta por Goldwasser (1975). (N. A.)

1º Vice-presidente  
2º Vice-presidente  
Secretário Geral  
1º Secretário  
2º Secretário  
Tesoureiro Geral  
1º Tesoureiro  
2º Tesoureiro  
Diretor Social  
Assessoria Jurídica  
Conselho Fiscal  
Orador  
Relações Públicas  
Zelador

Diretor de Alegorias  
Diretor de Adereços  
Comissão de Harmonia  
Comissão de Bateria  
Comissão de Fantasias  
Comissão de Alegorias  
Comissão de Adereços

(\*) cargos simbólicos

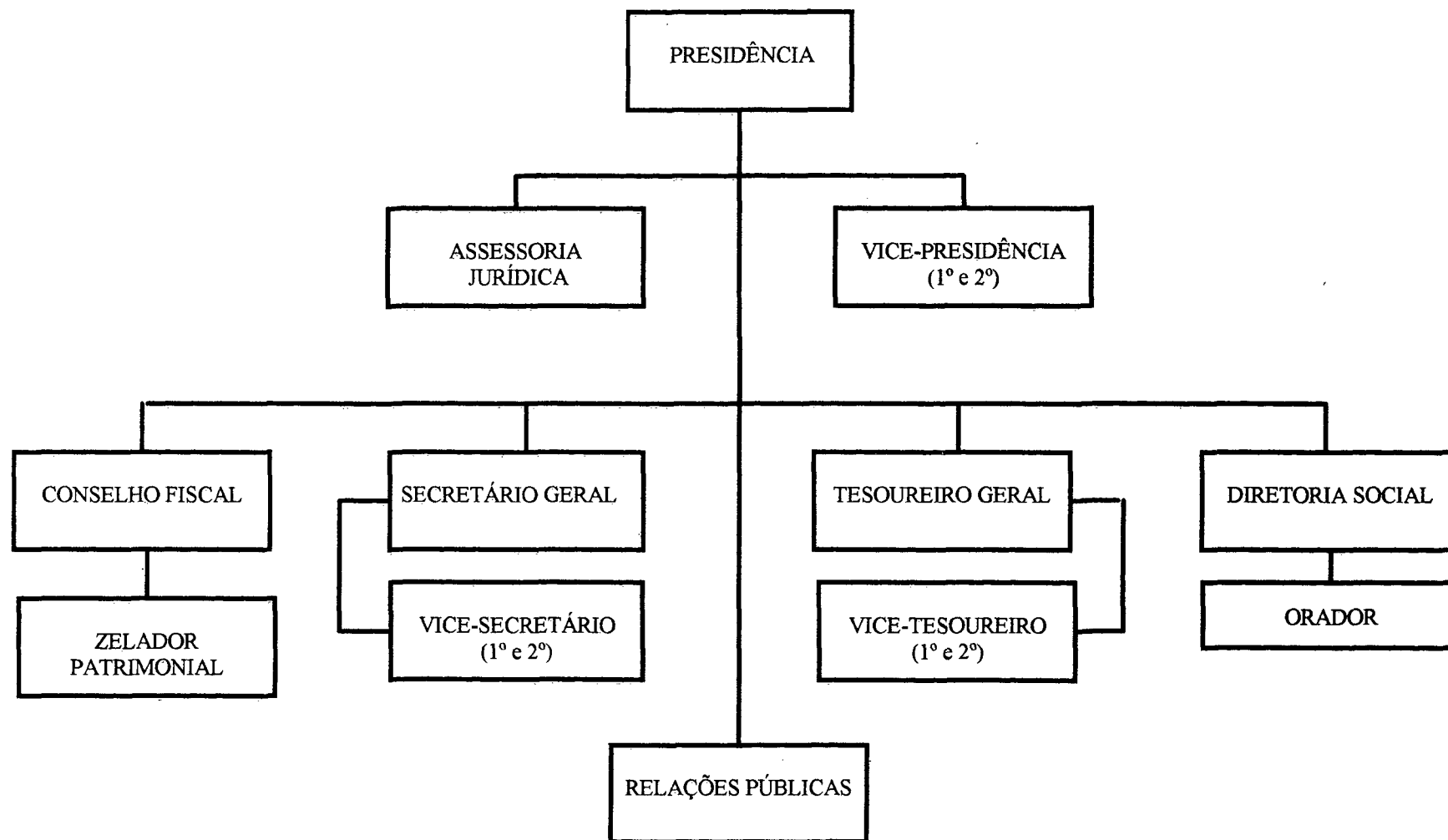
(\*\*) denominação oficial dos chamados cabeças-de-ala, nesse caso alas temáticas, fixas ou não.

Para se ter uma idéia do número de pessoas envolvidas na estrutura organizacional - administrativa e artística - da escola, verificamos em ata, a relação de pessoas envolvidas em cargos de diretoria e/ou formando comissões de carnaval; no ano de 1993, período em que realizamos nosso trabalho de campo esse número chegava a 67 (sessenta e sete) pessoas, 18 dessas acumulavam cargos ou participavam de várias comissões, sendo, portanto, bastante comum a superposição de papéis. Esse número de pessoas, no carnaval seguinte (1994), seria drasticamente reduzido para cerca de 35 (trinta e cinco) pessoas, por uma série de razões, entre elas a desistência do presidente eleito anteriormente,

forçando assim uma reformulação dos quadros diretivos, e com isso provocando um acúmulo maior de funções entre os integrantes da diretoria.

A divisão nessas duas esferas (artística e administrativa), auxilia nosso entendimento da forma como é gerenciada a escola; a diretoria (vide diagrama I, página seguinte), com seus cargos semelhantes a qualquer agremiação recreativa carnavalesca ou não, cabe administrar a escola durante o ano todo. Na escola de samba “Brinca Quem Pode” essa diretoria é composta basicamente 15 (quinze) cargos efetivos e 03 (três) cargos simbólicos relacionados acima, essa era basicamente a composição que a escola possuía entre o ano de 1992 e 1993; entretanto essa composição pode sofrer alterações, geralmente pela falta ou excesso de pessoas que possam assumir determinadas funções. Essa estrutura organizacional hierarquicamente pode, então, ser subdividida em cargos executivos (presidente, secretários, tesoureiros); consultivos (assessoria jurídica); deliberativos (conselho fiscal), sociais (diretor social, relações públicas, orador) e de preservação patrimonial (zelador). Os cargos simbólicos (presidente de honra, benemérito e honorário) são ocupados por pessoas ligadas e dedicadas à escola como forma de homenageá-las, ou freqüentemente, por pessoas que possam

**DIAGRAMA I - ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA ESCOLA DE SAMBA ACADEMIA CARNAVALESCA, ESPORTIVA E RECREATIVA BRINCA-QUEM-PODE / 1993 - (Esfera Administrativa)**



contribuir direta ou indiretamente com ela, como empresários, políticos, enfim pessoas de destaque e com certa posição social, passando por aqui efetivamente as trocas de favores. Outro aspecto que merece destaque refere-se ao conselho fiscal, integrado geralmente por antigos componentes, esse através de um mecanismo estatutário possui autonomia para intervir em todas as esferas da escola, para ter esse poder interventor o conselho precisa de 1/3 dos votos de todos os associados.

As eleições ocorrem, geralmente, no mês de março (período pós-carnaval); e pelo atual estatuto a diretoria é empossada por um período de dois anos. Normalmente a diretoria apresenta um nome para o cargo de presidente, formando a chapa situacionista, e quando não há oposição, o mesmo é eleito por aclamação, após cumprir-se todos os rituais exigidos pelo estatuto. Havendo oposição, faz-se uma votação, considerando-se a presença das pessoas aptas a votar, não havendo quorum em uma primeira chamada, dá-se um espaço de tempo de uma ou duas horas e faz-se uma segunda chamada, a partir da qual é feita a votação com o número presente de eleitores. Eleito o presidente, esse escolhe e tem um prazo determinado, normalmente, uma semana - período entre a eleição e a reunião para oficializar a posse - para apresentar as pessoas indicadas para os demais cargos que irão trabalhar durante sua gestão. Embora não seja a regra, é quase uma

praxe, no caso de haver forte oposição, o presidente tentar compor com o grupopositor, outorgando-lhes cargos, principalmente para a pessoa que encabeça a chapapositora, procurando dessa forma eliminar ou pelo menos minar focos de resistência contra sua gestão. Entretanto, muito raramente, surgem situações de confronto. Essas quando ocorrem acabam enfraquecendo a escola como um todo, e o que é pior, muitas vezes acabam, irreversivelmente, provocando um racha no grupo, situação vivida pelo “Brinca Quem Pode” em alguns momentos de sua história. O processo em suas definições estatutárias, possui alguns pontos obscuros acerca das regras eletivas. O que realmente não ficava claro, em minhas conversas com os informantes, era quem teria direito a voto! Quais as pessoas que realmente elegem o presidente e conseqüentemente a diretoria da Academia Carnavalesca “Brinca Quem Pode”? A resposta de um dos informantes foi curta e direta, “os componentes com mais tempo de ‘Brinca’ ”. Mas como se sabe? Ela responde: “nós sabemos”. De certa forma esses critérios altamente subjetivos, também, ocorrem quando se busca estabelecer a noção de pertencimento ao grupo, isso é, quando você procura identificar quem é e quem não é do “brinca”. Em tese, como consta dos estatutos, a eleição é feita em assembléia geral com a participação efetiva dos sócios, divididos nas seguintes categorias: contribuinte, remido, benemérito e honorário. Mas com a reforma estatutária parcial de 1987-



88, todos os títulos de sócios foram revogados e como até hoje não houve a reformulação dos quadros, formal e legalmente a escola não possui sócios, gerando uma situação anômala em que algumas pessoas do grupo definem quem tem e quem não tem direito a voto, com base em um critério bastante subjetivo: “tempo de escola”. Diga-se de passagem que, essa reforma gerou grande polêmica na escola e provocou um grande conflito interno, com a conseqüente saída da escola de todos os membros da diretoria que propuseram e conseguiram o referendo para tais mudanças. Como havia um prazo de carência (5 (cinco) anos) para sua reformulação, cuja expiração ocorreria em 1994, até onde eu saiba, essa revisão, ainda, não foi feita, de fato os estatutos estão substancialmente alterados, de direito a escola permanece regida pelo de 1976, parcialmente alterado em 1987.

## IV

### “NAS COISAS DE CARNAVAL”

*“peço atenção meus senhores  
pros tambores os tambores  
pois o que bate agora meus senhores  
são tambores os tambores  
mais forte que o açoite dos feitores  
são tambores os tambores  
seu toque é o toque de espinhos e flores  
são tambores os tambores*

*cura a dor de amor com mais amores  
são tambores os tambores  
soam onde eu for onde tu fores  
são tambores os tambores  
brasa dos mais quente dos calores  
são tambores os tambores  
som dos viveres tinta das cores incolores  
são tambores os tambores”*

*(Chico César, “Tambores”)*

Descrever o carnaval da Brinca Quem Pode, é assinalar o instante em que seus integrantes transitam do plano *residencial* para o da *interacionalidade*. É nesse momento que a Escola procura mostrar-se, enfim, comunicar-se com toda a sociedade, é quando a instância interacional, ultrapassa plenamente os limites do território de residência ao qual fica circunscrita a maior parte do ano; possibilitando assim, que as relações tecidas ao longo do ano sejam reforçadas ou se renovem. Esse é, também, o momento em que as pessoas que diretamente concorreram para a realização do carnaval da Escola, põem em jogo o seu *prestígio* (reforçam, diminuem ou o perdem) junto ao grupo; então, seguramente há muita coisa em jogo, mais do que aparenta o desfilar da escola aos olhos do espectador, e que não pode escapar à visão do pesquisador. Dito de outro modo, é “nas coisas de carnaval” que as lideranças são postas a prova, onde os gastos

materiais e de energia, a dedicação de meses de trabalho, ou dos intensos últimos dias visando levar a escola para avenida, são “oferecidos” e avidamente “consumidos” pelo público espectador (“os convidados”) no curto espaço de tempo em que dura o desfile, a realização suprema desse “potlatch”<sup>50</sup> que é o carnaval, terminado o evento, o ciclo reinicia.

Para que se possa entender como os territórios (interacional e residencial) se intercambiam, é preciso perceber como eles estão organizados internamente. Para isso é necessário, primeiramente, compreendermos o modo como a escola, enquanto agremiação, está organizada e como esta organização reflete a forma em que se dá a circulação de poderes, ou melhor, como se ganha, se perde ou se estabelece o “status” no grupo. Para tanto, procuro demonstrar no que se segue, que a direção efetiva da escola, encontra-se basicamente na mão de um reduzido número de pessoas, as quais estão ligadas, direta ou indiretamente, pela via do parentesco, amizade ou compadrio. Significativamente, duas famílias detém grande poder de decisão e, em torno delas gravitam as demais famílias com certa representatividade na escola e na comunidade. Essas famílias descendem em sua

---

<sup>50</sup> - Como observa Perosa (1993, p.151): “Um trabalho ‘feito para o consumo, não a acumulação, obra destinada à evanescência imediata no uso, não a preservação ou a troca no mercado: rito de inversão, o carnaval reflete e refrata formas de trabalho e produção que fazem do homem instrumento e não fim, sem permitir-lhe recriar-se a si mesmo, a apropriar-se do mundo que o cerca. ...’”.

quase totalidade dos fundadores da “Brinca Quem Pode”, ou então de famílias que a ela se integraram quando de seu estabelecimento definitivo no núcleo residencial da Roseta. Estando representadas, tanto na esfera administrativa, como na artística, por onde necessariamente passam todas as decisões referentes a escola, no plano carnavalesco e nos assuntos cotidianos. Por esfera administrativa entendo os cargos de direção existentes na escola (presidente, vice-presidente, secretários, tesoureiros, etc...); denomino de artística as diretorias e comissões que tratam especificamente do carnaval, nessas duas esferas entrecruzam-se as relações de parentesco, que unem as famílias fundadoras e suas lideranças. Tomando-se por exemplo a família RB e os cargos ocupados por seus membros no carnaval de 1993; esse entrecruzamento de laços familiares na estrutura organizacional da escola, pode ser melhor visualizado ao lado.

Essa interligação família-estrutura organizacional da escola, faz com que em muitos casos, sobretudo em situações de conflito nas esferas administrativa e artística, prevaleça a posição das famílias fundadoras, reflexo do prestígio que estas detêm perante o conjunto de participantes. Observo que uma diretoria sem a representatividade dessas famílias está fadada ao fracasso.

## A categoria nativa “Família” -- usos e sentidos

A noção de família presente no discurso de meus informantes, desdobra-se em dois sentidos, o primeiro referindo-se a família baseada em laços de parentesco consangüíneos e por afinidade, o segundo remetendo a noção de família no plano simbólico, que configura a união dessas famílias enquanto grupo, unidade representada pelo termo “família Brinca Quem Pode”; sendo essa baseada nos laços de solidariedade, comumente reforçados pelo compadrio<sup>51</sup>. Não se descarta, entretanto, a possibilidade de por afinidade (casamento) se estabelecer uma ligação de parentesco entre os membros das famílias. O primeiro sentido atribuído a categoria nativa “família” é acionado internamente, na distinção das *famílias* que compõem a escola, que podem ser *extensas* ou *nucleares*<sup>52</sup>; já o segundo é mais acionado externamente, nas relações que o

---

<sup>51</sup> - Acerca da importância do compadrio na rede de parentesco, ver as análises de Woortmann (1987); Arantes (1993); Woortmann (1995).

<sup>52</sup> - “Família - Este termo, utilizado sem qualquer outra qualificação, designa habitualmente um grupo social que compreende, *no mínimo*, um homem e uma mulher unidos por laços socialmente reconhecidos e mais ou menos duradouros do casamento, e um ou vários filhos nascidos desta união ou adotados. (...) A família *elementar* (ou família *nuclear*, ou ainda família *restrita*) é formada essencialmente por um homem, a sua esposa e os seus filhos. (...) A família *extensa* (...) resulta da extensão, no tempo e por intermédio de laços de casamento, das relações entre pais e filhos. (...) Numa sociedade de filiação indiferenciada (cognática), ela corresponde, idealmente, ao grupo formado por um casal e as famílias conjugais de todos os seus descendentes.” (Grandin, 1978, p. 49)

grupo estabelece com as outras escolas ou com a sociedade abrangente. Em recente ensaio sobre um grupo rural de negros catarinenses, Hartung (1996, p. 113-4), observa em relação ao uso da categoria família pelo grupo que, esta possui dois sentidos:

“Num primeiro, *designa o conjunto dos indivíduos ligados entre si por laços de parentesco consangüíneo.*(...)”

Num outro sentido, o termo família para os membros do grupo estudado *refere-se ao conjunto dos parentes “legítimos” e dos parentes “ilegítimos”*, isto é, aqueles indivíduos entre os quais o laço de parentesco é baseado numa relação biológica de consangüinidade, bem como aqueles indivíduos originários de outros grupos e entre os quais o laço de parentesco é de afinidade.

No primeiro sentido, (...) a categoria nativa família é utilizada nas *relações internas* do grupo (...). Noutro sentido, a categoria nativa família é utilizada pelos membros do grupo nas suas *relações externas* (...).” (Grifos meus)

Nesse sentido, a noção de família, enquanto categoria nativa, aponta para a forma como o grupo elabora os critérios de pertencimento e não pertencimento, indicando também, a nível de grupo, como se dá a circulação interna do poder. Inseridas num contexto urbano, diferentemente da área rural catarinense pesquisada por Hartung, onde a categoria interna de família aparece restrita a relação biológica de consangüinidade; as relações de parentesco por mim observadas, tendem para uma forma de inclusão mais ampla, ao considerar como

parentes não só os consangüíneos, mas também, os afins. De fato, para o contexto urbano, essa situação já foi observada por K. Woortmann:

“ Afirma-se freqüentemente que, no ambiente urbano moderno, comparado aos setores camponeses, para não falar dos povos “primitivos”, o parentesco *perde importância como fator organizatório*. (...) seria talvez mais correto dizer que, no contexto urbano, o parentesco é despido de outros fatores, ou que ele deixa de ser “atuado” por relações econômicas ou políticas (...) projetando-se como um princípio em si mesmo. *Mais do que perder importância, ele se projeta claramente como organizador do espaço social*, mesmo que não operando no plano macrossociológico e englobando apenas grupos relativamente pequenos. (Woortmann, 1987, p. 286-7)

Observo, que para o grupo, a importância de uma família esta relacionada ao tempo de “vivência” do território (residencialidade), estando desse modo ligada diretamente com a trajetória de apropriação do espaço. Muito embora, oficialmente a Roseta não mais exista, tal como antes de ser criado o bairro Progresso, ela ainda, é acionada em determinados momentos como uma referência mítica; portanto, o ser do “Brinca Quem Pode” não se descola do ser da Roseta. Consequentemente, como antigo território residencial, a Roseta integra-se hoje ao discurso do grupo, como uma de suas “categorias” de referência simbólica<sup>53</sup>, concorrendo para a sua própria construção identital. Além

---

<sup>53</sup> - “Essas referências de ordem simbólica têm um caráter formal. Elas não estão inscritas na ordem natural das coisas, mas são construídas e, por isso, submetidas ao relativismo cultural. Elas organizam de maneira significativa, segundo um sistema de categorias espaço-temporais, o conjunto das dimensões constitutivas do que se chama vivido.

disso, a importância de uma família é reforçada ou sustentada por sua dedicação e expressividade numérica na estrutura organizacional da escola<sup>54</sup> (vide figuras (d.1) e (d.2) p. 125). Como indica a fala de meu informante;

“( ...) a maior família hoje que sai no B.Q.P. é a família RB - (...) Inclusive dali nós temos três ou quatro alas feitas por membros da família, que são os irmãos que tem aquelas alas como, a J..., a 'C...', o J..., a J..., ainda temos também brilhando como porta-estandarte a J... . Tem a família RD, que não é pequena ela é grande também, sai desde o pai até os filhos, que é responsável por uma ala e a família SA, outra família RE, do A... R..., do nosso mestre de bateria é um homem que hoje tem muito valor no B.Q.P. Não podemos esquecer também é uma família que já vem de muito tempo a família SS, que com aquela união ali de SS e RE (SR), aumentou mais ainda a família B.Q.P. existe eu não sei o sobrenome da família mas que é a do B... (família BB) ... (...) Ah! a família SZ que apesar de haver aquela separação de SZ ali, a S... a 'gente não pode esquecer, a S... no B.Q.P....” (DAR, 1993:trans.)

Nesses termos, hoje, duas famílias destacam-se na escola, a terceira aparece como aliada e possível fiel da balança numa situação de confronto, mas o que tudo indica na atual conjuntura essa possibilidade inexiste. A família “RB”, a

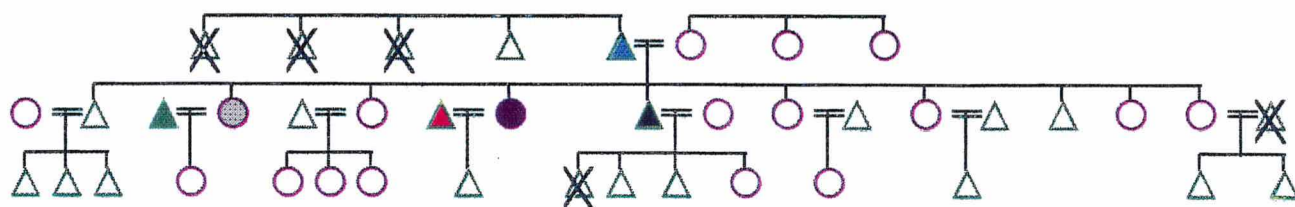
---

(...) são operadores de inscrição espacial, elas (categorias) definem orientações, polarizam a extensão e delimitam territórios. São todos os símbolos que uma coletividade se dá para significar seu “aqui” em oposição a seu “fora” e que proporcionam a seus membros as coordenadas de sua vinculação geopolítica: marcas do clã, emblemas da nação, assim como todas as figuras aspectuais por meio das quais o grupo representa para si sua área de expansão (...) ...ou de recuo (...).” (Landowski, 1992, p. 52)

<sup>54</sup> - Trabalhos recentes indicam a importância da organização familiar no interior das escolas de samba. Ver Silva (1993); Tramonte (1995).



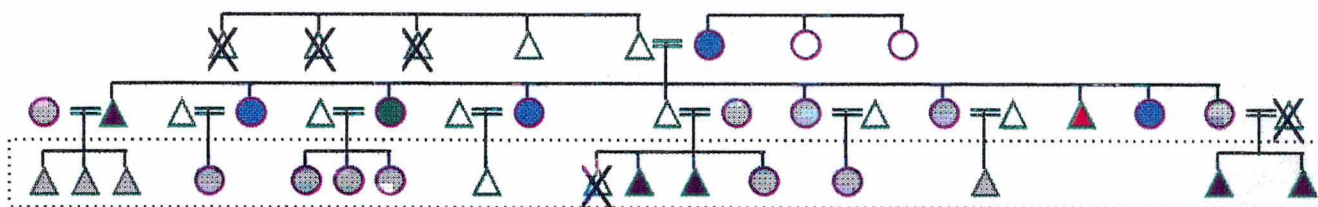
## Representatividade Familiar (esfera administrativa)



- |                     |                            |
|---------------------|----------------------------|
| Presidente de Honra | Secretário Geral           |
| 2º Vice Presidente  | 1º Secretário              |
| 1º Tesoureiro       | Orador e Assessor Jurídico |

figura (d.1)

## Representatividade Familiar (esfera artística)



- |                              |                        |
|------------------------------|------------------------|
| Diretores de alas (cabeças)  | Componentes de bateria |
| Diretor de ala e Mestre-Sala | Componentes de ala     |
| Porta-Bandeira               |                        |

figura (d.2)

família “SR”, e a família “RD” possuem cargos de diretoria, controlam as alas reunidas e de bateria, ala de cantores e compositores. Por ser uma família numerosa a família “RB” era responsável por 5(cinco) das 10(dez) alas temáticas fixas(onze incluindo a ala de bateria), a família “SR” 2(duas), entre elas, a importantíssima ala de bateria, e a família “RD” 1(uma), no ano de 1993 a maior ala temática - *arrastão* - com cerca de 40 componentes. Considerando-se que, em média, uma ala possui cerca de 30 componentes e que cerca de 15 a 20 residem no bairro ou nas proximidades da escola e relacionam entre si por laços de amizade, compadrio e parentesco (afins e consangüíneos), nos raros momentos de disputas internas, principalmente eleitorais, as alas reunidas portam-se como aliados incondicionais. Essa aliança plenamente articulada que se estabelece, constitui-se como um poder paralelo no interior da escola, podendo inclusive, derrubar e substituir diretorias. A existência de um mecanismo estatutário que dá plenos poderes ao conselho fiscal, inclusive de destituição de presidente e diretores, a partir de uma convocação de uma assembléia geral, e para qual exige-se quorum mínimo de sócios, facilmente atingido pela mobilização das alas, legitima esse “poder paralelo” das “famílias tradicionais” e de seus potenciais aliados. Embora não tenha feito um levantamento sistemático das relações de parentesco, baseado em minha vivência junto à família “RB” e o meu

conhecimento da família “SR”, posso afirmar que as duas são famílias extensas, com filiação indiferenciada (cognática), onde o antigo modo de residência matrilocal vem sendo substituído rapidamente pela neolocalidade. Assim, na primeira família (RB) são sete filhas (uma delas adotiva), sendo cinco casadas, uma viúva e uma solteira; entre as casadas, três residem junto aos pais com seus respectivos maridos e filhos. Na segunda família (SR) ocorre o mesmo, das duas filhas casadas duas residem junto a mãe (viúva) com seus filhos e maridos. Verifica-se nesse processo, inicialmente, a coabitação temporária, seguida posteriormente da construção de uma habitação própria em uma parcela de terreno cedida pelos pais. Os filhos homens quando casam saem da casa dos pais para a casa dos pais da esposa, porém atualmente, observa-se em maior frequência os cônjuges passarem a residir em locais separados de suas famílias. O que vem ocasionando essa mudança mereceria uma análise mais detalhada, que ultrapassa os objetivos desse trabalho.

A manutenção desse modelo de organização familiar faz com que a escola, mesmo estando sem conquistar um título carnavalesco desde 1973, continue sendo uma das grandes forças do carnaval lagunense. Existe outras motivações, que ultrapassam a simples necessidade de sagrar-se campeã, necessidade que

quando priorizada produz seguidamente escolas campeoníssimas, mas que, entretanto, após anos de glórias entram em declínio acentuado.

Poucas escolas em Laguna mantiveram intocada essa forma de organização familiar; e esse aspecto sobressai na fala dos informantes quando falam de seus filhos e netos desfilando no “Brinca Quem Pode”, afirmam com absoluta certeza que eles são a “Brinca” do amanhã. Essa continuidade de que tanto se fala, tive a oportunidade de presenciar sobretudo nos mutirões da última semana em que todos, adultos e crianças, trabalham solidariamente para dar conta das fantasias, alegorias e adereços, um trabalho estafante, mas feito com enorme alegria e energia. É interessante destacar que mesmo como figura de retórica, todos os entrevistados fizeram questão de salientar o “Brinca” como uma extensão de sua família, isso repetida vezes constituiu um lugar comum no discurso que cada um fazia a respeito da escola e as pessoas que dela fazem parte. Assim, as “famílias” por intermédio de seus membros inscrevem relações de parentesco no interior da estrutura organizacional da escola, por outro lado, a convivência e a proximidade, faz com que todos se sintam ligados em torno de objetivos comuns, estabelecendo-se uma relação simbólica que se expressa através da noção “a família Brinca Quem Pode”.

## **A Academia Carnavalesca e o carnaval**

A movimentação para o carnaval de 1993, fato já mencionado anteriormente, iniciou-se verdadeiramente em meados de janeiro, seguindo-se um tempo muito curto de pré-carnavalesco. Nesse período, a rotina das pessoas ligadas diretamente à escola sofre profundas modificações. Para quem olha “de fora”, o início do corre-corre, o qual se torna mais intenso com a aproximação dos dias de carnaval, tudo pode parecer absurdo ou sem razão, pois é nítida a impressão de uma corrida contra o tempo. Intensificam-se as reuniões, que tornam-se quase semanais com as convocações extraordinárias. É nesse momento que ocorre uma espécie de divisão de tarefas, diria trabalho!, os homens basicamente concentram-se no galpão geralmente alugado ou cedido por simpatizantes da escola; as mulheres transformam suas casas em oficinas de costura. A divisão por alas da escola de samba (cerca de dez fixas<sup>55</sup>, onze se considerarmos a bateria), facilita de certa forma a distribuição e redistribuição do trabalho, pois, geralmente cada ala possui seu próprio grupo de costura. No ano

---

<sup>55</sup> - Denomino de fixas aquelas alas cujos diretores, cabeças de ala, fazem parte efetiva da escola, e por oposição, alas incorporadas as que complementam o tema enredo, formadas, geralmente, por pessoas que não possuem ligação efetiva com o grupo (pessoas da cidade ou de outra cidade que, apenas, desfilam no dia oficial de carnaval). (N. A.)

de 1993 a Escola de Samba Academia Carnavalesca, Esportiva e Recreativa Brinca Quem Pode, desfilou com cerca de 600 componentes divididos em 11 alas fixas e 4 alas vindas de cidades vizinhas. A exceção da ala de bateria, a maior, cujo número de integrantes fixos gira em torno de 70/80 pessoas durante o pré-carnaval, mas que no dia do desfile aproximou-se de 110; todas as alas eram formadas por um número variável entre 30 e 40 pessoas, isso é, incorporadas de acordo com a temática do samba-enredo. Proporcionalmente, a metade dos componentes das alas fixas, por residirem no bairro, e estarem ligados por laços de amizade e/ou parentesco aos cabeças de ala, é que formam a base de sustentação da escola, a outra metade é formada essencialmente por pessoas que são incorporadas, geralmente amigos ou parentes de outros bairros, localidades e cidades vizinhas e até mesmo de outros estados ligadas a esses mesmos componentes ou, simplesmente, por pessoas que desejam sair na escola e são encaixadas em uma das alas, geralmente seguindo-se o critério da que possui o menor número de integrantes. E embora muitas dessas pessoas passem a sair freqüentemente, isso é, nos períodos de carnaval pelo “Brinca Quem Pode”, são sempre consideradas como “de fora”. Podemos, ainda afirmar, que é esse grupo (em torno de 150 pessoas) que efetivamente desfila nos dias de pré-carnaval e que melhor encarna a identificação e o discurso “eu sou do Brinca Quem Pode”.

Desses 600 componentes, que desfilaram “oficialmente”, cerca de dois terços eram negros ou mestiços, do total, pouco mais da metade (cálculo aproximadamente 60%) pertenciam ao bairro Progresso e Campo de Fora, com um número considerável deles residindo no local antigamente denominado de Roseta. Desse número cerca de 50 a 70 pessoas (em momentos de maior pique) -- entre “cabeças de ala” (como são conhecidos popularmente os diretores de ala), membros da diretoria, artistas plásticos, colaboradores, voluntários e auxiliares contratados -- envolvem-se diretamente na confecção de fantasias, elaboração e construção de carros alegóricos, na extenuante tarefa que é colocar o “bloco” na rua, como dizem os mais antigos integrantes da escola. Observei com menor intensidade os trabalhos de costura, uma atividade, com raras exceções, caracteristicamente feminina, diria quase incidentalmente, pois, geralmente as casas em que eu circulava para avistar-me com os informantes, estavam transformadas em atelier. Acompanhei mais de perto, as atividades de galpão, geralmente, a cargo dos homens; muito embora existam atividades desenvolvidas preferencialmente por homens ou por mulheres, isso, entretanto, não expressa uma rígida divisão sexual do trabalho. Acontece, muitas vezes, nos últimos dias, antes do carnaval propriamente dito, uma espécie de mutirão onde todos participam homens e mulheres na confecção ou acabamento das fantasias, dos

adereços e outros detalhes complementares. As vezes com a escola já posicionada na avenida, ainda, são dados os retoques finais nos carros e não raras vezes nas fantasias, sobretudo as consideradas de destaque.

#### **a) A esfera artística**

No período carnavalesco a estrutura organizacional da escola muda completamente. Nesse momento os trabalhos passam a ser administrados pela diretoria e comissões de carnaval (diagrama p. 134), passando a diretoria administrativa a um papel secundário. Observa-se que as pessoas que ocupam os cargos dessas comissões e diretorias, em sua maioria, também integram a diretoria administrativa da escola, isso é, o controle da escola permanece inalterado.

“A escola em si é uma totalização dessas duas tendências: o Desfile de Carnaval como sistema de ação ritual e a organização formal da Escola como sistema de ação técnico-racional se projetam como modelos simétricos e inversos da mesma estrutura, são configurações limites dentro do mesmo grupo de transformações; na prática, porém, contem ambos em algum grau traços da modalidade de ação característica do sistema oposto.” (Goldwasser, 1975, p. 83)

Cabe a essas diretorias e comissões a condução dos trabalhos relativos a realização dos carnavais, por isso cada diretoria e respectivas comissões assumem um ou mais tópicos relativos ao que se exige do desempenho da escola na



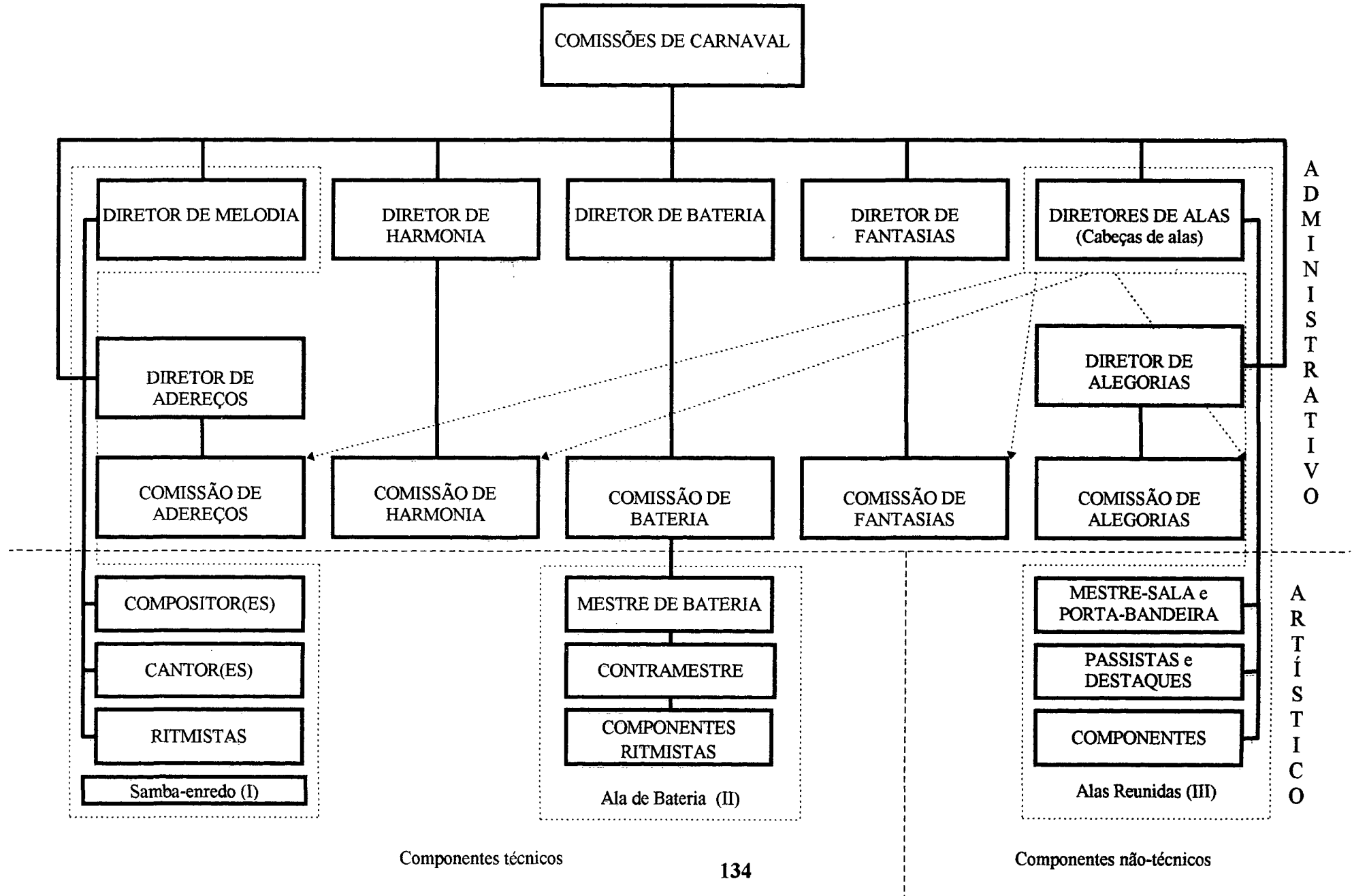
avenida. Os diretores assumem os trabalhos de coordenação em suas respectivas comissões<sup>56</sup>:

- a) ao diretor de melodia e comissão, cabe zelar pelo bom desenvolvimento do samba-enredo na avenida. A essa diretoria vinculam-se os cantores, compositores e ritmistas da escola, cabe a essa diretoria, quando da realização de concurso, a preparação e defesa do samba enredo;
- b) ao diretor de harmonia e comissão, cabe observar os critérios harmônicos, isto é, o equilíbrio entre a proposta do enredo, a movimentação coreográfica, as fantasias e alegorias;
- c) o diretor de bateria e comissão administram os critérios estéticos (fantasias) e o desempenho técnico da ala de bateria, buscando através de ensaios regulares uma perfeita execução musical;
- d) o diretor de adereços e sua comissão são responsáveis pela elaboração dos acessórios de pequeno porte, adornos e enfeites corporais, sobretudo os de mãos, procurando imprimir-lhes efeitos estéticos (brilho, colorido etc...) e cuidando da perfeita integração desses com o tema enredo;

---

<sup>56</sup> - Ao definir, abaixo, as atribuições das respectivas diretorias, utilizando como parâmetro a descrição encontrada em Sebe (1986) faço uma livre interpretação de cada uma, baseando-me nas informações dadas por meus informantes e no regulamento do carnaval lagunense, que define cada item a ser julgado. (N. A.)

**DIAGRAMA II - ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA ESCOLA DE SAMBA ACADEMIA CARNAVALESCA, ESPORTIVA E RECREATIVA BRINCA-QUEM-PODE / 1993 - (Esfera Artística)**



- e) ao diretor de alegoria e sua comissão, cabe a elaboração e criação de acordo com o enredo dos carros de grande e médio porte, sua estilização por meio de escultura, pintura e seu acabamento (material a ser utilizado, o impacto visual orientado pelo bom gosto) e sua composição com as cores da escola;
- f) ao diretor de fantasias e comissão, cabe a preocupação com o esmero, a qualidade, o desenho e a originalidade das fantasias, sua contextualização e adequação ao enredo;
- g) diretores de alas ou comumente chamados cabeças de alas, são os responsáveis diretos pelo maior ou menor número de componentes que a escola apresenta, sobre sua responsabilidade direta fica a manutenção de um número específico de pessoas com que a escola conta para desfilar, normalmente integram diretamente ou interagem com as comissões de adereços, harmonia, fantasias e alegorias. Nessas alas temáticas, algumas são fixas e poucas possuem denominação (como por exemplo; a tradicional “ala das baianas” ou a que se cogitava em 93 em tornar fixa como o nome de “ala arrastão da alegria” ), mas o que normalmente ocorre é a ala estar associada a uma pessoa e uma determinada família. Associados as alas temáticas fixas e incorporadas temos os passistas, os destaques (individuais e comissão de frente), primeiros e segundos mestre-sala e porta-bandeira. As alas reunidas fixas representam um

real poder dentro do “Brinca Quem Pode”, pois seus dirigentes e componentes geralmente fazem parte das famílias tradicionais, isso é, as famílias fundadoras da escola.

Olhando para o diagrama (p. 134), podemos notar duas subdivisões: a primeira no plano horizontal divide o diagrama em setor administrativo representado pelos diretores e comissões que, como já especificamos desempenham determinadas tarefas a nível de bastidores visando o bom desempenho da escola; o segundo setor, o artístico, formado pelas pessoas que desempenham diretamente seus papéis junto ao público espectador carnavalesco, o componente propriamente dito. Esse setor artístico aparece subdividido verticalmente em componentes técnicos e não-técnicos, os primeiros desempenham atividades no desfile em que torna-se necessário um conhecimento prévio (técnica vocal, instrumental, conhecimento musical etc...) ensaio e treinamento para o desenvolvimento de suas atribuições; os segundos utilizam-se basicamente de suas habilidades corporais necessitando de pouco ou nenhum ensaio para aprimorá-las.

O número de pessoas que compõem as diretoria e comissões de carnaval é superior ao da diretoria administrativa numa proporção de quase quatro para um. Portanto a esfera artística aciona um número maior de pessoas, as quais são

responsáveis diretas pelos andamentos dos trabalhos que possibilitam à escola desfilar no carnaval.

#### **b) O desfile: a Escola de Samba na passarela**

No carnaval de 1993, a “Brinca Quem Pode”, foi a penúltima escola a desfilar, trazendo o enredo “Brinca com amor e paixão: eis a razão”. A escola em seus cinquenta minutos de desfile, contagiou a ‘passarela do samba’, incluindo a bateria foram quinze alas temáticas, comissão de frente, o carro abre alas com a águia, símbolo da escola e dois carros alegóricos, um trazendo como destaque a velha guarda da escola e outro a ala infantil da escola (v. anexo II, foto 6). O samba enredo foi cantado pela escola, juntamente com boa parte do público espectador. Ao circular entre os componentes percebi que o momento de maior tensão, é quando a escola se posiciona na área de concentração, onde, ainda, são dados os últimos retoques e instruções para o desfile, aguarda a chamada pelos alto falantes, e o sinal para a largada. Os componentes se abraçam, desejando boa sorte, alguns bebem da garrafa que circula de mão em mão, buscando a energia necessária para enfrentar aquelas centenas de metros, entre concentração e

dispersão. Os diretores de harmonia começam a posicionar as alas, buscando os componentes entre uma ala e outra, as fotos são tiradas por amigos, parentes e vizinhos, que não desfilam mas prestam sua solidariedade à escola, posicionando-se em volta dela, ou até, mesmo entre os próprios componentes. Nesse sentido, Cavalcanti observa em relação ao desfile carnavalesco carioca que:

“A rede de relações sociais trançada ao longo do ano atinge nesse momento seu grau máximo de expansão, a escola não só reuniu todos os seus elementos como aspira agora comunicar-se com a cidade inteira.” (1994, p. 212)

Esse grupo, que geralmente, opta por não ficar nas arquibancadas, procura na medida do possível acompanhar a escola, incentivando-a, com gritos de apoio ao amigo ou parente que desfila, grito esse quase sempre não ouvido, ou ajuda a sustentar o samba enredo. A escola mobiliza um grupo aproximado de quarenta pessoas, que devidamente uniformizados auxiliam no andamento do desfile os mais diversos setores, sendo que, para cada ala há um responsável para cuidar do andamento ou harmonia, além do diretor que circula por todas as alas cuidando para que determinados aspectos não prejudiquem a escola. Ouve-se o grito da escola! o chamado definitivo dado pelo puxador do samba e a escola como um todo responde “é Brinca Quem Pode”, vibra o surdo dispara a bateria, no mesmo compasso em que se agita o coração, a escola se movimenta. Naquele momento,

todo um trabalho de um ano, em seu intensos últimos momentos, atinge o seu grau máximo de expectativa. As pessoas cantam e dançam com a maior emoção, juntam seus desejos num único desejo, numa única vontade, a de que a escola faça uma evolução excelente e com isso desfile muito bem. Essa emoção que se acerca de quem desfila, faz com que nos minutos em que dura o desfile, o público também dela compartilhe. As vozes cantam o samba enredo, aproximando-se do espaço destinado a comissão julgadora a bateria faz seu recuo, mestre sala e porta-bandeira dão o seu recado, aos jurados a responsabilidade da nota ou a nota da responsabilidade, que é julgar uma escola em movimento. A bateria faz suas evoluções, ao compasso que o mestre dita, ao seu apito, faz sua paradinha, fala o surdo e novamente em conjunto todos os instrumentos sustentam o ritmo, sem atravessar canto-bateria, outra preocupação. Mesmo a surpresa, a inesperada quebra do carro da velha guarda, por sorte nos últimos quarenta metros antes da dispersão, não conseguiu tirar o brilho e satisfação das pessoas responsáveis pelo bom desfile que a escola apresentou, juntas unem suas forças e conseguem levar o carro até o final (v. anexo II, foto 7). A velha guarda da escola, restou terminar o desfile caminhando os últimos metros da passarela, aplaudida pelo público que neles reconheceu o esforço dos que viveram e vivem o carnaval<sup>67</sup>.

---

<sup>57</sup> - Após desfilar pela “Brinca Quem Pode” uma das integrantes da velha guarda, ao chegar em

Para o “Brinca Quem Pode” foi um carnaval difícil devido as limitações financeiras que a escola enfrentou, superada entretanto pelo voluntarismo de seus componentes. A escola acabou fazendo um belo carnaval, ficando a expectativa para muitos de que sagraria-se campeã no carnaval lagunense de 1993. O resultado apurado alguns dias depois, com grandes suspeitas de irregularidade, apontava a escola como terceira colocada. A frustração entre integrantes da escola e mesmo entre os simpatizantes era geral, conversei com o segundo vice-presidente que se mostrou bastante indignado com o resultado, deixando no ar a ameaça de que a escola poderia não sair no próximo ano como forma de protesto, o que evidentemente não ocorreu, a “Brinca Quem Pode”, fez novamente o seu carnaval em 1994!.

---

casa, em plena madrugada, sentiu-se mal e veio a falecer algumas horas depois por problemas cardíacos, comentou-se que o seu coração não suportou tanta emoção. (N. A.)



## V

### O ESPAÇO PÚBLICO TERRITORIALIZADO

*“A multiplicidade de eventos ocorrendo simultaneamente num mesmo espaço, típica de rituais de inversão como o Carnaval, permite transferir as lealdades mais fortes -- da família, da casa, da classe, etc., essas identidades sociais permanentes e quotidianas -- para uma situação, um contexto específico que se define como altamente dramático porque nele ocorrem (entre outras coisas) muitas ações simultaneamente.”*

*(Roberto Da Matta, “Carnavais, malandros e heróis”)*

Também, identifico durante o período carnavalesco um processo de territorialização, onde o centro da cidade em seus principais pontos passa a ser ocupado de modo diferencial pelos mais diversos grupos. Aquilo que Da Matta define e destaca, em sua análise do carnaval carioca, como um “*espaço especial*”:

“O centro comercial fica fechado ao trânsito, de modo que as pessoas, ligadas ou não às corporações típicas do Carnaval -- como os blocos e as escolas de samba -- possam ocupá-lo sem problemas. A rua ou avenida, assim é domesticada, já que no mundo diário as ruas do Brasil (...) são áreas mortais, com automóveis trafegando em alta velocidade, como se estivessem dispostos a liquidar as pessoas. No Carnaval, porém, esse centro da cidade, tão nervoso e histérico, surge como se fosse uma praça medieval: totalmente tomado pelo povo que ali anda substituindo os carros, vendo ou brincando o carnaval. Transforma-se, pois, sob um chamado “esquema carnavalesco”, um centro de decisões impessoais (onde negócios são realizados) num centro de todo tipo de encontros e dramatizações típicas do Carnaval.” (1983, p. 86-7).

O espaço público (a praça, a avenida, a rua) deixa de ser lugar de livre-circulação, sendo ocupado por grupos que assim o dividem; transformando-se em território de interação<sup>58</sup>. Da Matta observa em relação ao Rio de Janeiro que,

“ O mundo urbano fica demarcado para o carnaval. Mas não é só isso. Essa demarcação tem muitos espaços. Existem ruas inteiras que assumem um aspecto quase privado, relacionando-se com suas residências e se abrindo para elas, com iluminação e decoração próprias, fazendo o seu próprio desfile e concurso de fantasias. Do mesmo modo, zonas inteiras da cidade ficam recortadas, de modo que o “centro” urbano fica partido em muitos nichos -- de fato, pequenas praças -- onde pessoas podem encontrar-se e realizar seus carnavais. A própria decoração da cidade, realizada pela Prefeitura Municipal, cria esses espaços, levantando coretos em certas esquinas das grandes avenidas e contratando pequenos conjuntos musicais -- as bandas -- para neles tocar. (Da Matta, 1983, p. 87)

A citação acima, também, aplica-se ao carnaval lagunense, onde surgem múltiplos territórios e formas distintas de brincar o carnaval, entrecortando deste modo todo o espaço urbano da cidade (praças, ruas e avenidas) e imprimindo-lhes uma dinâmica própria.

Esse aspecto é fundamental, para entendermos como as duas esferas (territórios interacionais e residenciais) se inter-relacionam, como no caso da Brinca Quem Pode especificamente.

---

<sup>58</sup> - Para uma análise das mais diversas formas de apropriação do espaço público, ver Coradini (1995).

O grupo em seu processo de identificação, incorpora elementos simbólicos, da memória, do território comum, e mais subrepticiamente elementos étnicos. Podemos afirmar que o território interacional possui como característica principal o fato de ser mais dinâmico que o residencial, isto é, sua capacidade de expansão/contração é maior. Durante o período de carnaval, o território interacional expande-se para além dos limites do bairro, passado esse período este volta a acomodar-se dentro dos limites do bairro, dos limites da vizinhança, dentro do território residencial, o que promove a identificação do bairro com a escola, ou vice-versa, mais especificamente com a área correspondente ao antigo núcleo residencial Roseta.

### **O palco do espetáculo carnavalesco**

O carnaval de rua de Laguna, assim chamado pelo fato de ser realizado nas principais ruas da cidade, antigamente, era feito pelos blocos seguindo o trajeto de sua preferência, isso é, cada bloco fazia o seu próprio roteiro carnavalesco. Inexistia até então, um roteiro pré-estabelecido, adotado posteriormente e regulamentado pelas autoridades locais, como forma de evitar o encontro entre blocos rivais, que quase sempre acabava em pancadaria. Com o passar do tempo

esse percurso tornou-se conhecido como o das “ruas tradicionais” do carnaval lagunense (Raulino Horn, XV de Novembro, Jerônimo Coelho e as praças Vidal Ramos e República Juliana), com os sentidos estabelecidos inversamente para os períodos de pré-carnaval e dos desfiles oficiais de carnaval. A rua Jerônimo Coelho, por ser o local onde ficava posicionada a comissão julgadora durante os desfiles oficiais, passou a ser, posteriormente, conhecida como a “passarela da matriz”, em virtude de sua posição frontal a igreja matriz da cidade. Nesse espaço, a “passarela da matriz”, o carnaval permaneceu até 1986, no ano seguinte passou a ocupar a rua Gustavo Richard, que nos dias oficiais de carnaval, transforma-se em “passarela do samba”. A transformação em “passarela do samba” da rua Gustavo Richard (rua da praia), em seus, aproximados, 380 metros, e conseqüente transferência dos desfiles oficiais para ela no ano de 1987, até então realizados nas tradicionais ruas do carnaval lagunense, causou certa polêmica. Essa mudança na época, desagradou a muitos carnavalescos e habitantes em geral, e ainda hoje, muitos manifestam certas insatisfações. Entre elas, a perda do contato direto com o público, proporcionado, antigamente, pela proximidade criada pela estreiteza das ruas em que ocorria o desfile. Outra bastante freqüente, diz respeito ao tamanho do atual percurso, o qual prejudica uma maior interação entre o público e os componentes, quando esta começa a

ocorrer aproxima-se o término do desfile da escola, diferentemente do que acontecia com o desfile nas tradicionais ruas do carnaval, que permitia ao público simpatizante acompanhar a escola por quase todo o percurso; como, abaixo, observa um dos informantes;

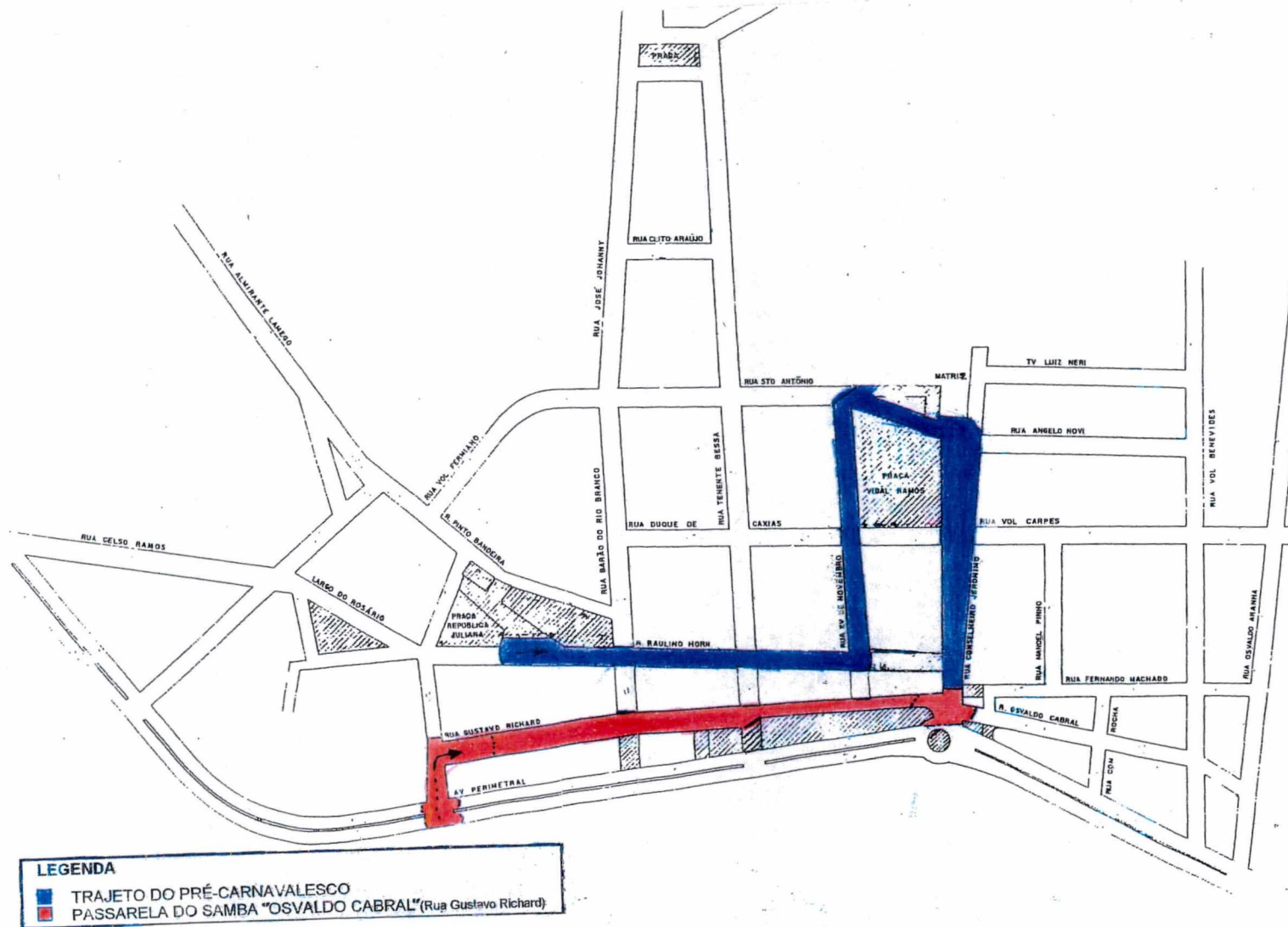
“(...) quanto assim aos três dias firmes, os três dias de carnaval aquela avenida eu acho que não tá preparada, não foi preparado pro carnaval, que eu acho que ela deixou um vazio entre a escola e o povo, parece assim que a escola tá desfilando assim pra uma meia dúzia de pessoa, a gente não sente tanto o calor do público e quando chegava ali passou o palanque, minha nossa senhora o antigo palanque!, passou o palanque, passou a comissão julgadora ficava muita próxima ao início, então a escola tava fria ainda, tava ainda assim meio inibida, não tinha se soltado, como diz a gente, ter soltado a franga, então quando a escola chegava a sair daquela inibição, a bateria a esquentar realmente, já tinha passado a comissão julgadora, então, por isso as vezes dava aquele impasse, o público, o povão dava como campeã uma escola e a comissão dava outra, mas é porque pro público a escola passava uma coisa e pra comissão passava outra, mas acho que deveria assim ser repensado isso aí e voltar pra antiga avenida, que era bem melhor mesmo, acho que se fosse feita uma enquete em pré-carnaval, todo mundo acho que preferia a outra avenida (ruas tradicionais)... (...)” (CJR, 1993:trans.)

Interditadas ao tráfego automobilístico, as ruas durante o desfile oficial servem de circulação aos pedestres que, assim, se locomovem para os mais diversos pontos, onde buscam outras formas de brincarem o carnaval, entre elas o trio elétrico da praça Vidal Ramos. E até mesmo, as mais variadas formas de

alimentação oferecidas pelos bares, lanchonetes e vendedores ambulantes que se posicionam estrategicamente nos diversos pontos livres dessas ruas (vide mapa 4, p. 147).

A “*PASSARELA*”, que é do samba, chama-se “*OSWALDO CABRAL*” - o carnaval de 1987, como já assinalei acima, inaugurou um novo espaço para os desfiles oficiais do carnaval de rua lagunense: “A Passarela do Samba”. Trata-se, entretanto, de uma das principais ruas da cidade, a Gustavo Richard, que interditada no período de desfile, tem seus aproximados 380 metros de extensão transformados em palco do espetáculo carnavalesco. Para que cumpra esse papel, cerca de 30 (trinta dias) do início do tríduo momesco, primeiramente os operários da prefeitura, seguidos de empresas especializadas (sonorização, iluminação, montagem etc.) contratadas para o evento começam a dotar a rua da infraestrutura necessária para o desfile. Ao longo da rua “passarela” são instaladas arquibancadas, estas por sua vez definem, isto é, expressam a condição social do público que as ocuparão; divido-as em setores A, B, C e D, para melhor localizá-las. Os primeiros dois setores (C e D) são formados pelas arquibancadas situadas próximas a área de concentração das escolas de samba e outras agremiações carnavalescas que nela se posicionam para desfilar. A área de concentração é o espaço formado pela intersecção perpendicular de parte (cerca de 30 metros) da

# MAPA 4 - AS RUAS DO CARNAVAL LAGUNENSE



Fonte: Implantação do sistema viário centro/Tasca  
Obs: com alterações feitas pelo autor

rua 13 de Maio (avançando um pequeno trecho da avenida Colombo M. Salles) com os 50 metros iniciais (aproximadamente) da “Passarela do Samba” (Gustavo Richard), nela são ultimados os preparativos para o desfile de cada escola ou agremiação. O setor (D) localiza-se no lado esquerdo, a quinze ou vinte metros de distância da marca de largada para o desfile, são arquibancadas estrutura metálicas e de baixa altura, não excedendo quatro metros, ocupa uma extensão pequena não mais que vinte metros, e possui valor de ingresso bastante popular. Posicionada do lado contrário temos as arquibancadas do setor (C), com estrutura montada nos mesmos moldes do setor (D), possui entretanto uma extensão maior, posicionada a cerca de 40 metros da largada estende-se por aproximados 80/90 metros, permitindo uma melhor visibilidade do desfile para o público que nela se acomoda. É importante observar que o espaço entre arquibancadas também é ocupado, nas mais variadas formas, pelo público espectador. Ao final do setor (C) abre-se o espaço, em que as baterias das escolas de samba fazem o recuo, para que a escola passe e haja a apresentação das alas. O setor seguinte é o (A), onde estão situados os camarotes, destacando-se os camarotes das autoridades municipais e seus convidados e o destinado a comissão julgadora. Nesse espaço de aproximados 50 metros, as escolas fazem as suas evoluções e apresentações especiais (mestre-sala e porta-bandeira, passistas etc.), esse é o instante de maior



tensão para todos os componentes da escola, o momento do desfile em que nada pode sair errado. Vencidos esses metros de pura tensão e responsabilidade o desfile torna-se mais solto, o que geralmente ocorre na passagem do setor (A) para o setor (B), formado por arquibancadas montadas em estrutura de concreto, com altura próxima dos 7 (sete) metros, estendendo-se por cerca de 80 metros. A passagem pelo setor (B) é momento em que a escola pode sentir pela vibração do público acompanhante e das arquibancadas o impacto que o seu desfile causou, são as últimas centenas de metros, onde ocorre uma intensa integração público-”torcida”-escola antes da dispersão, a dispersão é o momento do encontro e da troca de abraços entre os componentes e entre “torcedores” e componentes<sup>59</sup>. O lado esquerdo da “passarela”, salvo em alguns pontos mais estreitos devidos a instalação da aparelhagem sonora (caixas acústicas e equipamentos), permite a circulação do público refratário, pelas mais variadas razões, ao espaço cativo das arquibancadas. Esse lado, ao contrário do lado direito, em quase toda a sua extensão é coberto pela faixa das construções antigas e novas, comerciais ou residenciais, sendo que nessas seus moradores assistem, descansadamente, o

---

<sup>59</sup> - Observo que esse público “torcedor” é formado por aquelas pessoas, em sua quase totalidade pertencentes ao local de origem da escola, que pela as mais variadas razões não desfilaram, seja por problemas de saúde ou até mesmo por não se sentirem a vontade desfilando; mas que no entanto torna-se fundamental no incentivo àqueles que desfilam. (N. A.)

desfile da janela. A área do lado esquerdo, próxima ao “palanque”, frontal ao setor (A), é bastante disputada, nela curiosamente são instaladas pela população local os mais variados tipos de cadeiras, já nas primeiras horas do dia e assim lá permanecem, amarradas ou acorrentadas aos suportes mais inusitados de postes a placa de trânsito. Essas fileiras de cadeiras prolongam-se por uma boa parte do lado esquerdo em direção ao setor (B), posicionadas entre o meio fio e o cordão de isolamento. Ao longo da calçada posiciona-se em pé, o público que aguarda a escola pela qual torce, seja para acompanhá-la até a dispersão, para ficar mais próximo e perceber os detalhes da escola, ou mesmo para apoiar um parente que desfila. As motivações deste público, específico, são múltiplas; indo da simples recusa a pagar para assistir ao desfile, ao puro prazer de circular “livremente” entre os espaços de concentração e de dispersão.

### **O reinado de momo: ... da folia pré-carnavalesca ao carnaval**

O carnaval de Laguna, com os seus múltiplos espaços (desfiles de rua, trio elétrico nas praças e calçadão, bailes nos clubes) e manifestações diversas (blocos de sujo e de embalo, bandas musicais, escolas de samba, bailes públicos), na atualidade é um mosaico; onde esses aspectos interagem, proporcionando ao

carnaval da cidade uma característica “sui generis”. Marcadamente algumas acabam sendo destacadas, quando busca-se descrevê-lo, como exemplo, citamos o destaque feito pela revista “Isto é” em umas de suas matérias sobre o carnaval de rua brasileiro:

“Laguna -- ..., tem um dos mais espontâneos e tranqüilos Carnavais de rua do País. As 13 escolas de samba do município desfilam entre os prédios históricos, arrastando atrás de si dezenas de blocos e a multidão que se apinha nas calçadas. A algazarra maior fica por conta dos blocos de sujos -- de homens e mulheres, separadamente. O grande charme do Carnaval lagunense é o ar familiar que domina as brincadeiras.” (ISTO É/1271-9/2/94)

A descrição feita acima, ajusta-se perfeitamente, ao que, hoje, em Laguna é chamado de pré-carnaval, ao meu ver, o fator chave na diferenciação do carnaval que aí se faz, em relação ao de outras cidades brasileiras. Na realidade, com o súbito crescimento do fluxo turístico, que praticamente quadruplica a população da cidade; e a influência dos carnavais de outros grandes centros, sobretudo, o das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro, alterou sensivelmente a fórmula de se brincar carnaval em Laguna. Um desses aspectos, é consequência direta do aumento do fluxo turístico, a descentralização do carnaval, hoje, com a criação de espaços alternativos, ao contrário de antigamente, quando era restrito às ruas centrais da cidade; encontra-se disperso por vários pontos da cidade, bairros e

praças. Um desses pontos de carnaval alternativo, atualmente, chega a rivalizar com o centro histórico da cidade, em número de público, o denominado “carnaval do calçadão”, que ocorre praticamente a beira mar. Localizado no Bairro do Mar Grosso, o “carnaval do calçadão”, reúne principalmente um público jovem e de classe média, onde a principal atração é o uso de trios elétricos, especialmente contratados para o evento e outras formas de animação carnavalesca. Esses locais alternativos, também são utilizados como um modo de desafogar o centro da cidade de um volume de pessoas que praticamente inviabilizaria o carnaval nessa área.

#### **a) O Pré-Carnaval**

O pré-carnaval, embora as tentativas para modificá-lo tenham ocorrido, mas sem sucesso, permanece praticamente inalterado, o que de certo modo proporciona o confronto entre os dois modos de se fazer o carnaval de rua em Laguna, o excessivamente regulamentado desfile oficial e o pouco regulamentado pré-carnavalesco, que permite a livre interação entre público e componentes das diversas escolas, blocos de sujo e de embalo etc. que desfilam. A mesma informante assim se posiciona com relação ao pré-carnaval;

“Quanto ao pré, eu acho assim que não houve diferença, sabe! porque o pré continua do povo, as ruas, continua a mesma, só mudou a... foi o inverso, né, onde começava agora termina e onde termina começava, então só houve essa mudança aí, mas o povo continua participando, acho até que melhorou bastante o pré-carnaval, né, que antigamente as escolas, até demoravam um pouco pra sair agora não, eles... pelo menos a maioria procura cumprir o horário estipulado pela comissão do carnaval assim pra não deixar o público assim tão impaciente e as vezes até uma falta de respeito, a pessoa vai pra lá as nove horas da noite e chega em casa três horas da manhã, noutro dia tem que levantar pra trabalhar, então esse ano já melhorou bastante, mas eu acho que continua o mesmo, assim, o clima assim de coisa boa, o clima assim de todo mundo querer participar, de todo mundo querer brincar com aquela paz no coração, acho que continua o mesmo.” (CJR, 1993:trans.)

O pré-carnaval é um período que antecede a data oficial em que inicia-se propriamente o carnaval sexta-feira, com um período máximo de 30 (trinta) dias, e mínimo de 15 (quinze) dias. O pré-carnaval ocorrido no ano de 1993, foi atípico devido a uma série de contratempos políticos, teve seu início marcado para o dia 10/02 encerrando-se na sexta-feira de carnaval (19/02); portanto de 10 (dez) dias corridos, desconsiderando o descanso das escolas na segunda e sexta-feira de carnaval, foram apenas 8 (dias) de desfile pré-carnavalesco. Geralmente entre os vários fatores que concorrem para a sua realização, o mais determinante é o valor e a forma de liberação dos recursos pela prefeitura local. Embora o número mínimo previsto em regulamento seja 100 componentes, é um período em que as escolas desfilam com um número reduzido de componentes, variável para cada

escola, realisticamente entre 70-90, podemos dizer a verdadeira base da escolas, e serve como uma espécie de desfile-ensaio para estes, principalmente para acertos na ala de bateria (v. anexo II, fotos 4 e 5). Promove, em relação aos dias de desfile oficial, uma maior interação entre o público e a escola; que geralmente contagiado pela passagem das mesmas, em maior ou menor número, acaba incorporando-se ao desfile da escola, formando uma massa compacta que se espreme por entre as estreitas ruas da cidade (v. anexo II, foto 3). Essa adesão circunstancial do público impede na prática o controle do número real de componentes da escola, contagem também impraticável na área de concentração, devido a formação de pequenos grupos dispersos nessa área destina as escolas que irão desfilar. Apesar dessas tentativas de regulamentação, nem sempre cumpridas (horário do desfile, trajeto, proibição de retorno, identificação da escola etc.), tanto no início, mas muito mais ao final do desfile pré-carnavalesco, torna-se praticamente impossível, volto a frisar, distinguir entre componentes e não componentes, salvo alguns componentes, o que não é regra geral, devido ao uso de camisetas identificando a escola a qual pertencem (v. anexo II, fotos 1 e 2). Nesse espaço a rivalidade entre as escolas se estabelece através da capacidade que cada uma tem de trazer atrás de si o maior número de público e simpatizantes e de polarizar as atenções dos que assistem ao desfile. A ruas do pré-carnaval,

como já dissemos são estreitas e sinuosas e com isso propiciam um contato direto com o público espectador, entre concentração e dispersão temos aproximadamente cerca de 650 m (cálculos meus - a partir do mapa da cidade ESC.:1:5.000), percurso que uma escola normalmente cumpre em 90 minutos, entre uma escola e outra observa-se geralmente o intervalo de 30 minutos<sup>60</sup>. As escolas concentram-se nas proximidades da praça República Juliana, fazendo o seguinte itinerário<sup>61</sup>: início da rua Raulino Horn, pela qual seguem até a altura da rua XV de Novembro, entram à esquerda nessa rua até o seu final - cruzamento com a rua Santo Antônio, no qual entram à direita, tomando novamente à direita seguem em frente pela rua Conselheiro Jerônimo Coelho (nesse trecho final da rua XV, passando pela rua Santo Antônio e início da rua Cons. Jerônimo Coelho - contorna-se a praça Vidal Ramos) até a dispersão nas proximidades da pracinha Brito Peixoto. Nem sempre esse percurso é cumprido à risca, comumente a

---

<sup>60</sup> - Durante o pré-carnavalesco, como não há uma rígida fiscalização cronométrica, como a que se realiza durante o desfile oficial os tempos aqui apresentados são apenas ilustrativos, previstos em regulamento, e mesmo com as penalizações, quase sempre são ignorados. (N. A.)

<sup>61</sup> - No regulamento inicial previsto para o pré-carnaval, este roteiro apresentava-se modificado, praticamente invertia-se o itinerário do desfile; previa a concentração na praça Vidal Ramos (rua Santo Antônio tomando a esquerda descendo pela rua XV de Novembro), entrando à direita pela Raulino Horn e dispersão na praça República Juliana. Embora constasse no regulamento esse itinerário, na prática, as escolas adotaram o antigo. (N. A.)

dispersão ocorre antes ou tem início, nas proximidades da praça Vidal Ramos (cf. mapa p.147).

#### **b) O carnaval, a “Brinca” e as escolas rivais**

As primeiras tentativas de transformação do carnaval de rua lagunense ocorreriam, ainda, na década de 70; entre os anos 1972 e 1974, apoiadas na divulgação do Carnaval lagunense promovida pela “Vila Izabel” e pelo surgimento em 1974, da escola de samba “Os Bem Amados”.

Em 1972 ao excursionar pela Argentina, o até então, único bloco, com algumas características de “escola de samba” da cidade o 'Vila Izabel', fundado em 1958, promoveria a primeira grande divulgação do potencial turístico lagunense; e não tardaria a chegada dos primeiros turistas argentinos, acompanhados dos nacionais, principalmente porto-alegrenses. O carnaval, as praias, os aspectos histórico-culturais e o acesso facilitado pela construção da Br-101<sup>62</sup>, contribuíram sobremaneira para essa invasão da cidade. Ao mesmo tempo

---

<sup>62</sup> - Data de 1970 a conclusão da ligação asfáltica da Br 101, unindo o sul catarinense ao norte do Estado. (N. A.)



em que o Departamento de Turismo, de tímida ação na década de sessenta, passa a ter maior ingerência nas coisas do carnaval.

Muitos anos depois em 1979, com a dissolução dos Escola de Samba “Os Bem Amados” (1979), muitos de seus componentes integram-se a “Vila Izabel”, assumindo inclusive, alguns seus antigos diretores, cargos na direção da escola. Reflexo imediato dessas mudanças na “Vila Izabel”, a escola assume a hegemonia do carnaval lagunense, detendo por cinco anos seguidos o título de campeã. Ao abandonar suas raízes familiares a escola conquistou os títulos tantas vezes perseguidos, mas por esse desenraizamento a escola vem pagando um alto preço. Abandonada pelo “mecenato” local, a escola entrou em declínio e tenta sem sucesso até hoje repetir o brilho dos carnavais passados, buscando novamente sustentar-se nas antigas raízes familiares para fugir das últimas posições que constantemente vem ocupando no carnaval de Laguna.

O ano de 1974, como já frisei, assinala o surgimento da Escola de Samba 'Os Bem Amados', uma tentativa da “elite” local de assumir novamente a hegemonia sobre o carnaval; a escola no início foi bem sucedida em seu intento, conseguindo de início o vice-campeonato e por três anos consecutivos o título de campeã. A escola trouxe para o carnaval lagunense a ênfase no visual, o padrão

'Beija-Flor'<sup>63</sup>, fantasias muito luxuosas e alegorias extremamente trabalhadas, isto é, um luxo fora do alcance das demais agremiações carnavalescas da cidade; e acrescentam alguns informantes, mas 'pouco samba no pé'. Inovou a escola, também, ao trazer para avenida destacadamente a seminudez. Após sua estrondosa aparição, mantida por três sucessivos anos, a escola entrou em franco declínio até sua extinção; retornaria anos depois mas já sem o brilho e sem a pretensão dos seus anos de glória. Entretanto, o aparecimento da escola é o marco da grande transformação do carnaval de rua lagunense, inaugurava-se naquele momento o carnaval-espetáculo, imitação reduzida do que se fazia na cidade do Rio de Janeiro; adotando-se inclusive os mesmos aspectos organizativos e critérios de julgamento e transformando-se os antigos blocos em escolas de samba. Outra contribuição não menos importante dada pelo "Bem-amados", foi a de promover, com a sua desintegração, a dispersão de seus componentes entre as escolas de samba da cidade; ocasionando assim a verdadeira fusão do carnaval lagunense, eliminando em definitivo com a divisão carnavalesca explícita entre "ricos" e "pobres", já que a escola era composta

---

<sup>63</sup> - Alguns de meus informantes assim se referem a escola para caracterizar o luxo que "Os Bem Amados" a partir de 1974 imprimiram ao Carnaval de Laguna; curiosamente esse ano (cf. Moura, 1986, p. 40) assinala a ascensão da escola "Beija Flor" de Nilópolis (RJ) ao grupo especial do carnaval carioca. (N. A.)

exclusivamente por pessoas da chamada “elite” lagunense. Observo, por curiosidade, que a nível de Brasil, por um curto período de tempo (cinco anos), em Laguna uma escola de samba, exclusivamente branca, (literalmente!) fez seu carnaval.

O sucesso dessas duas escolas, impôs ao carnaval lagunense significativas mudanças, entre elas a substituição dos antigos critérios de julgamento, por critérios semelhantes aos do carnaval carioca, por sua vez a adoção desses critérios forçava os antigos blocos a se organizarem da forma como era exigida pelo novo regulamentos, isto é, nos moldes das escolas de samba. Declaradamente o objetivo dessas modificações, era o de adaptar o carnaval de rua lagunense seguindo o modelo do carnaval carioca. Esse processo iniciado nos primeiros anos de 70, com a “Vila Izabel” e retomado com “Os Bem Amados” arrastaria-se ao longo de toda década.

Ao “Brinca” coube o papel mais renitente frente as mudanças, pois essas transformações o colocaram diante de um dilema: Bloco ou Escola de Samba? O 'Brinca Quem Pode', através de seus componentes mais antigos, resistiu as mudanças<sup>64</sup> do carnaval de rua, permanecendo até o último momento na categoria

---

<sup>64</sup> - Entre elas, a supressão dos instrumentos de sopro uma das grandes características do “Brinca”, formado que era por músicos da banda local União dos Artistas, e tendo como atração o pistom de Paulo T. dos Reis, conhecido popularmente como o Paulinho “Baeta”, ou apenas, “Baeta”, o ano em que a proibição efetivamente ocorreu não se pode precisar, mas

## **ANEXO IV**

### **Escolas de Samba - Campeãs do Carnaval de Laguna**

1974 - Os Bem Amados  
1975 - “  
1976 - “  
1977 - Vila Izabel  
1978 - “  
1979 - “  
1980 - “  
1981 - “  
1982 - Xavantes  
1983 - “  
1984 - Democratas  
1985 - “  
1986 - Vila Izabel  
1987 - ? -----> (primeiro desfile “Passarela do Samba” - Rua Gustavo Richard)  
1988 - ?  
1989 - Democratas  
1990 - “  
1991 - “  
1992 - “  
1993 - Xavantes  
1994 - Democratas  
1995 - “  
1996 - “

Fonte: Mapas de contagem (PML) e Ata I e II do “Brinca Quem Pode” e informantes

bloco, até que, finalmente, quase totalmente isolado, capitulou no início da década de oitenta, transformando-se também em escola de samba e acatando os regulamentos carnavalescos vigentes. Consequência também de uma disputa interna, entre o grupo dos “conservadores” e o grupo dos “mudancistas”, vencida pelos “conservadores” que, ironicamente, alguns anos mais tarde promovem a transformação de “bloco” para “escola”, um dos motivos pelos quais se iniciou a disputa. Esta transformação completaria-se em 1985, através da modificação estatutária e pela implantação de uma nova forma de trabalho, a divisão da escola em alas e responsabilização pelos trabalhos atribuídas aos diretores(cabeças) de alas, incluindo a cobrança das fantasias.

Em 1976, pela primeira vez, assume a presidência do bloco, um representante da segunda geração da Academia Carnavalesca 'Brinca Quem Pode', praticamente nascido e crescido dentro dela. Com ele vários integrantes dessa mesma geração passariam a compor o quadro diretivo da 'Academia'. As inovações propostas pelo grupo, algumas delas implementadas de imediato, como a participação igualitária das mulheres na diretoria, acabaram ferindo suscetibilidades, principalmente, dos componentes mais antigos totalmente

---

algumas indicações permitem deduzir entre o período que compreende os anos de 78-80. (N. A.)

descontentes com as mudanças. Até então, os cargos de diretoria eram exclusivamente masculinos, ficando as mulheres restritas aos Grêmios Recreativos, cuja função específica era a promoção de eventos (bailes, bingos, rifas etc.) visando arrecadar fundos para o bloco. Estabeleceu-se, por conseguinte, um choque silencioso entre gerações, facciosamente divididos entre 'mudancistas' e 'conservadores', respectivamente os novos e os antigos componentes da 'Academia Carnavalesca'.

O agravamento desse quadro ocorreria quando, por motivos profissionais, o jovem presidente teve que afastar-se do cargo, indo residir em outro município; assumindo interinamente o seu lugar o vice-presidente ligado historicamente à ala conservadora. A partir desse momento o choque se fez ouvir e as diferenças entre jovens e antigos componentes se tornaram visíveis e intransponíveis. Isso resultaria na exclusão do quadro social do mais ferrenho opositor à ala conservadora, acusado de infringir determinado artigo do estatuto; em solidariedade a ele uma parcela do grupo mudancista desligou-se da escola, retornando pouco tempo depois. O aspecto mais interessante é que o próprio pivô da dissidência, ao ser por mim entrevistado, admitiu ter cometido a infração.

Como consequência desse incidente ocorrido em 1978, dois anos mais tarde, o principal envolvido seria convidado por um grupo de componentes do

'Brinca Quem Pode', descontentes com a forma como este vinha sendo conduzido, para fundar uma escola de samba, e que de fato ocorreria em 1980, a fundação da Escola de Samba Mocidade Independente.

### **Carna-avalizando<sup>65</sup> o cotidiano: a construção simbólica da diferença**

Algumas das pessoas que hoje compõem a diretoria do “Brinca Quem Pode”, integraram a diretoria que imprimiu uma série de modificações na escola em 1976. Uma delas foi supressão da divisão que ainda existia entre homens e mulheres a nível de diretoria, as mulheres sendo impedidas de assumir cargos administrativos, a diretoria de setenta e seis era mista, dela participavam homens e mulheres. Outras iniciaram na escola durante o ano 1988, quando a escola passou por uma séria reformulação, esse grupo associado, estabeleceu uma certa hegemonia no interior da escola, e vem mantendo-a por mais de três gestões, até o ano de 93 conseguiu manter a escola em 2º lugar, caindo em 94 para 3º e no carnaval passado para 4º lugar, efetivamente a manutenção dessa hegemonia depende do sucesso e da forma como a escola apresenta-se durante o desfile

---

<sup>65</sup> - Aqui faço um jogo com as palavras “carnaval” e “avalizar”, para sugerir que através do evento carnaval a Escola se reconhece, e se faz reconhecer; trazendo esse reconhecimento para as ações que desenvolve durante o ano, isto é, o evento avaliza as ações da Escola realizadas durante o “Ciclo-carnavalesco”. (N. A.)

carnavalesco, mas a inserção do grupo na comunidade e a ligação efetiva com as famílias tradicionais possibilitam a manutenção dessa hegemonia mesmo quando seriamente ameaçada.

Por outro lado esse grupo plenamente enraizado no território de residência, no bairro Progresso, onde a antiga Roseta, também, se insere como território de referência, procurou definir e caracterizar símbolos, associando-os ao “Brinca Quem Pode”, adotou e tornou efetiva a Águia como alegoria símbolo da escola, contribuiu para sedimentar o nome de “PB” como símbolo vivo da escola, hoje praticamente um mito, procura acentuar em seus discursos o “vermelho e branco” cores da escola, como sinônimo de amor pela escola, em alguns momentos fazendo-se referência a “família Brinca Quem Pode” como a “Nação Vermelha e Branca” chegando a constar inclusive em ata tal denominação, busca associar a escola com um certo território a Roseta. Todos esses componentes nos permitem identificar o ideal tipo do que é ser “Brinca Quem Pode”, que se constitui como identidade em constante elaboração.

O surgimento da Escola de Samba Mocidade Independente, também colocou em cheque a identificação automática entre a escola e o território de residência, Brinca Quem Pode e Roseta, pois, esta também postula a mesma base territorial de origem a Roseta, embora o discurso seja feito em termos de bairro



Progresso. Dito literalmente, por um de meus informantes, que sobretudo no período carnavalesco, assemelha-se a uma disputa entre “facções” adversárias com seus territórios simbolicamente demarcados.

“(…) eu acho que com a fundação da Mocidade, a criação da nossa escola, né!, que partiu assim de uma dissidência do B.Q.P., ganhou muito o carnaval de Laguna, porque você vê, você que acompanha carnaval, hoje a Mocidade é um nome obrigatório no carnaval de Laguna, e a Roseta (Bairro Progresso) ficou dividida, ficou dividida porque hoje tem até dois bares, né!, uma coisa interessante que tem dois bares na Roseta (...) têm dois bares lá que um é mais freqüentado pelo pessoal da Mocidade e outro mais freqüentado pelo pessoal do B.Q.P., é o bar Cruzado e o bar lá do Babá, que hoje é do Boneco, né!, então o pessoal da Mocidade freqüenta mais um bar e o pessoal do Brinca freqüenta o outro. Isso não quer dizer que um ou outro não vai nos dois bares, mas é o que caracteriza, principalmente no carnaval; então há uma discussão muito grande em termos do carnaval entre as duas facções.” (JSJ, 1993:trans.)

Há de certa forma consciência por parte do grupo de sua composição étnica, o que ocorre entretanto é a não explicitação deste aspecto. Em determinados momentos, a origem negra da escola é destacada como legitimadora do verdadeiro samba, com essa visão essencialista, assim o descreve um dos informantes;

“(…) o samba a pessoa já nasce, ninguém aprende depois a tocar samba: então as escolas que tem raízes, tem o melhor samba, aqui em Laguna, cito as duas escolas que tem o melhor samba são as duas escolas que tem origem na raça negra, Vila Isabel e B.Q.P. essas que tem realmente um samba contagiante as demais procuram imitar, mas dificilmente vão conseguir atingir o nível de evolução que tem a bateria do B.Q.P. e da Vila Isabel.” (JDR, 1993:trans.)

Além dessa divisão implícita entre “negros” e “brancos” caracterizadora das duas escolas do bairro, é interessante notar que, como salientamos anteriormente, a incorporação sistemática de novos componentes simbólicos à escola ou o reforço dos já existentes; deixando claro a necessidade de criar novos elementos de identificação (entre o componente e a escola) e de distinção (entre o Brinca e as outras escolas, principalmente a Mocidade). A águia, a identificação da escola com as cores adotadas (vermelha e branca), a tradição da escola personificada em “Paulinho Baeta”; todo um esforço muito grande em busca de símbolos identificatórios-contrastivos, estrategicamente colocados em suas práticas discursivas, auxiliam a delimitar diferenças e a definir o sentimento de pertencimento ao grupo<sup>66</sup>.

Nesse mesmo ano (1980), ocorre por problemas de saúde, o primeiro afastamento de PB, um dos fundadores e principal responsável pela continuidade da Academia Carnavalesca Brinca Quem Pode; que viria sofrer no ano de 1989 um derrame que lhe ocasionaria paralisia parcial dos membros inferior e superior

---

<sup>66</sup> - Observa Hobsbawm(1984, p. 9) que, “Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

esquerdo. Aquele que durante muito tempo, como mestre de bateria e ao pistom, imprimira uma marca característica ao bloco e que muito sofrera com a proibição, ainda na década de setenta, do uso de instrumento de sopro durante os desfile oficial; encontrava-se definitivamente incapacitado para participar ativamente 'nas coisas de carnaval'. Em contrapartida, intensifica-se a incorporação de Pebe como uma espécie de símbolo vivo, por seus quase cinquenta anos de participação e dedicação à escola. Além de representar uma de suas mais tradicionais famílias fundadoras.

Seguindo, também, a lógica da 'tradição do novo' o Brinca desde o ano de 1989, traz como carro abre-alas o símbolo da escola a Águia, sugestão dada por Pebe (baseada no carro abre alas da Portela - desfile do ano anterior) e aceita pelo grupo e agora símbolo, já tradicional, do Brinca Quem Pode. Sua atual opositora carnavalesca, e grande rival Mocidade Independente, em contraposição adotou por símbolo a Serpente. Isso de certo modo confere uma expressiva simbologia às escolas opositoras carnavalescas, curiosamente Eliade (1991, p.93) destaca a oposição entre a “Serpente -- símbolo das Trevas -- e Águia -- pássaro solar”.

Outro exemplo é a proposta de adoção definitiva da ala 'Arrastão da Alegria', título dado à escola durante o pré-carnaval de 1993, numa clara alusão aos arrastões cariocas e a sua composição étnica, suavizado pelo complemento.

figura historicamente ligada à escola (anexo II, foto 8). Acompanhei algumas partidas do “Cruzado” e pude perceber que ali também impera uma divisão sexual, os homens em sua maioria jogam e os demais compõem a torcida, sobretudo as mulheres acompanhadas de seus filhos. Todas essas partidas foram realizadas no campo do bairro (Centro Social Urbano), infelizmente devido a não coincidência de datas, foi impossível acompanhar o deslocamento do grupo para a realização de jogos em outras localidades da região. O pouco que acompanhei deu para perceber como nesses espaços as lideranças são reforçadas e até as vezes postas a prova, quando chamadas a intermediar os conflitos que fogem ao controle do juiz durante a partida. Essa autoridade paira muitas vezes acima da arbitragem, embora sendo um jogo amistoso, o incidente foi marcante, presenciei a patética e hilária cena de “expulsão” do juiz, ou seja, “desistência forçada” aos gritos de “não sabe apitar sai fora”, e a passagem do apito para outra pessoa presente ao jogo, esse ato repetiu-se por mais duas vezes. Vi pela reações das pessoas que o ocorrido era normal e rotineiro, e de fato eu era o único a achar estranho a situação. Após esses encontros futebolísticos é comum ao time da casa oferecer bebidas e churrascos ao time visitante com os custos rateados entre os anfitriões, outras vezes o encontro gira em torno da aposta, o time que perder paga. Há também os torneios, em que, além de troféus, costuma-se oferecer como

prêmio ao campeão uma novilha, que posteriormente transforma-se em churrasco; se for acordado com antecedência entre os times, isso ocorre no mesmo dia ao final do torneio e todos acabam participando.

Os eventos, tais como bailes, bingos dançantes etc., ocorrem, mas não com tanta frequência, pois a sede da Academia tornou-se pequena e então usa-se o salão do centro comunitário que, como pertence a todos do bairro, nem sempre está disponível, ocupado com as promoções do próprio centro e as vezes de outros grupos, como as da própria escola de samba Mocidade Independente; quando isso ocorre busca-se um outro local para a realização dessas. Em conversas com meus informantes fiquei sabendo que o grande sonho é o de ampliação da sede para, então, fazer as promoções nela, sendo os lucros revertidos em sua totalidade para a escola. A renda líquida obtida nesses eventos é totalmente revertida para a escola, uma parte sendo destinada para pagamento imediato das pequenas dívidas e uma outra aplicada tendo em vista os gastos com o carnaval que se aproxima. Uma forma tradicional de arrecadação utilizada pela escola é o “livro de ouro”, com qual percorre-se o comércio local em busca de contribuições voluntárias dos comerciantes, que o assinam declarando o valor doado. A constância dessas atividades indicam que o *ciclo-carnavalesco* é uma

atividade contínua que preenche uma agenda de 365 dias ao ano, ou sessenta e seis (66) quando bissexto<sup>67</sup> ...

---

<sup>67</sup> - Zaluar em seu trabalho realizado no conjunto habitacional “Cidade de Deus”, periferia do Rio de Janeiro, no tópico em que trata das agremiações ressalta;

“É engano pensar que a agremiação carnavalesca viva apenas da alegria dos três dias de carnaval. Para a população local e seus convidados, as festas são realizadas durante o ano todo, mantendo os componentes do bloco mobilizados e a quadra sempre animada. As festas reúnem os vizinhos por ocasião da data local da fundação do bloco, os dias de santos ..., datas nacionais ... e as festividades ligadas diretamente ao carnaval (aleluia, concurso dos sambas, ensaios etc.). Os seus objetivos em termos da agremiação carnavalesca, são angariar os fundos para a produção do desfile e participar do circuito de trocas que liga esta agremiação com as demais. Os ensaios, que têm o objetivo explícito de preparar os componentes para o desfile, só começam a ser realizados após a escolha do samba-enredo vencedor, que é feita nos últimos meses do ano. A partir de dezembro, até o Carnaval, a intensidade desta movimentação aumenta e deve culminar com o desfile. Todas essas atividades são como rituais coletivos que aproximam os vizinhos e abrem espaço à expressão simbólica de suas identidades e de seus conflitos.” (1994, p. 186-7)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"O eu só se afirma como eu, quando sai de si e se projeta no outro. A identidade sempre passa pela diferença. Somos o que somos, sendo já desde sempre ser-com (o outro).*

*(Manuel A. de Castro, Tempos de Metamorfose)*

Afinal, *quem pode ser do "Brinca"*? Passei os três primeiros meses e meio de noventa e três, transitando entre Florianópolis e Laguna, quando em meados de abril dei por encerrado o trabalho de campo. De lá retornei, percebendo que as indagações que haviam me levado a campo tinham sido multiplicadas. A pretensa e imediata certeza, antes de ir a campo, de encontrar apenas respostas; havia sido pulverizada diante do enorme número de interrogações que eu lá formulara. Ao mesmo tempo em que percebi a dificuldade de manter o desejado distanciamento antropológico com o grupo pesquisado; minha relação de parentesco e afetividade com a maioria dos entrevistados colocava-me num impasse entre academias -- a carnavalesca e a universitária. Meu envolvimento com o grupo, aliado ao sentimento de pertencimento, impunha desde já, modos de dizer e de não dizer,

gerando a dúvida de o quê e como dizer. Certamente, esse impasse impôs ao trabalho algumas lacunas, ao mesmo tempo em que me deixou apreensivo quanto a sua receptividade entre aqueles que auxiliaram em sua composição, o receio em ver abalada a cumplicidade (explícita ou implícita) existente entre pesquisado e pesquisador.

A continuidade da pesquisa e o equacionamento desse impasse persistia, quando no carnaval de noventa e quatro, fui convidado para desfilhar pela “Brinca Quem Pode”, só aí, pude perceber a diferença entre ver e participar do desfile, e como ela é grande! Entre acompanhar a Escola com o olhar de pesquisador, como o fiz em noventa e três; e estar na Escola, desfilando aqueles intermináveis metros da “Passarela do Samba”, marcados inexoravelmente pelo tempo de desfile. Nesse momento, da concentração à dispersão, através das ações de solidariedade entre os componentes, do abraço ao desejo de boa sorte, pude aprender bastante sobre o “ser do Brinca Quem Pode”, ou seja, para sê-lo, embora pareça óbvio, é preciso se considerar e ser considerado do “Brinca”<sup>68</sup>.

Só então, pude mediar a minha condição de pesquisador, parente e membro da escola. Pude perceber, também, que o transito entre uma e outra, que na antropologia constitui um método em discussão e aperfeiçoamento, aconteceu

---

<sup>68</sup> - Aquilo que conceitualmente Barth(1976), denomina de *adscrição*. (N. A.)



para mim de modo mais intuitivo, mas não menos complexo. Ao eleger parentes como informantes eu não fazia idéia do desafio, mas também não podia calcular a possibilidade de pelo viés da academia me aproximar tanto do familiar, e com isto, por que não, também me distanciar.

As várias formas de segregação, vivenciadas pela população negra de Laguna e demonstradas ao longo desse trabalho, somam-se as estratégias de se contrapor a essa situação. A Escola, em seu aspecto organizativo, possibilitou a esta população inverter a negatividade atribuída à cor, em positividade; gerando critérios de pertencimento valorativos. Através das alianças estabelecidas o grupo se solidificou, elevando com isso seu capital simbólico, a Escola parece ser o maior deles, pois é uma instância formativa e educativa. Por seu intermédio a “comunidade” reivindica, pressiona e adquire voz na arena política da cidade, não só no carnaval, mas durante o ano todo.

A “Escola de Samba”, então, expressa uma dimensão que se estende para além do carnaval, enquanto evento temporalmente localizado, um território através do qual articulam-se outros territórios, no caso por nós estudado, notadamente o próprio *bairro* onde a escola se origina, e o *ciclo-carnavalesco*, o calendário que se realiza na transição do cotidiano ao carnaval e do carnaval ao cotidiano.

A (in)visibilidade tal como procurei demonstrar, remete a um jogo de significados, que ora nega a presença da população negra, invisibilizando-a (na história, na identidade da cidade, nos feitos históricos) em tudo que possa representar a valorização e a contribuição dessa população no processo fundação-consolidação da cidade. A visibilidade consiste nas práticas de segregação que pela cor e condição social, mutuamente, a reforçam, procurando “naturalizar” a situação de marginalidade e de exclusão, em que vivem na atualidade.

O território, como “espaço vivido”, permite a ocorrência do familiar, das ações solidárias, da atualização dos valores que o grupo escolhe e procura perpetuar seja no bairro (residencialidade), na escola e no carnaval (interacionalidade). A Roseta, como um território de referência, e portanto, mítico, sintetiza o universo das representações sobre os territórios residencial e interacional: ela é a casa e a rua, é o trabalho e o lazer, é o todo e a parte, enfim, é o passado que se atualiza no presente.

O ciclo-carnavalesco expressa as relações que nele se estabelecem e perpassa, através da escola, o cotidiano. A escola por sua vez, sendo o ponto de articulação entre o território interacional e o de residência (o bairro Progresso), fornece elementos organizativos para o grupo, tanto no plano pessoal, como no coletivo, através de reivindicações sociais, econômicas e políticas.

A existência no grupo de dois conceitos de família, um definido em termos do parentesco por consaguinidade e afinidade; o outro em termos míticos, através de um passado comum, expresso na figura de um dos fundadores, proporcionam ao grupo estabelecer as noções de pertencimento. O primeiro conceito de família remete para a distinção interna, ou seja, entre parentes e não-parentes, já o segundo traz a distinção entre os de “dentro” e os de “fora”, ou melhor, entre os que são e os que não são do “Brinca”. No estabelecimento dos limites/fronteiras dos componentes da Escola externamente a cor exerce como diacrítico, papel fundamental para marcar o “nós” e os “outros”.

O evento carnaval, onde o desfile, apogeu do Ciclo-carnavalesco, consagra o trabalho de um ano e referenda o prestígio de suas lideranças, é a arena, por excelência, da negociação política, onde mostra-se publicamente a capacidade de mobilização da escola, espaço onde se brinca porque brincar, nesse caso, é poder. O carnaval surge também como uma referência identital, na construção da noção de pessoa. Ele produz a consciência de si, pela percepção e comunicação especular com um outro ou vários outros.

As questões pontualmente destacadas acima, sintetizam os objetivos de cada capítulo que compõem essa dissertação.

## BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. Cantos e Toques: etnografia do espaço negro na Bahia, Introdução. *Caderno CRH*, Salvador: Fator Editor, set. 1991. Edição suplementar.
- ARANTES, Antônio Augusto. Pais, Padrinhos e o Espírito Santo. In *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 2 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.
- AUGÉ, Marc et alii. Os domínios do parentesco. Lisboa: Edições 70: 1978.
- BACELAR, Jeferson. Gingas e nós: o jogo do lazer na Bahia. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Território negro em espaço branco: estudo antropológico de Vila Bela. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1988.
- BARBU, Zevedei. O conceito de identidade na encruzilhada. *Anuário Antropológico*/78.
- BARTH, F. Los grupos étnicos Y sus fronteras. México, 1976.
- BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Lisboa: Edições 70:1984.
- BENTO, Cláudio Moreira. O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975). Porto Alegre, Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1976.
- BITTENCOURT, Iosvaldir Carvalho. Porto Alegre: Do Porto dos Casais a um Porto Africano: A Ocupação Negra do Centro da Metrópole. Comunicação apresentada na 17ª Reunião da ABA, Florianópolis, 1990.
- BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1988.
- BRITTO, Iêda Marques. Realidade e propósitos da cidadania brasileira: o negro e o uso do espaço em São Paulo (1900-1937).

- . Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): Um exercício de resistência cultural. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Notas históricas sobre a fundação da povoação de Santo Antônio dos Anjos da Laguna*. In Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos. Florianópolis: IOESC, 1976.
- . A música em Santa Catarina no século XIX. Florianópolis: s. ed., 1951.
- CARDOSO, Ruth C. L. (Org.) A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Eunice R. Durham 'et al.'. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARVALHO, Nadja Miranda de. Arte-Educação e Etnicidade: elementos para uma interpretação da experiência educativa do Grupo Olodum. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC/PPGE-CED, (dezembro) 1994.
- CASTRO, Manuel Antônio de. Tempos de metamorfose. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1994.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFRJ, 1994.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: arte de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roges. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- COHEN, A. Custom & politics in urban africa. London: Routledge and Kegan Paul, 1974.
- CONSORTE, J. e COSTA, M. R. (org.) Religião, Política e Identidade. São Paulo: EDUC, 1988.
- CORADINI, Lisabete. Praça XV: espaço e sociabilidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.

- CORRÊA, Roberto Lobato. *Territorialidade e corporação: um exemplo* In Território: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1994.
- COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. Espaços negros: “cantos” e “lojas” em Salvador no Século XIX. In Cantos e Toques: etnografia do espaço negro na Bahia. *Caderno CRH*, Salvador : Fator Editor, set. 1991.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- . Etnicidade. Antropologia do Brasil. Rio de Janeiro: Brasiliense, EDUSP, 1986.
- Da MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 4ª ed., 1983.
- . A casa & a rua: espaço, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- EPSTEIN, A. L. Ethos and identity, Three studies in Ethnicity. London: Tavistock publications. Chicago, A. P. C., 1978.
- FOX, Robin. Parentesco e casamento: Uma perspectiva antropológica. Lisboa: Vega, 1986.
- GALVÃO, Manoel Nascimento da Fonseca. Notas geográficas e históricas sobre a Laguna: desde sua fundação até 1750. Desterro: Typ. de J. J. Lopes, 1884.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOLDWASSER, Maria Júlia. O palácio do samba: estudo antropológico da escola de samba Estação Primeira da Mangueira. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

- GOMES, Wilson da Silva. Metáforas da diferença: a questão do inteiramente outro a partir da teoria da realidade como construção. REVISTA DE FILOSOFIA-UNESP. São Paulo (v.15):131-48, anual, 1992.
- GRANDIN, Nicole. *Relações*. In Os domínios do parentesco. Lisboa: Edições 70, 1978.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Sueli. Micropolítica: cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARTUNG, Míriam. *Parentesco, casamento e terra em um grupo rural de negros em Santa Catarina*. In Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1996.
- HEERS, Jacques. Carnavales y Fiestas de locos. Barcelona: Ediciones Península, 1988.
- HOBSBAWM, Eric et RANGER, Terence. (Org.) A invenção das tradições. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984.
- LANDOWSKI, Eric. A sociedade refletida: ensaios de sóciossemiótica. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- LEACH, Edmund. Cultura e comunicação: A lógica pela qual os símbolos estão ligados; uma introdução ao uso da análise estruturalista em Antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LEITE, Ilka Boaventura. Terra, território e territorialidade: três dimensões necessárias ao entendimento da cidadania do negro no Brasil. In *Seminário: América, 500 Anos de Dominação*. UFSC, 1990. Xerocópia.
- . Territorialização étnica em área urbana e industrializada. XV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1991.

- . *Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação*. In *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis, Letras contemporâneas, 1996.
- (Org.). *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis, Letras contemporâneas, 1996.
- LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- LEVI-STRAUSS. Claude. *L'Identité*. Paris: Bernard Grasset, 1977.
- . *O olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- LOPES, Nei. *Bantos, Malês e identidade negra*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- . *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido alto, calango, chula e outras cantorias*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.
- MAESTRI FILHO, Mário José. *O escravo gaúcho: resistência e trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- . *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo, Editora da USP, 1993.
- MORAES, Eneida. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- MOURA, Clóvis. *Organizações negras*. In *O povo em movimento*. Petrópolis: Vozes/CEBRAP, 1980.



MOURA, Roberto M. Carnaval: da Redentora à Praça do Apocalipse. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão e improviso e método na pesquisa social. Roberto da Matta 'et al.'. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, Roberto C. Identidade, Etnia e Estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976.

----- . Enigmas e soluções: exercícios de Etnologia e de Crítica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

OLIVEN, Ruben. *A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul*. In Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1996.

PEROSA, Angelo José. Carnaval: o potlatch da sociedade complexa no Brasil. CADERNOS DE CAMPO: REVISTA DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA DA USP. São Paulo (03): 149-151, anual, 1993.

PIAZZA, Walter. O escravo numa economia minifundiária. São Paulo: Ed. Resenha Universitária; Florianópolis: UDESC Editora, 1975.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RAFFESTIN, Claude. Por um geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

RECTOR, Monica. Carnaval. México: Tezontle/Fondo de Cultura Económica, 1989.

REIS, Leticia Vidor de Souza. A "Aquarela do Brasil": reflexões preliminares sobre a construção nacional do samba e da capoeira. CADERNOS DE

CAMPO: REVISTA DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA DA USP. São Paulo (03): 5-19, anual, 1993.

REX, John. Raça e etnia. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

RISÉRIO, Antônio. Carnaval Ijexá: notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano. Salvador: Corrupio, 1981.

RODRIGUES, Ana Maria. Samba negro espoliação branca. São Paulo: Hucitec, 1984.

ROLNIK, Raquel. Cada um no seu lugar: São Paulo, início da industrialização: geografia do poder. Dissertação de mestrado, São Paulo: USP/FAU, (setembro) 1981.

RUBEN, G. R. Teoria da identidade, uma crítica. In Anuário Antropológico. Brasília: UNB; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

SAHLINS, Marshall,. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

SANTOS, Myriam. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA ANPOCS. São Paulo (23):70-84, quadrimestral, out. 1993.

SCARANO, Julita. Devoção e escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos nos Distrito Diamantino no Século XVIII. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1975.

----- . Cotidiano e solidariedade: vida diária da gente de cor nas Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SCHUSKY, Ernest Lester. Manual para análise de parentesco. São Paulo: EPU, 1973.

SCHWARCS, Lilia K. Moritz. O espetáculo das raças. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEBE, José Carlos. Carnaval, carnavaís. São Paulo: Ática, 1986.

SHILS, Edward. Centro e periferia. Lisboa: Difel, 1992.

SILVA, Josiane Abrunhosa da. Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS/PPGAS, (março) 1993.

SOARES, Luiz Eduardo Soares. Campesinato: ideologia e política. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

----- . O rigor da indisciplina. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SODRÉ, Muniz. Samba o dono do corpo. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

----- . O terreiro e a cidade: A forma social Negro-Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

TÉLLEZ, Armando Silva. Imaginarios urbanos: Bogotá y São Paulo: Cultura y comunicación urbana en América Latina. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1992.

TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos: origens. São Paulo: Art Editora, 1988.

TRAMONTE, Cristiana. A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis: a construção da hegemonia cultural através da organização do carnaval. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC/PPGE-CED, (maio) 1995.

ULYSSÉA, Nail. *Três séculos na Matriz de Santo Antônio dos Anjos da Laguna*. In Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos. Florianópolis: IOESC, 1976.

ULYSSÉA, Saul. A Laguna de 1880. Florianópolis: IOESC, 1943.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

WOORTMANN, Ellen F. Herdeiros e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb, 1995.

WOORTMANN, Klaas. A família das mulheres. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.

ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

ZUMBLICK, Walter. "Teresa Cristina": a ferrovia do carvão. Florianópolis: Ed. da UFSC, R.F.F.S.A., 1987.

## **FONTES DE PESQUISA**

### **1. Documentos**

Ata "Brinca Quem Pode", 1968 a 1989

Ata "Brinca Quem Pode", 1989 a 1993

Código de Postura Municipal, 1951

Critérios Básicos para o Julgamento, 1981

Legislação Municipal - Criação de Bairros, 1967, 1975, 1979

Mapas de Contagem de Pontos, 1981, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987

Plano de Obtenção de Patrocínio, 1990

Regulamento do Pré-Carnaval, 1987, 1991, 1993

Regulamentos do Carnaval Lagunense, 1982, 1986, 1992

### **2. Jornais**

A Sentinela, 1909

A Verdade, 1881, 1885

Correio do Sul, 1934, 1939, 1948

Echo Lagunense, 1886

Farol de Notícias, 1994

Gazeta Lagunense, 1893

Gazeta Lagunense (II), 1992

Jornal de Laguna, 1993, 1996

Liberdade, 1890

O Albor, 1904 a 1949  
O Commercial, 1886  
O Futuro, 1891  
O Município, 1879  
O Renovador, 1983, 1985, 1988, 1991  
Pharol, 1891  
Primeiro de Abril, 1884

### **3. Diversas**

IBGE - Censo Demográfico (Setores censitários/Laguna), 1980, 1991  
Revista "Bola Preta", 1952  
Revista "Isto é", 1994  
Valorização do Sítio Histórico da Laguna - UFSC/FAU/Mapas, 1983  
Fotos:  
- "Brinca Quem Pode" (1947/1948), cedida pelo Sr. Antônio (Cacique);  
- "Brinca Quem Pode" (1957), cedida por D<sup>a</sup> Selma;  
- Sociedade Musical "União dos Artistas" (1915), cedida pelo Sr. Agenor (falecido em 1995)  
Folhetos dos Sambas Enredo

## **ANEXOS**

## **ANEXO I**

### **“Brinca Quem Pode” - Composições Musicais**

#### **MARCHA DO BRINCA - (criada na década de 60)**

**Autor: Mauro Camilo (falecido)**

Eu sou do Brinca Quem Pode  
Pois ele mesmo é o tal  
No samba, frevo e na marcha  
Nas coisas de carnaval

Brinca Quem Pode  
Brinca Quem Pode  
Quando ele sai a cidade se sacode.  
Deixa de lado a fantasia  
A sua batucada já nos dá muita alegria.

### **Sambas Enredo**

#### **MILONGUEIRO - 1977**

**Autores: Ivaldo Roque (falecido)**

**João André dos Reis (Dé)**

**João de Souza Júnior (Dão)**

Aonde o milongueiro mora  
Aonde o milongueiro mora  
Aonde o galo não canta (obs.: ponto cantado de umbanda)  
O pinto não pia  
Criança não chora

Aonde o milongueiro mora  
Aonde o milongueiro mora  
O Brinca Quem Pode apresenta  
Uma grande passagem da nossa história  
Vieram de além-mar  
Os primeiros escravos  
Prá trabalhar, prá sofrer

Prá ajudar a fazer a riqueza do Brasil  
E os negros  
Os negros desembarcavam em São Vicente  
E se espalhavam pelo país  
Prá nascer cana-de-açúcar, fumo e algodão  
Batuque, samba, congada  
Quilombos e devoção  
Até que um dia Oxalá iluminou a Princesa Isabel  
Que aboliu a escravidão  
Não existe mais senzala  
Negro não é mais escravo  
Negro ama todo mundo  
E também quer ser amado.

## **O MÁRTIR DA INCONFIDÊNCIA - 1978**

**Autor: Ivaldo Roque (falecido)**

A riqueza nossa  
E a liberdade do nosso povo  
Tiradentes batalhou  
Mas deu no que se viu  
A infidélcia mineira Silvério dos Reis traiu

Na morte de um homem  
Começa o seu amanhã  
Se dez vidas tivesse  
Todas eu daria  
Liberdade, liberdade  
Ainda que tarde  
Aconteceu o que o grande herói queria  
Ora, pois, pois  
Que genial  
O grande herói é tema do meu carnaval.



## **FESTA COLORIDA E DANÇA DA DEUSA VODUM - 1983**

**Autor: Ivaldo Roque (já falecido)**

Ôi lelê

Ôi lelê

Ôi lalá

Canta povo meu  
na festa colorida  
a dança da deusa Vodum  
animando nossa vida  
saravá, Ogum

O Brinca Quem Pode  
homenageia a influência  
dos imigrantes africanos  
na cultura brasileira  
iorubás, jejês, nagôs

Pretos originários de Daomé  
Contribuíram na nossa formação racial  
lendas e costumes  
cultos e religiões  
que atingiram também  
o nosso carnaval

Pelo bastão de Xangô  
e o caxangá de Oxalá  
filho Brasil pede a benção  
mãe África

## **REI SOL, AMIGA LUA - 1986**

**Autor: João André dos Reis (Dé)**

Extravasando  
Meu coração de alegria  
Vem chegando o sol, rei sol  
Este é o carnaval da academia

Nos idos tempos de outrora  
No esplendor do luar  
Amantes apaixonados  
Viviam a cantarolar  
Êi, lua amiga  
Onde estás que não vens  
Manda a tua luz de prata  
Que eu quero enfeitar o meu bem.

### **“E POR FALAR EM SAUDADE” - 1989**

**Autor: Ademir Roque (Filho)**

Abram alas oi  
Hoje é dia de folia  
Nas asas da ilusão  
Vai feliz um coração  
Em tempo de nostalgia  
Quanta saudade  
Do dominó do Pierot da Colombina  
Do Arlequim saudando nosso povo  
Com chuva de confete e serpentina ô ô ô

Quem vai querer quem vai querer  
O Lambe-Lambe tira foto pra você  
Quem vai querer quem vai querer  
Pé-de-moleque cocada boa pra vender

O seresteiro oi  
Com seu violão a dedilhar  
Sinhazinha faz a festa  
Aproveite a hora é esta  
O romantismo vai voltar  
Abra seus braços  
E num abraço cheio de emoção  
Brinque cante vibre  
A vida ainda tem razão

Deixa falar deixa falar  
Nesta avenida o meu povo relembrar  
Deixa falar deixa falar  
Brinca Quem Pode nova“mente” vem brilhar

## **“RESPLANDECER DE UMA NOVA DÉCADA” - 1990**

**Autor: Ademir Roque (Filho)**

Brinca Quem Pode tu és  
Brinca Quem Pode eu sou Bis  
Brinca Quem Pode numa década de amor

Acho que vou  
Vaiiii

Vou extravazar (sic) minha alegria  
Nesta avenida multicolor  
Contagiando esta galera  
Que a tanto espera  
Ter de novo o seu valor

Miragens  
De um futuro ideal  
À baila novas esperanças,  
Promessas, mudanças  
O sonho à ninguém faz mal

Oiiii .....

Oi roda, gira o mundo  
O mundo vai girar  
Linda morena eu quero te abraçar  
Oi roda, gira o mundo  
O mundo vai girar  
Entra na roda vamos festejar

Refrão

E o samba

O samba atração do carnaval  
Festa tradicional  
Um delírio de emoção  
Futebol a nossa grande arte  
Vai a copa mostra raça  
Vibra a nossa seleção

Um grito ecoa no ar ..... é gol  
Bem distante da nação  
Voa águia em liberdade  
O Brasil é Campeão

Vaiiiii

## **O ZODÍACO NO SAMBA - 1991**

**Autor: Ademir Roque**

ÔÔÔÔ-ÔÔ  
ÔÔÔÔ-ÔÔ

(((BIS)))

Nesta vida .....  
Nesta vida  
De mistério e sedução - e sedução e sedução  
Vou mostrar na avenida  
Minha escola tão querida  
E seu mundo de ilusão

Fascinante .....  
Fascinante - oh fascinante  
Belo e sensual  
É a astrologia a rainha  
E o motivo desse carnaval

Eu sou de Libra .....  
Eu sou de Libra  
Eu vou balançar  
A sorte eu não procuro  
Ela em minhas mãos virá ooiii

(((REFRÃO)))

Eu sou de peixes  
Eu vou mergulhar  
Nesse mar de fantasias  
Com a “Brinca” vou brincar

E saudar  
As estrelas  
Lá no infinito a nos guiar  
Lua amiga .....  
Lua amiga  
Clareia este meu sonhar  
Brilha o sol .....  
Brilha o sol  
Iluminando o meu caminhar

Hoje eu vou .....

Hoje eu vou

Vou ver Diana

(((BIS)))

Musa do Amor

**“O VÔO DA LIBERDADE NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO” - 1992**  
**Autor: Ademir Roque (Filho)**

Ecoou

Um grito de alerta pelo ar

(Bis)

Despertou

A humanidade que hoje ainda vive a sonhar

Brinca .....

Brinca Quem Pode

Hoje vai arrebentar

Neste dia de folia

Com toda a sua alegria

Sem dar bola pro azar

E o povo .....

O povo

Chora, sofre e lamenta

Grita, xinga e aguenta  
Sem direito a protestar  
E o índio .....

Índio dança  
Lança seu grito de guerra  
Implorando compaixão (Bis)  
Lutando por sua terra

Eu vou  
Vou vadiar  
Vou viver assim  
Vou tomar um super porre (Bis)  
Esquecer o que é ruim

E voar  
O vôo da liberdade  
Nas asas da imaginação  
Sobrevoando a passarela  
A águia do meu coração

**BRINCA COM AMOR E PAIXÃO, EIS A RAZÃO - 1993**  
**Autor: Ademir Roque (Filho)**

A paradinha dessa bateria  
Faz a galera toda arrepiar  
Incentivando nossa harmonia  
De emoção eu sei que vou chorar

Mas vem . . . . .  
Vem brilhar  
Não custa nada, vem sonhar  
Quero ver o povo vibrando  
Com o arrastão que agora vai passar

Eu sei que sou  
o seu prazer  
Mas vaidade não vai me vencer

Saia da sombra  
venha se aquecer  
Brinca Quem Pode é muito mais você

Mas hoje . . . . .  
Hoje o meu astral  
Está legal que sensação  
Brinca és amor, és paixão  
És poesia, és minha razão

Chorar . . . . .  
Chorar pra que chorar  
Academia está ai pra alegrar  
Vermelho e Branco  
Me envolve o coração  
Eu vou manter a tradição

**“BRASIL DO OIAPOQUE AO CHUÍ, TEM MAGIA QUE ME FAZ FELIZ” - 1994**

**Autor: Ademir Roque (Filho)**

BRASIL  
Cenário de grande beleza  
Vou te cantar em verso e prosa  
Exaltando a natureza

BRASIL  
És um imenso relicário  
Um verdadeiro santuário  
Um paraíso tropical  
BRASIL, meu BRASIL  
Mostra a cara neste carnaval.

DO OIAPOQUE AO CHUÍ  
TEM FUZUÊ, BELO MATIZ  
DO OIAPOQUE AO CHUÍ  
OI TEM MAGIA QUE ME FAZ FELIZ

BIS

Radiante . . . . .

Radiante de euforia  
Embarco neste sonho genial - Oh mas genial  
Coração verde-amarelo  
branco e azul anil  
Vê que lindo visual - Oh mas tem folclore  
Tem folclore, tem mandinga  
Culturas e tradições - Ih a grande arte  
A grande arte é o futebol  
Trazendo mais emoções - ôôô

ô - ôôô - ôôô - ôôô - ôô - ôôô - BRASIL  
ô - ôôô - ôôô - ôôô - ôô - ôôô - BRASIL

BIS

**“ANITA, UMA HISTÓRIA DE AMOR, SONHO E PAIXÃO” - 1995**  
**Autor: Ademir Roque (Filho)**

Quem não viu  
Hoje vai vem mais uma história do Brasil - o show . . . .  
O show vai começar  
Nossos artistas estão aí para encenar - amor . . . .  
Amor sublime amor  
Esse é o tema que o poeta encontrou  
Anita, és inspiração  
A tua vida foi amor, sonho e paixão

Um grande amor assim  
bis Tem que perpetuar  
Só fala mal de ti  
Quem nunca soube amar

Mas foi . . .  
Foi no século passado  
Que tudo aconteceu  
Um bravo herói italiano  
A nossa heroína conheceu  
Oi mas numa casa . . . .  
Na casa de caboclo  
Um cafezinho e Aninha apareceu



Amor a primeira vista  
O destino assim teceu

É no balanço que eu vou  
bis Eu também vou navegar  
Maravilhosa é a vida  
Nas ondas desse mar

Quem não viu . . . .

## **BOM, BONITO E BARATO - 1996**

**Autoria: Ademir Roque (Filho)**

Vai meu samba - vai  
Vai dizer a ela  
A tristeza foi embora - porque  
A Brinca já está na passarela.

Mas venho...  
Venho da ala norte da cidade  
Mas trago a felicidade  
Sou chamado de arrastão  
Quando alguém me trata  
com maldade  
Eu viro fera de verdade  
E grito jamais serei o vilão

Vai minha vermelho e branco  
Vai manter a tradição  
Nessa zueira arrebenta coração

Mas quando será...  
Quando será o dia da minha sorte  
Sei que o meu santo é forte  
Mas tá cansado de apanhar  
Festa profana é  
O meu mais forte axé  
Brinca Quem Pode mostra seu

Canto de fé  
Festa profana é  
O meu mais forte axé  
Nesse balanço vibra e  
Brinca quem pode

Que bonito...  
Bom, bonito e barato  
N'Avenida o fino trato  
Arrepiando de emoção  
Quem sente um pouco de saudade  
Da imparcialidade  
Sonhar também faz parte da ilusão

Vai meu samba...

Fonte: Folhetos distribuídos durante o carnaval e informantes (compositores)

## ANEXO II



**Foto 1: “Brinca Quem Pode” - Pré-carnaval 1993**



**Foto 2: “Brinca Quem Pode” - Pré-carnaval 1993**



**Foto 3: “Brinca Quem Pode” - Pré-carnaval de 1993**



**Foto 4: “Brinca Quem Pode” - Pré-carnaval de 1993**





**Foto 5: “Brinca Quem Pode” - Pré-carnaval de 1993**



**Foto 6: “Brinca Quem Pode” - Carnaval de 1993**



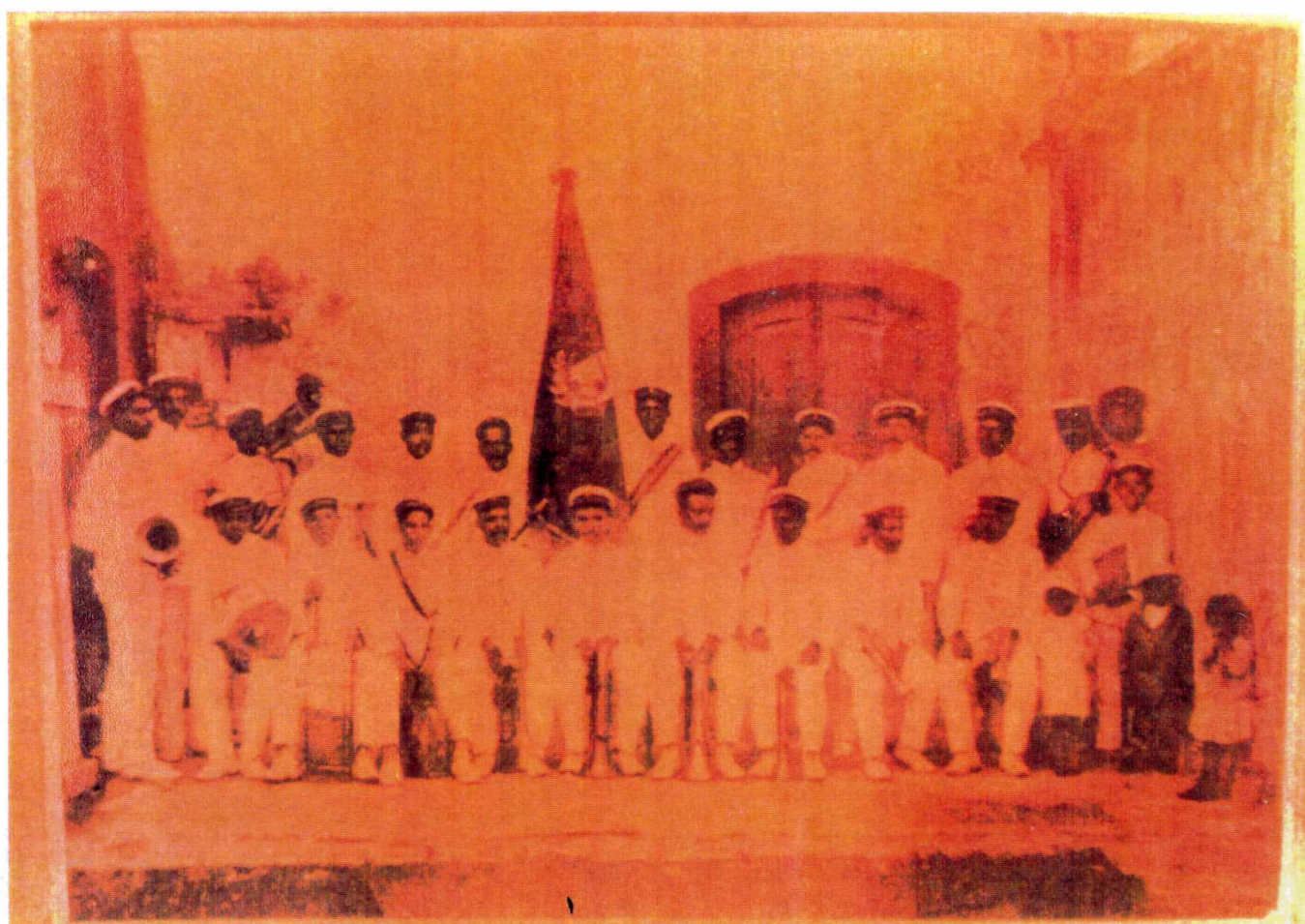


**Foto 7: “Brinca Quem Pode” - Carnaval de 1993**



**Foto 8: “Baeta Futebol Lazer” - Time Veterano**





**Foto 9: Sociedade Musical “União dos Artistas” - (1915)**  
**\* sócios e frequentadores do “Cruz e Souza” \***

## ANEXO III

### “Brinca Quem Pode” no Carnaval de Laguna:

ANO	FANTASIA/TEMA ENREDO	COLOCAÇÃO	PRESIDENTES ELEITOS OU INDICADOS
1948	Camisa listradas		
1949	Malandros ao luar		
1950	Marinheiros americanos		
1951	Bando da lua		
1952	* o bloco não desfilou		
1953	Cowbois		
1954	Corneteiros da guarda imperial alemã		
1955	Espantalhos do diabo		
1956	Cavaleiros australianos		
1957	Piratas mouriscos		
1958	Búfalo Bill		
1959	Soldados budistas		
1960	Espadachins franceses		
1961	Dançarinos brasileiros		
1962	Trovadores do amor		
1963	Soldados egípcios		
1964	Caçadores da montanha		
1965	Bumba meu boi		
1966	Gaúchos	1º LUGAR	
1967	Guerreiros Tártaros	1º LUGAR	
1968	Éric o ruivo	1º LUGAR	BENTO PASCOAL, VERGES DA SILVA, NERI DOS SANTOS
1969	Feiticeiros congoleses		JOÃO LEONEL CORREIA
1970	Favoritos da Deusa Malaia		PAULO TIBÚRCIO DOS REIS ANTONIO DOMINGOS CORREIA
1971	Príncipe Amarab		LUIZ BENEDITO DOS SANTOS
1972	Filhos do sol		LUIZ BENEDITO DOS SANTOS
1973	Os maias	1º LUGAR	LUIZ BENEDITO DOS SANTOS
1974	Rei Netuno	2º LUGAR	CARLOS MACHADO MARTINS
1975	Espantalhos do Tibet	4º LUGAR	JOÃO PACHECO DOS REIS
1976	Epopéia dos Érics	3º LUGAR	JOÃO ANDRÉ DOS REIS
1977	Lendas e mistérios do negro no Brasil	3º LUGAR	JOÃO ANDRÉ DOS REIS
1978	Inconfidência Mineira	4º LUGAR	PAULO TIBÚRCIO DOS REIS, MÁRIO VITOR RODRIGUES (VERGES DA SILVA), EROTILDES GARCIA
1979	Alegria, alegria	4º LUGAR	EROTILDES GARCIA
1980	Nosso carnaval, nossa história	6º LUGAR	PAULO TIBÚRCIO DOS REIS, EROTILDES GARCIA



1981	A era maravilhosa das fantasias	5º LUGAR	ANTONIO PAULO BENTO
1982	Adoradores do sol	4º LUGAR	ANTONIO PAULO BENTO
1983	Festa colorida e dança da Deusa Vodum	4º LUGAR	VALTAIR ERNESTO DA SILVA
1984	Com Baeta vamos lá	8º LUGAR	INÁCIO CELSO ABEL
1985	Samba, suor e cerveja	7º LUGAR	EROTILDES GARCIA
1986	Rei sol, amiga lua	5º LUGAR	JOSÉ MAURÍCIO
1987	Carnaval tropical	5º LUGAR	JOSÉ MAURÍCIO
1988	Brasil de todos os tempos	5º LUGAR	ADEMIR ROQUE (FILHO)
1989	E por falar em saudades	5º LUGAR	CARLOS GUALBERTO DA SILVA
1990	Resplandecer de uma nova década	3º LUGAR	ADEMIR ROQUE (FILHO)
1991	Zodíaco no samba	2º LUGAR	ADEMIR ROQUE (FILHO)
1992	O vôo da liberdade nas asas da imaginação	2º LUGAR	ADEMIR ROQUE (FILHO)
1993	Brinca com amor e paixão, eis a razão	3º LUGAR	DOMINGOS DE CARVALHO ROSA
1994	Brasil do Oiapoque ao Chui, tem magia que me faz feliz	3º LUGAR	ADEMIR ROQUE (FILHO)
1995	Anita, uma história de amor, sonho e paixão	4º LUGAR	ADEMIR ROQUE (FILHO)
1996	Bom, Bonito e Barato	2º LUGAR	ADEMIR ROQUE (FILHO)

Fonte: Ata I e II do "Brinca Quem Pode"

## **ANEXO IV**

### **Escolas de Samba - Campeãs do Carnaval de Laguna**

1974 - Os Bem Amados  
1975 - “  
1976 - “  
1977 - Vila Izabel  
1978 - “  
1979 - “  
1980 - “  
1981 - “  
1982 - Xavantes  
1983 - “  
1984 - Democratas  
1985 - “  
1986 - Vila Izabel  
1987 - ? -----> (primeiro desfile “Passarela do Samba” - Rua Gustavo Richard)  
1988 - ?  
1989 - Democratas  
1990 - “  
1991 - “  
1992 - “  
1993 - Xavantes  
1994 - Democratas  
1995 - “  
1996 - “

Fonte: Mapas de contagem (PML) e Ata I e II do “Brinca Quem Pode” e informantes